

#SOMOS TODOS ENAR



EXAME NACIONAL REFORMISTA



APOSTILA DE ESTUDOS

Conhecendo a Divindade



A MAIOR PROVA DE
CONHECIMENTOS
BÍBLICOS DO BRASIL

EDIÇÃO
2019



JAVENS
UNISUL

DEPARTAMENTOS DE JOVENS DAS
UNIÕES NORTE E SUL BRASILEIRAS



EXAME NACIONAL REFORMISTA-2019



APOSTILA DE ESTUDOS

OBJETIVOS:

- 1) DESTACAR A IMPORTÂNCIA DE CONHECER NOSSA DOUTRINA
- 2) ESCLARECER SOBRE A SOLENIDADE DO TEMPO EM QUE VIVEMOS
E NOSSO PAPEL NO GRANDE CONFLITO HOJE
- 3) CONFIRMAR NOSSA IDENTIDADE PROFÉTICA COMO ADVENTISTAS REFORMADORES

Maratona ENAR:

O que é?

A maratona é o desafio de todos os jovens estudarem a apostila completa antes do dia da prova.

Onde?

Pode ser num parque, na casa de um jovem, na igreja ou outro lugar conforme a liderança achar melhor

Quando estudar?

A sugestão é que cada final de semana tenha um aulão de um estudo da apostila. Que seja sexta à noite, sábado à tarde ou domingo antes do culto conforme a realidade de cada igreja.

Quem?

Membros e interessados devem participar, inclusive deve ser feito um esforço coletivo para que todos os jovens estejam envolvidos

Como?

De uma forma espiritual, dinâmica e bem objetiva. O pastor, obreiro, dirigente da igreja ou o departamental de jovens exporá o assunto.

03/12/2017: Que venha a prova!

ÍNDICE

1. Quem é Deus?	04
2. O Deus dos nossos pais	09
3. A Triunidade de Deus no Novo Testamento	14
4. A Divindade de Cristo revelada na Antiga Aliança	20
5. Jesus Cristo, Deus pleno	25
6. “E o Verbo se Fez carne”	30
7. O Espírito Santo	36
8. Os dons do Espírito Santo	42
9. O Deus triuno nos ama	49
Conclusão — E agora, que faremos?	54

1



Quem é Deus?

Compreender corretamente a Deus e as Suas ações é vital para a nossa salvação

A importância de termos um conhecimento correto acerca de Deus foi destacada por Jesus: “*Esta é a vida eterna: que Te conheçam, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste*” (João 17:3). Esse conhecimento envolve a nossa salvação eterna. Contudo, enfrentamos algumas dificuldades para conhecer plenamente a Divindade. Há uma limitação natural própria da condição humana. Devido à diferença abissal que existe entre o homem e Deus, precisamos ter humildade para reconhecer que não podemos saber tudo sobre Ele.

A tradição conta uma história sobre Agostinho,¹ que pode nos ajudar a entender as limitações que temos em compreender a natureza trina de Deus. O sábio pai da igreja queria entender como Deus, sendo um, podia ser três ao mesmo tempo. Para refrigerar a mente, resolveu caminhar na praia enquanto refletia sobre o problema. Imerso em seus pensamentos, só percebeu uma criança brincando à beira-mar quanto já estava bem próximo dela. O menino havia cavado um buraco na areia e, com uma canequinha, corria para o mar a fim de enchê-la com água salgada. Em seguida, voltava rápido ao buraco para derramar a água nele. Depois reiniciava o processo. Tomado pela curiosidade, o ilustre pensador perguntou à criança:

— O que você está fazendo?

— Colocando o mar dentro desse buraco — respondeu inocentemente o pequeno.

Antes de afirmar que aquilo era impossível, Agostinho se deteve e, como se um raio atingisse seu coração, entendeu que estava tentando fazer a mesma coisa. Querer entender Deus em todas as Suas dimensões é como tentar colocar o oceano dentro de um buraco na praia.

Nessa busca, o estudante deve ter a cautela de não cair na armadilha da especulação filosófica. Quando vamos além do que está escrito, podemos ensinar algum erro, alguma heresia. Talvez a falta de cuidado nesse ponto seja fruto do orgulho espiritual, que leva a pessoa a não conseguir separar entre o que a Bíblia ensina de fato e o que a própria pessoa gostaria que a Palavra de Deus ensinasse.

Nesse ponto da nossa reflexão, cabe a advertência da pena inspirada:

“A revelação que Deus de Si mesmo deu em Sua Palavra é para nosso estudo. Esta podemos procurar compreender. Mas além disto não devemos penetrar. O mais elevado intelecto pode esforçar-se até à exaustão em conjecturas concernentes à natureza de Deus, mas os esforços serão infrutíferos. Esse problema não nos foi dado a solver. Nenhuma mente humana pode compreender a Deus. Ninguém deve se entregar a especulações com referência à Sua natureza. A esse respeito, o silêncio é elo-

quência. O Onisciente está acima de discussão. [...] Somos tão ignorantes acerca de Deus como criancinhas; mas, como criancinhas, é-nos dado amá-LO e obedecê-LO.”²

Ellen White reconhece que existem limitações para entendermos plenamente a natureza de Deus. Os teólogos chamam essa dificuldade de *mistério*. No sentido bíblico, *mistério* é o conhecimento divino que está oculto ao homem e que é revelado por Deus. Sproul explica que “o termo *mistério* se refere àquilo que é verdadeiro, mas não entendemos. A Trindade, por exemplo, é um mistério. Não posso penetrar no mistério da Trindade ou da encarnação de Cristo com minha mente falível. Tais verdades são muito elevadas para mim.”³

Por esta razão, para o homem, Deus é misterioso (Isaias 45:15). O mesmo pode ser dito sobre o pecado. Ele é real, mas por não podermos explicar a sua origem, Paulo o chama de “*mistério da iniqüidade*” (2 Tessalonicenses 2:6).

Contudo, existem mistérios que podem ser entendidos. O NT (NT) revela verdades que eram ocultas para o povo do AT (Antigo Testamento). O plano da salvação é classificado como *mistério* por ter sido revelado em muitos de seus aspectos apenas na encarnação do Filho (Romanos 16:25-27; 1 Coríntios 2:1). O próprio fato de que Deus Se fez homem e andou entre nós é descrito na Bíblia como o “*mistério da piedade*” (1 Timóteo 3:16).

Por essa razão, Ellen White nos adverte contra as especulações com respeito à pessoa de Deus. Não devemos nos esquecer de que a moldura histórica que envolveu esse conselho foi a crise panteísta⁴ que o Movimento Adventista enfrentou há mais de cem anos. Note que ela não está proibindo o seu estudo, mas sim as especulações filosóficas que vão além do que está escrito.

Opiniões não cristãs sobre Deus

Antes de avançarmos em nosso estudo sobre a Divindade, vamos conhecer algumas correntes de pensamento que são contrárias ao Deus revelado pelas Escrituras.

Ateísmo — O termo é formado por duas palavras gregas, o prefixo “*a*”, de negação, mais a palavra “*theos*”, que significa *Deus*. Assim, ateísmo é a corrente filosófica que nega a existência de Deus. Podemos identificar três tipos de ateísmo: (1) o *prático*, (2) o *dogmático* e (3) o *virtual*. O *ateísmo prático* é representado pelas pessoas

comuns que, decepcionadas com a atitude de cristãos nominais, sentem que sua fé em Deus esfriou. Eles se tornam indiferentes à religião e vivem como se Deus não existisse. O *ateísmo dogmático* é formado por aqueles que defendem abertamente a não existência de Deus. Pode ser chamado também de *ateísmo militante*. Por fim, o *ateísmo virtual* é ensinado por pessoas que despersonalizam Deus pela remoção de Seus atributos pessoais, tornando-O, assim, abstrato. Nesse caso, a pessoa acredita que uma energia cósmica, a natureza ou mesmo a consciência social governariam a nossa vida.⁵

Agnosticismo — É constituído por duas palavras gregas. Novamente o prefixo “*a*” de negação mais a palavra “*gnose*” que tem o sentido de “*conhecimento*”. Agnósticos são aqueles que, ao afirmarem ser impossível qualquer conhecimento verdadeiro, defendem que nem a existência nem a natureza de Deus, além da essência suprema do universo, podem ser conhecidas.⁶

Panteísmo — Também formada por dois vocábulos gregos, “*pan*” que significa tudo ou todos, mais a palavra “*theos*” que, como vimos, é traduzida por “*Deus*”. No sentido etimológico, o *panteísmo* se refere à doutrina que afirma não existir um Deus pessoal, mas que todas as coisas fazem parte de um ser eterno e autoexistente. No pensamento budista, o alvo da alma é alcançar um estágio de evolução espiritual onde a própria consciência deixaria de existir e seria dissolvida nessa divindade suprema. Eles chamam esse estado de iluminação de *Nirvana*. Em última instância, o panteísmo é um tipo de ateísmo, na medida em que ensina que tudo faz parte do ser divino, e que não existe um Deus pessoal.

Politeísmo — A religião original da humanidade foi o monoteísmo (do grego “*mono*”, “*um*”, mais a palavra grega para Deus, “*theos*”). O primeiro ato de afastamento da crença no Deus único foi em direção ao culto à natureza (Sol, Lua e estrelas no céu; fogo, ar e água, na Terra). Com o tempo, as forças da natureza foram personificadas e se tornaram deuses.⁷ Assim, no culto afro-brasileiro, Iemanjá é a deusa das águas; na mitologia nórdica, Thor é o deus do trovão.

Dualismo — Essa corrente de pensamento assume que existem dois princípios distintos que movem o universo: o Bem e o Mal. De origem persa, o Zoroastrismo influenciou o movimento herético conhecido como gnosticismo, que rondou por muito tempo o cristianismo. Para

o gnóstico existem dois deuses: um supremo, e outro um semideus. Como esse Ser supremo é inteiramente bom e não pode fazer nada imperfeito, o nosso mundo, que é mau, foi criado pelo semideus. No terceiro século da era cristã, surgiu o Maniqueísmo, fundado por Maní. Ele tentou fundir o dualismo oriental com o cristianismo. Para esse grupo, Deus e a matéria (ou Satanás) seriam eternos. Deus teria poder e conhecimento limitado e estaria fazendo o melhor para vencer o mal.

Deísmo — Se, por sua vez, os panteístas sacrificam a transcendência⁸ de Deus para defender Sua imanência, os deístas cometem o erro contrário ao ensinar que Sua transcendência elimina a imanência.⁹ Para o deísmo clássico, Deus criou leis naturais infalíveis que governam o mundo. Sobre elas, Ele apenas exerce uma supervisão. Assim, não haveria milagres. Esse grupo ensina que Deus pode ser compreendido apenas pelo uso da razão sem a necessidade de revelação especial, trazida pela Bíblia. Thiessen argumenta que o pensamento deísta leva à seguinte conclusão: “Um Deus deístico, ausente, não é muito melhor que não ter Deus algum”.¹⁰

Uma definição de Deus

Afinal, segundo o conceito bíblico, quem é Deus? Essa questão é muito ampla e, ao tentar defini-la, podemos cometer o erro de limitar Deus. Porém, podemos traçar alguns conceitos básicos para entender a Divindade, baseados na revelação das Escrituras Sagradas. Toda tentativa de definir Deus é imperfeita, pois o finito não pode conter o infinito. Apesar dessa dificuldade, o esforço vale a pena porque pode nos ajudar a torná-lo mais claro à compreensão.

O professor Langston define Deus com as seguintes palavras: “Deus é Espírito pessoal, perfeitamente bom que, em santo amor, cria, sustenta e dirige tudo”¹¹.

Essa definição é útil porque destaca tanto a natureza de Deus (Ele é Espírito pessoal), como o Seu caráter (perfeitamente bom). Além de revelá-lo como a causa primária do Universo (criou, sustenta e dirige tudo), destaca como Se relaciona com tudo o que criou (santo amor).

Os atributos de Deus

Outra forma de tentarmos entender Deus é estudando os Seus atributos. Eles são aspectos do caráter de Deus que podem nos ajudar a

compreender melhor quem Ele é. Atributos são qualidades dadas a um ser que existe. Há diversas formas de classificar os atributos divinos, mas nesse estudo vamos agrupá-los conforme o modo como Ele Se relaciona com a criação. Assim, teremos os atributos relacionados à natureza de Deus, que dizem respeito apenas a Ele mesmo, independentemente da Sua criação; os atributos ativos, que dizem o que Deus é em relação ao universo; e os atributos morais, que falam de Deus em relação às Suas criaturas.¹²

Os atributos relacionados à natureza íntima de Deus são: espiritualidade, infinitude, unidade.

Por *espiritualidade* queremos dizer que Deus é Espírito (João 4:24). Isso significa que, apesar de ser invisível ao pecador (Colossenses 1:15; 1 Timóteo 1:17; Hebreus 11:27), Ele tem personalidade, pois pensa, sente, deseja e Se comunica com Suas criaturas. Ele não está limitado como os seres humanos, que possuem corpos físicos. Ele é um ser real, pois Cristo fez referência à Sua forma (João 5:37, comparar com Filipenses 2:6).¹³

Ao mesmo tempo que Deus é imanente, está dentro da Sua criação e interage com ela, Ele também é transcidente, ou seja, tem uma existência que vai além das coisas criadas. Por isso, o rei Salomão pôde dizer durante sua prece de dedicação do primeiro templo:

“Mas será possível que Deus habite na Terra? Os céus, mesmo os mais altos Céus, não podem conter-Te. Muito menos este templo que construí!” (1 Reis 8:27; ver também 2 Reis 2:6; 2 Reis 6:18).

Por *infinitude* queremos dizer que Deus não está sujeito às limitações naturais dos seres humanos. Isso se manifesta de duas maneiras: no tempo e no espaço. No tempo, porque para Ele não existem presente, passado e futuro. Tudo é como se fosse um eterno presente. Ele não veio à existência, mas sempre existiu. Ele é eterno (Salmos 90:2). No espaço, porque a presença divina se manifesta em todos os lugares do universo de forma igual.

Por *unidade* de Deus afirma-se que Ele é exclusivo e não existe outro que se Lhe possa comparar (Êxodo 20:3; Deuteronômio 4:35 e 39; 1 Samuel 2:2; 2 Samuel 7:22 etc.). A base da fé de Israel estava nas palavras de Deuteronômio 6:4, “Ouça, ó Israel: O Senhor, o nosso Deus, é o único Senhor”).

Os *atributos ativos*, que falam do que Deus é em relação à Sua criação: onipotência, onipresença, onisciência, imutabilidade, eternidade e

soberania. Quando dizemos que Deus é *onipotente* (Deuteronômio 3:24; Deuteronômio 32:39; Jó 40:2 etc.), significa que Ele pode fazer tudo o que esteja de acordo com Sua santa natureza, e que tem poder para controlar tudo que existe, segundo a Sua vontade. Toda a vida é sustentada por Deus.

Deus também é *onipresente*, ou seja, não há lugar na Sua criação em que Ele não esteja presente (Deuteronômio 4:39; Salmos 139:7-10; Provérbios 15:3 e 11; Efésios 1:23 etc.). Pearlman destaca que “embora Deus esteja em todo lugar, ele não *habita* em todo lugar. Somente ao entrar em *relação pessoal* com um grupo ou com um indivíduo, se diz que ele *habita* com eles”.¹⁴

Outro atributo ativo de Deus é a *onisciência*; ou seja, Ele conhece todas as coisas (1 Crônica 28:9; Salmos 139:1-16; Salmos 147:4 e 5; Isaías 40:28). Seu conhecimento é perfeito. Ele não precisa pesquisar ou aprender sobre qualquer assunto. Segundo Langston, “a nós só ocorrem lembranças do passado; para Deus, porém, tanto o passado como o futuro constituem uma só lembrança”.¹⁵ É muito reconfortante saber que “o seu Pai sabe do que vocês precisam, antes mesmo de o pedirem” (Mateus 5:8).

A Bíblia também ensina que Deus é *imutável*, ou seja, que não age de forma imprudente ou quebra a Sua palavra, mas que é o mesmo ontem, hoje e eternamente. “Toda boa dádiva e todo dom perfeito vêm do alto, descendo do Pai das luzes, que não muda, como sombras inconstantes” (Tiago 1:17).

Por fim, dizemos que Deus é soberano sobre Sua criação, que Ele pode agir conforme Sua vontade, sem ser questionado (Daniel 4:35; Romanos 9:21). Ele tem esse direito porque todas as coisas vieram à existência pela Sua vontade (Apocalipse 4:11) e se mantêm vivas pelo Seu poder (Atos 17:28).

Por fim, podemos falar dos *atributos morais* de Deus, ou seja, o que Deus é em relação às Suas criaturas. São eles: Santidade, justiça, fidelidade, misericórdia, amor e bondade.

Deus é *santo* (Levítico 11:44; 1 Pedro 1:15 e 16; Apocalipse 4:8). Isso quer dizer que Ele não pode pecar e nem tolerar o pecado, porque é puro.

Deus é *justo* (Salmos 119:137). A justiça é a santidade em ação. Deus é justo quando livra o inocente, condena o ímpio e exige que se faça justiça. Ele é justo quando perdoa o pecador e

lhe concede vida eterna: “Já agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto Juiz, me dará naquele Dia; e não somente a mim, mas também a todos quantos amam a Sua vinda” (2 Timóteo 4:8).

Deus é *fiel* (Êxodo 34:6; Números 23:19; 1 Coríntios 10:13). Ele não falha, e seguramente cumprirá aquilo que prometeu.

Deus é *misericordioso* (Lamentações 3:22). Significa que Sua bondade nos alcança, apesar da nossa condição pecaminosa deplorável. Ele manifestou Sua misericórdia quando enviou Cristo ao mundo para morrer por nós, apesar de não merecermos.

Deus é *amor* (1 João 4:9 e 10). Deus não tem amor, pois Ele é o amor em pessoa. Por isso, busca manter uma relação próxima com Suas criaturas, em especial com aqueles que também O amam.

“Deus é amor” (1 João 4:8), está escrito sobre cada botão que desabrocha, sobre cada haste de erva que brota. Os amáveis passarinhos, a encher de música o ar, com seus alegres trinos; as flores de delicados matizes, em sua perfeição, impregnando os ares de perfume; as altaneiras árvores da floresta, com sua luxuriante ramagem de um verde vivo — *todos testificam da terna e paternal solicitude de nosso Deus, e de Seu desejo de tornar felizes os Seus filhos*.¹⁶

Deus é *bom* (Salmos 73:1; Mateus 19:17). Por essa razão, Ele concede vida e outras bênçãos a Suas criaturas (Salmos 25:8).

A doutrina da Trindade

Depois do exposto acima, resta responder à pergunta inicial, de Agostinho: Como Deus pode ser um e três ao mesmo tempo? Deus Se revelou através das Escrituras. Nela encontramos tudo o que precisamos saber sobre Ele. Temos todas as respostas para as perguntas que fazemos? Não. Mas, através daquilo que está revelado, podemos desenvolver um relacionamento profundo e amoroso com a Divindade. Quando o ser humano busca responder os próprios questionamentos, indo além do que está escrito, entrará no campo da especulação e fatalmente cairá na heresia. Essas pessoas tentam colocar Deus dentro de uma caixa — sua mente — e querem entender todos os aspectos referentes a Ele. Isso é impossível.

A tentativa de entender a divindade além da

revelação pode levar a dois extremos: o triteísmo¹⁷ ou ao monarquianismo.¹⁸ O triteísmo ensina que Deus consiste em Três pessoas distintas, mas que cooperam entre Si. Esse grupo reduz o Deus trino a uma espécie de governo de três poderes — legislativo, executivo e judiciário. Essa visão transforma a divindade em um panteão pagão, uma tríade de divindades.

Para o Modalismo Monárquico, por sua vez, existe apenas um Deus que Se manifesta de três modos diferentes. O exemplo clássico que dão é de uma pessoa que pode desempenhar diversos papéis ao longo do dia, tal como marido, pai e profissional. Assim, o Pai é o Deus do AT, o Filho é a mesma pessoa, que Se manifestou entre os homens, e o Espírito Santo é o Deus da nova dispensação.

Essas concepções são contrárias às Escrituras. Essas visões não revelam o Deus da Bíblia. São entendimentos parciais que revelam apenas alguns aspectos de Deus, mas não Sua totalidade. Precisamos entender a doutrina da Triunidade de Deus como uma espécie de muro que protege o nosso intelecto contra o erro das especulações sobre a Sua natureza. Deus é um em essência e três em pessoa. As Escrituras são claras em três questões: (1) Deus é um; (2) Pai, Filho e Espírito Santo são divinos em todos os sentidos; por fim, (3) podemos distinguir um do outro pela obra que realizam.¹⁹ Tudo o que for além dessas afir-

mações pode ser classificado como heresia. Nos próximos artigos veremos se a doutrina da Triunidade de Deus está baseada nas Escrituras.

Referências

- 1 Agostinho (354-430 d.C.), em latim *Aurelius Augustinus Hippomensis*, foi bispo de Hipona, cidade no norte da África. Foi um dos mais importantes teólogos e filósofos nos primeiros séculos do cristianismo, cujas obras foram muito influentes no desenvolvimento do cristianismo e da filosofia ocidental.

2 WHITE, Ellen G. *A ciência do bom viver*, p. 429 e 430.

3 SPROUL, R. C. *Eleitos de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã (2016), pp. 32 e 33.

4 **Crise Panteísta:** Liderado pelo Dr. John Harvey Kellogg (1852-1943), médico e pensador religioso adventista, foi um grande movimento pró-panteísmo; crença que o levaria à apostasia e consequente abandono da fé adventista.

5 THIESSEN, Henry Clarence. *Palestras introdutórias à Teologia Sistemática*. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1997, pp. 34 e 35.

6 *Ibidem*, pp. 35 e 36.

7 *Ibidem*, p. 43.

8 **Transcendência:** Qualidade daquilo que está acima das ideias e dos conhecimentos ordinários. Que excede os limites normais; superior, sublime.

9 **Inanéncia:** Diz-se daquilo que permanece no âmbito da experiência possível, agindo na captação da realidade através dos sentidos. Que está inseparavelmente contido na natureza de um ser ou de um objeto.

10 LANGSTON, A. B. *Esboco de Teologia Sistemática*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1951, p. 35.

11 PEARLMAN, Myer. *Conhecendo as doutrinas da Bíblia*. São Paulo: Vida, 1990, p. 45.

12 *Ibidem*.

13 *Ibidem*, p. 47.

14 LANGSTON, A. B. *Esboco de Teologia Sistemática*, p. 54.

15 Citado por PEARLMAN, Myer. *Conhecendo as doutrinas da Bíblia*, p. 48.

16 WHITE, Ellen G. *Caminho a Cristo*, p. 10 e 11.

17 **Triteísmo** é a crença na existência de três deuses, com personalidades distintas. Esse ensino se opõe à doutrina bíblica da Trindade que, como vimos, ensina que existem Três pessoas, mas uma essência divina.

18 **Modalismo ou Modalismo Monárquico** defende que Deus é uma pessoa que Se manifesta de três maneiras diferentes. É também conhecido como Sabélianismo por causa de seu fundador, Sabélio.

19 WILLMINGTON, Harold L. *A pessoa e o ministério de Deus Pai* in Mal Couch (ed.). *Os fundamentos para o século XXI: examinando os principais temas da fé cristã*. São Paulo: Haqnos, 2009, p. 256.

Anotações para estudo:

2



O Deus dos nossos pais

A revelação da Triunidade de Deus no Antigo Testamento

Em diversos momentos da história da Igreja Cristã, a doutrina da Triunidade foi atacada em algum dos seus aspectos. Isso ocorreu com certa regularidade. Ora surge algum movimento que acusa a doutrina da Triunidade de ser uma herança do paganismo, ora a ênfase recai sobre cada pessoa da Divindade, descambando para o triteísmo. Num momento, a missão do Espírito Santo fica em evidência, como acontece no pentecostalismo; noutro, Sua personalidade é negada, como nos movimentos unicistas. Um grupo enfatiza a humanidade de Cristo em detrimento de Sua divindade; outro destaca Sua divindade ao mesmo tempo que nega Sua humanidade.

Nos últimos tempos surgiram ministérios independentes, tanto no Brasil quanto no exterior, que têm questionado essa doutrina no meio adventista. Pensam ter uma nova luz para dar ao povo de Deus,¹ ou seja, um aspecto da verdade que só eles compreendem e mais ninguém. Por isso, sentem-se imbuídos de um sentimento de zelo missionário em favor da igreja. Na verdade, estão apenas reproduzindo velhas heresias e desviando o povo do conhecimento do verdadeiro Deus.

Apesar da palavra Trindade não aparecer na Bíblia, a doutrina é claramente descrita pela revelação. Para evitar qualquer confusão doutrinária, preferimos nos referir a essa doutrina como *Triunidade de Deus* ao invés do termo controvertido, *Trindade*.

A compreensão dessa doutrina é mais explícita e completa no NT. Se bem que não exista uma exposição tão clara, também encontramos indícios dela nas páginas do AT. Isso ocorreu porque a revelação da doutrina da triunidade está relacionada com o plano da salvação. À medida que Deus foi revelando o evangelho ponto a ponto, a doutrina da Triunidade de Sua natureza foi se tornando mais clara.

O monoteísmo judaico

A religião monoteísta de Israel contrastava com o politeísmo do mundo antigo. No AT, na maior parte do tempo, os profetas denunciavam o encantamento do povo de Israel pelo culto politeísta das nações vizinhas. A luta para defender o monoteísmo israelita pode ser dividida em dois momentos. No primeiro, o povo era seduzido pelo culto politeísta das nações vizinhas de Israel. Os profetas encontravam dificuldades para converter o povo desses cultos para a fidelidade a Jeová. Isso foi assim até o tempo do segundo exílio, o cativeiro babilônico. Num segundo momento, quando o povo judeu retornou para a Palestina, parece que o politeísmo não exercia mais o mesmo fascínio de antes, e

a nação passou a repudiar qualquer tentativa de adoração a outro deus.

Contudo, em qualquer tempo, os profetas de Deus lutavam para destacar o monoteísmo da religião de Israel. Através do profeta Isaías, o Senhor afirmou: “Eu sou o primeiro e Eu sou o último; além de Mim não há Deus” (Isaías 44:6); “pois Eu sou Deus, e não há nenhum outro” (Isaías 45:22); “antes de Mim nenhum deus se formou nem haverá algum depois de Mim”, (Isaías 43:10).²

Apesar dessa ênfase na singularidade de Jeová, o próprio Senhor procurou ensinar ao Seu povo que havia uma unidade composta dentro da divindade. Como havia o risco de o povo cair num conceito politeísta de Deus, a revelação dessa doutrina ficou um tanto velada no texto do AT.

“Shema”

Um caso que demonstra a pluralidade dentro da divindade encontra-se no texto de Deuteronômio 6:4, “Ouça, ó Israel: O Senhor, o nosso Deus, é o único Senhor”. Essa passagem é conhecida como “shema” (ouve), a primeira palavra do texto no original hebraico. No original está escrito: “Shema Ysra’el YHWH ‘elohenu YHWH ‘echad.”

No hebraico existem duas palavras para expressar unidade: ‘echad e yachid. ‘Echad designa unidade composta, como em Gênesis 2:24, “e eles se tornarão uma [‘echad] só carne”. Yachid se refere à unidade absoluta, como em Juízes 11:34, “E ela era filha única [yachid]. Ele [Jefté] não tinha outro filho.” Para Pedro Apolinário, “devemos fazer distinção entre... ‘echad que significa união, do verbo yakhâd = unir; e yachid, que quer dizer solitário, só um,unicamente.”³

Moisés poderia ter usado a palavra hebraica que significa unidade simples, mas, guiado pelo Espírito Santo, usou a palavra que significa unidade composta. O Senhor queria preparar o espírito de Seu povo para a revelação da existência da triunidade divina.

Indícios da Triunidade de Deus

A pluralidade dentro da divindade se revela já na obra da criação. Relatando a criação humana, Moisés escreveu: “E disse Deus: Façamos o homem à Nossa imagem” (Gênesis 1:26). O sujeito da frase é Deus, indicado na flexão singular do substantivo. Tal situação exige a flexão do verbo na primeira pessoa do singular. Ficaria assim: “E disse Deus: Faço o homem à Minha imagem.” Mas, ao dizer “façamos” em lugar de “faço”, Deus

deixa muito claro que o ato de criar foi compartilhado. Mas, com quem Deus estaria falando? Com outro ser (ou seres) que tenha o mesmo status dEle. Os grupos que não aceitam a doutrina da Triunidade levantam duas objeções contra esta explicação.

Em primeiro lugar, para eles, essa passagem não estaria descrevendo a unidade composta de Deus, pois o uso da expressão “façamos” é uma espécie de plural majestático,⁴ uma flexão comum aos monarcas quando falam em público. Essa explicação revela desconhecimento dos tempos bíblicos, pois não se pode encontrar um só exemplo de um rei falando assim nas páginas da Bíblia. A segunda explicação que os antitrinitarianos dão é que Deus estaria conversando com os anjos. Sobre isso, comenta E. H. Bancroft:

“Alguns afirmam que ‘nós’ (oculto), em Gênesis 1:26, que diz: ‘Façamos o homem à nossa imagem [...]', refere-se à consulta de Deus com os anjos, com quem Ele toma conselho sempre que faz algo importante; mas Isaías 40:14 diz: ‘Com quem tomou Ele conselho [...]?’ mostra que tal suposição é sem base; e, além disso, Gênesis 1:27 contradiz essa ideia, pois repete a afirmação ‘[...] à nossa imagem [...]’ (mostrando que isso não se refere à imagem de Deus e dos anjos): ‘[...] Criou Deus pois, o homem à Sua imagem, à imagem de Deus o criou [...].’ Acresce, ainda, que a tradução mais correta desse versículo não seria ‘façamos’, e sim, ‘faremos’, indicando antes a linguagem da resolução do que da consulta.”⁵

Além da criação do homem, as Escrituras revelam a ação da Triunidade na formação do universo. Ela declara que não só o Pai é criador, mas que o Espírito Santo e o Filho também são. No início do primeiro capítulo de Gênesis, está escrito que “o Espírito de Deus Se movia sobre a face das águas” (versículo 2). Apesar de o Espírito Santo não ser apresentado como alguém distinto dentro da divindade nessa passagem, é revelado como criador. Jó 33:4 reforça esse ensino: “O Espírito de Deus me fez” (ver também Salmos 104:30). Fazendo referência ao Filho como parte integrante na criação através da figura alegórica da palavra Sabedoria, Salomão menciona: “Fui estabelecida deste a eternidade [...] quando fixava o mar e os limites [...] estava com Ele e era o Seu arquiteto” (Provérbios 8:23, 29 e 30).⁶

Quanto à participação do Pai na criação, Moisés menciona em seu cântico: “É assim que retribuem ao Senhor, povo insensato e ignorante? Não

é Ele o Pai de vocês, o seu Criador, que os fez e os formou?” (Deuteronômio 32:6). O NT apresenta também o Filho como alguém ativo na criação: “Todas as coisas foram feitas por intermédio d’Ele [o Verbo].” (João 1:3. Veja também Colossenses 1:16 e Hebreus 1:2). A obra da criação foi atividade divina: “Pois toda a casa é construída por alguém, mas Deus é o edificador de tudo” (Hebreus 3:4). A participação do Filho e do Espírito Santo na obra da criação reafirma a divindade deles. Contudo, embora as Escrituras declarem que Deus Pai é criador juntamente com o Filho e o Espírito Santo, ela é clara em dizer que Deus criou tudo sozinho: “Eu sou o Senhor, que fiz todas as coisas, que sozinho estendi os céus, que espalhei a terra por mim mesmo” (Isaías 44:24 Almeida, Revista e Atualizada). Há contradição nisso? Não. É apenas o mistério da Triunidade revelada na obra da criação.

Além da criação, no relato da queda do homem encontramos outra referência à pluralidade dentro da divindade. Logo após a entrada do pecado no mundo, a Bíblia afirma: “Então disse o Senhor Deus: Agora o homem se tornou como um de Nós, conhecendo o bem e o mal” (Gênesis 3:22). Esse Nós só pode envolver a divindade, ou seja, a passagem se refere à unidade composta dentro da divindade. Ele não estava conversando com os anjos, pois apenas Deus e seres pecadores podem conhecer o bem e o mal (versículo 5).

Mais tarde, na destruição da Torre de Babel, o Senhor aparece novamente, dizendo: “Venham, desçamos e confundamos a língua que falam” (Gênesis 11:7). Outra vez, a pluralidade de Deus é enfatizada.

Na destruição de Sodoma e Gomorra, aparecem dois “Jeovás”: um que está na Terra, e outro que manda fogo do Céu para destruir as cidades impenitentes: “Então fez o Senhor [Jeová] chover enxofre e fogo, da parte do Senhor [Jeová], sobre Sodoma e Gomorra” (Gênesis 19:24). No texto hebraico, em lugar de Senhor está Jeová. Isso dá a entender que existe mais de um Jeová? É claro que não. Essa passagem só pode ser corretamente entendida à luz da triunidade de Deus.

Essa mesma ideia aparece numa passagem messiânica escrita pelo profeta Zacarias, onde Jeová aparece enviando Jeová:

“Assim sabereis vós que o Senhor dos Exércitos é quem Me enviou. Canta e exulta, ó filha de Sião, porque eis venho, e habitarei no meio de ti, diz o Senhor. Naquele dia muitas nações se ajuntarão

ao Senhor, e serão o Meu povo; habitarei no meio de ti, e saberás que o Senhor dos Exércitos é quem Me enviou a ti” (Zacarias 2:9-11).

Leia com atenção essa passagem. Observe que nos versículos 9 e 11, o Senhor envia o Messias para habitar no meio do povo de Deus, enquanto no versículo 10 já é o próprio Senhor que habitaria entre Seu povo. Isso teve cumprimento em Jesus. Várias vezes, Ele mesmo disse que era um enviado do Pai, e, na introdução do evangelho de João, Ele é apresentado como Deus habitando no meio do Seu povo (veja João 1:1 e 14; João 4:34; João 5:23 e 30 etc.).

As pessoas da Triunidade reveladas

No AT aparecem sutis referências às pessoas que formam a divindade.

Referências ao Pai — “Assim diz o Senhor: Israel é o Meu primeiro filho” (Êxodo 4:22). “Não é Ele o Pai de vocês, o seu Criador, que os fez e os formou?” (Deuteronômio 32:6). “Eu serei seu Pai, e ele será Meu filho” (2 Samuel 7:14). “Entretanto, Tu és o nosso Pai. [...] Tu, Senhor, és o nosso Pai, e desde a antiguidade Te chamas nosso Redentor” (Isaías 63:16). “Pensei que você Me chamaria de Pai e que não deixaria de seguir-Me” (Jeremias 3:19).

Referências ao Filho — “Quem subiu aos céus e desceu? Quem ajuntou nas mãos os ventos? Quem embrulhou as águas com sua capa? Quem fixou todos os limites da Terra? Qual é o Seu nome, e o nome do Seu Filho? Conte-me, se você sabe!” (Provérbios 30:4). “Proclamarei o decreto do Senhor: Ele me disse: ‘Tu és o Meu Filho; Eu hoje te gerei. [...] Beijem o Filho, para que Ele não Se ire e vocês não sejam destruídos de repente, pois num instante acende-Se a Sua ira” (Salmos 2:7 e 12).

Compare essas passagens com Hebreus 1:5 e 6; Hebreus 5:5 e 6, e Atos 13:33, para perceber que o NT considera o Salmo 2 como uma passagem messiânica.

Referências ao Espírito Santo — O AT afirma que o Espírito Santo é um ser pessoal, pois pode ser entrustecido (Isaías 63:10); é ativo no Universo e na criação do homem (Gênesis 1:2; Jó 33:4); contende com o homem (Gênesis 6:3) e os inspira (Números 11:25). Ele é mencionado por Jeremias como o Deus pessoal que firma a Nova Aliança: “Eu serei o Seu Deus [...]”, Jeremias 31:33); comparar com Hebreus 10:15 e 16, “O Espírito Santo também nos testifica a este respeito. Primeiro Ele diz: ‘Esta é a aliança que farei com

“eles, depois daqueles dias, diz o Senhor. Porei as Minhas leis em seus corações e as escreverei em suas mentes”. Essas características só podem ser encontradas em uma pessoa e não em uma energia ou influência, como querem crer aqueles que negam a personalidade do Espírito Santo. Outro ponto que merece destaque é o fato de que, no AT, o Espírito Santo é apresentado como pessoal e distinto da glória de Deus (veja Ezequiel 1:28; Ezequiel 2:1 e 2; Ezequiel 3:23 e 24).

É claro que uma exposição mais clara e objetiva da pluralidade dentro da divindade só será revelada no NT, mas a semente dessa doutrina já estava plantada no AT. A manifestação de Deus em Cristo e o recebimento do Espírito Santo pela igreja tornaram clara a existência da Triunidade.

O Anjo do Senhor

Quando Hagar se encontra com o Anjo do Senhor, chama-O de “Deus”: “O Anjo do Senhor encontrou Hagar⁷ perto de uma fonte no deserto. [...] E perguntou-lhe: [...] Este foi o nome que ela deu ao Senhor (Jeová) que lhe havia falado: ‘Tu és o Deus que me vê’” (Gênesis 16:7 e 13). Essa é uma das primeiras aparições do Anjo do Senhor no AT. A expressão “Anjo do Senhor” aparece cinquenta e oito vezes no AT, e “anjo de Deus”, onze vezes.⁸ Quem seria ele? Comentando sobre a identidade do Anjo do Senhor revelado no AT, o comentarista bíblico Copass escreveu:

“Esta pessoa exigiu soberania absoluta sobre os negócios humanos. Possuía os atributos da onipotência e onisciência. Levou a efeito obras que somente a onipotência poderia realizar. Empregou as fórmulas da Divindade – jurou por Si mesmo. Foi o Protetor e Salvador gracioso, o Redentor do mal, o Intercessor, o objeto de invocação religiosa, e da maneira mais clara declarou ser Jeová, Elohim, Eu sou o que sou. No entanto, esse ser misterioso é representado como sendo distinto de Deus como portador de uma missão divina.”⁹

A conclusão a que podemos chegar é que o Anjo do Senhor é uma *teofania*¹⁰ do Filho pré-encarnado.

Indícios da Triunidade

Além das evidências apresentadas, existe um grupo de passagens que sugere a triunidade de Deus. Falando sobre a missão do Messias, o profeta Isaías escreveu: “E agora o Soberano, o Senhor [Pai] Me [Filho] enviou, com Seu Espírito [Espírito Santo]” (Isaías 48:16). Essa passagem é

muito semelhante à de João 14:16, que apresenta também os três membros da divindade envolvidos na salvação do homem: “E Eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre” (Almeida, Revista e Corrigida). A diferença entre essas duas passagens é que na primeira é prometido o envio do Messias e do Espírito de Jeová, enquanto na segunda apenas o Espírito Santo é enviado.

Outra passagem que destaca esse mesmo aspecto é Isaías 63: 9 e 10: “Em toda a aflição do Seu povo Ele [Pai] também Se afligiu, e o anjo da Sua presença [o Filho] os salvou. Em Seu amor e em Sua misericórdia Ele os resgatou; foi Ele que sempre os levantou e os conduziu nos dias passados. Apesar disso, eles se revoltaram e entrusteceram o Seu Espírito Santo. Por isso Ele Se tornou inimigo deles e lutou pessoalmente contra eles.”

Ridderbos, em seu excelente comentário sobre o livro de Isaías, elucida a questão. Sobre a identidade do “Anjo de Sua presença”, ele comenta:

“Portanto, através do ‘Anjo de sua presença’ Ele os salvou. Isso não pode ser referência a um dos anjos criados, pois não poderia ser dito a respeito de nenhum deles que tenha redimido Israel de toda a sua aflição. Portanto, essa referência só pode ser ao Anjo do Senhor, que é o próprio Deus, mas também é distinto de Deus. Ele é o mesmo a quem nós, com base no NT, chamamos de segunda pessoa da Triunidade. Ele é chamado de ‘Anjo’ ou ‘Mensageiro’ do Senhor porque, como Mediador, realiza a obra do Senhor.”¹¹

Sobre a referência ao Espírito Santo nessa passagem, o autor continua:

“O Espírito do Senhor, como se torna claro diante do verbo ‘contristaram’, é concebido como uma pessoa, ao mesmo tempo diferente do Senhor e, por outro lado, sendo um com Ele. Em vista do ‘Anjo da Sua presença’ no versículo 9, podemos dizer que aqui são mencionadas juntas as três pessoas da Trindade.”¹²

Na benção sacerdotal há uma referência tríplice a Deus: “O Senhor te abençoe e te guarde; o Senhor faça resplandecer o Seu rosto sobre ti e te conceda graça; o Senhor volte para ti o Seu rosto e te dê paz” (Números 6:24-26).

No chamado de Isaías, em dois momentos encontramos referências à Triunidade. No versículo 3 do capítulo 6, por três vezes Deus é chamado de Santo: “E proclamavam uns aos outros: Santo, Santo, Santo é o Senhor dos Exércitos”. E no versículo 8 há o desafio: “Então ouvi a voz do

Senhor, conclamando: Quem enviarei? Quem irá por Nós?”. No evangelho de João, essa passagem é relacionada a Jesus (João 12:39-41) e em Atos 28:25-27 com o Espírito Santo.

Referências

- 1 Para alguns desses dissidentes, eles estão voltando para o adventismo primitivo, pois alguns dos pioneiros eram unicistas. Para eles a igreja apostatou quando definiu sua posição como trinitariana.
2 Esta última passagem refuta qualquer tentativa que leve a considerar Cristo um ser criado, como ensinam os Testemunhas de Jeová ou os Mórmons.
3 APOLINÁRIO, Pedro. *As pretensas Testemunhas de Jeová*. São Paulo, SP: IAE, p. 53.

- 4 A invenção dessa teoria remonta ao século 19 e é atribuída a Wilhem Gesenius (1786-1842). Ele era professor de teologia e um hebreu. Na qualidade de estudioso da língua hebraica, produziu uma gramática que, mesmo depois de tantos anos, ainda é referência no campo da linguística. Em uma nota de rodapé, aparece pela primeira vez essa explicação de Gênesis 1:26, a qual deveria ser entendida como "plural majestático". Em edições posteriores, essa explicação é rejeitada (veja CHRISTIANINI, Arnaldo B. *Radiografia do Jeovismo*. Santo André-SP: Casa Publicadora Brasileira, 1975, p. 98).

5 BANCROFT, E. H. *Teologia elementar – doutrinária e conservadora*. São Paulo, SP: Editora Batista Regular, 2001, p. 44.

6 Ellen G. White concorda que a *Sabedoria* citada em Provérbios, cap. 8, é uma referência a Cristo (veja *Patriarcas e profetas*, p. 8).

7 Esse é o mesmo anjo que se encontra com Moisés mais tarde (*Êxodo* 3:2-6).

8 PFANDL, Gerhard. *A Trindade nas Escrituras*. Revista Parousia, ano 4, nº 2, 2º semestre de 2005, p. 8.

9 COPASS, B. A. *Manual de teologia do Antigo Testamento*. Rio de Janeiro, RJ: Casa Publicadora Batista, 1958, p. 71.

10 Teofanias são aparições ou revelações da Divindade à humanidade antes da encarnação de Cristo.

11 RIDDERBOS, J. *Isaias – introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1986, p. 498.

12 *Idem*.

Anotações para estudo:

3



A Triunidade de Deus revelada no Novo Testamento

O conhecimento do Deus Triuno só foi possível pela manifestação de Cristo Jesus

Cristo ensinava que existe apenas um único Deus (Mateus 12:28-35). Contudo, à medida que Jesus demonstrava ser Ele mesmo o próprio Deus andando entre os homens, e que o Espírito Santo era ao mesmo tempo um ser pessoal e divino, Seus seguidores compreenderam que o Deus único era formado por três pessoas. Por isso, antes de subir ao Céu, Jesus poderia afirmar, sem Se preocupar em ser mal compreendido: “*Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo*” (Mateus 28:19).

O reconhecimento de Cristo e do Espírito Santo como divinos “não resvalou para o politeísmo, ao abandono da ideia da unidade Deus, mas a um reconhecimento de movimento de vida dentro da unidade da Deidade.”¹

No NT, não temos nenhuma interpretação ou elaboração desses fatos, mas o seu reconhecimento.

A Triunidade revelada nos evangelhos

Como vimos, há vários indícios da Triunidade de Deus nas revelações feitas aos profetas da Antiga Aliança. Contudo, no NT é que essa verdade vai ser esclarecida. Se a Triunidade fosse explicitada nas páginas do AT, poderia ser facilmente corrompida por meio da influência dos povos vizinhos de Israel. Além disso, essa doutrina só faria sentido à luz da encarnação do Verbo Divino. Jesus era Deus andando entre os homens (João 1:1 e 14). Ele veio revelar tanto o caráter como a natureza de Deus (vers. 18).

Aqueles que não creem na plena divindade de Cristo, costumam argumentar que Ele nunca confessou ser Deus. Isso não é verdade. Em diversos momentos do Seu ministério, revelou Seu caráter divino. Gradualmente, Seus discípulos foram compreendendo Sua verdadeira natureza. O clímax dessa revelação progressiva foi a confissão de Tomé, quando chamou o Cristo resurreto de “*Senhor meu e Deus meu!*” (João 20:28). Quais foram os passos didáticos dados por Jesus para que Seus discípulos chegassem a essa conclusão?

Em diversos momentos, Ele foi dando indicações de Sua origem divina. Podemos encontrar alguns desses indícios ao longo do evangelho de Mateus, por exemplo. No Sermão da Montanha, nos capítulos 5 a 7, Ele afirmou várias vezes: “*Vocês ouviram o que foi dito aos seus antepassados [...] mas Eu lhes digo*” (Mateus 5:21, 22, 27, 28, 31, 32, 33, 34, 38, 39, 43 e 44). Enquanto os profetas da Antiga Aliança pregavam baseados na autoridade de Deus, dizendo “Assim diz o Senhor”, Jesus aparece

fazendo reinterpretações baseadas em Sua autoridade. Ele dizia: “Eu vos digo”, igualando Sua autoridade à de Deus.

Quando os fariseus acusaram os discípulos de Cristo de transgredirem o sábado ao colherem espigas nesse dia, Jesus usou, durante a discussão, um argumento que revelava Sua divindade. Afirmou: “*Eu lhes digo que aqui está o que é maior do que o templo*” (Mateus 12:6). O que isso significava para Seus ouvintes? Uma blasfêmia, pois o templo era o lugar da habitação de Deus entre os homens (Êxodo 25:8). Quando Jesus afirmou ser maior do que o templo, estava declarando ser Deus. Ele era Jeová, que não estava mais separado de Seu povo pelas paredes de uma construção.

Noutra ocasião, estava pregando em casa, na cidade de Cafarnaum quando quatro amigos Lhe levaram um paralítico, deitado numa maca. Antes de curá-lo, Jesus oferece perdão dos pecados (Mateus 9:2). A reação dos mestres da lei, que presenciaram a cena, é lógica: “*Este homem está blasfemando!*” (Mateus 9:3). Por quê? A razão para acusar Jesus de blasfemador estava na pergunta: “*Quem pode perdoar pecados, a não ser somente Deus?*” (Marcos 2:7). Segundo o salmista Davi, todo pecado que cometemos é praticado contra Deus (Salmos 51:4). Não existe perdão por procuração, como creem os católicos. Apenas o ofendido pode perdoar a ofensa. Por isso, ao perdoar aquele homem, Jesus estava fazendo algo que apenas Deus podia fazer. Nesse momento, estava afirmando Sua divindade.

E o Espírito Santo?

A doutrina da Triunidade foi consequência natural da aceitação da divindade de Cristo. Ao longo do cumprimento de Sua missão, Cristo apresentou outra pessoa como sendo membro da divindade — o Espírito Santo. Ao crer em Jesus como Deus, os discípulos estavam agora prontos a compreender não apenas quem era o Espírito Santo, mas também Sua obra.

Essa revelação começou cedo na pregação de Cristo. Por ocasião do nascimento de Jesus, o anjo Gabriel afirmou a Maria que o milagre do nascimento do Messias seria obra do Espírito Santo. “*O Espírito Santo virá sobre você, e o poder do Altíssimo a cobrirá com a Sua sombra. Assim, Aquele que há de nascer será chamado Santo, Filho de Deus*” (Lucas 1:35).

A Triunidade se revelou nesse milagre. Ou-

tro momento em que a Divindade Se envolve na missão salvífica de Cristo acontece por ocasião do batismo dEle. Esse acontecimento inaugurou Seu ministério público. Na ocasião, “*assim que Jesus foi batizado, saiu da água. Naquele momento o céu se abriu, e Ele viu o Espírito de Deus descedendo como pomba e pousando sobre Ele. Então uma voz dos céus disse: Este é o Meu Filho amado, em quem Me agrado*” (Mateus 3:16 e 17). O Pai, o Filho e o Espírito Santo Se revelaram ao mundo nessa ocasião.

Logo após o batismo de Jesus, o novo ato do grande conflito foi a provação que Ele passou no deserto. Cristo foi conduzido pelo Espírito Santo até lá (Mateus 4:1; Marcos 1:12). Durante o tempo que passou ali, Jesus esteve sob influência do Espírito (Lucas 4:1 e 2). Por fim, voltou à Galileia no poder do Espírito (Lucas 4:14). O Espírito esteve ligado ao princípio, meio e fim da tentação no deserto. Cristo venceu a tentação pelo poder do Espírito.

O Senhor Jesus Se relaciona conosco mediante dois aspectos: (1) como Salvador e (2) como exemplo. Referente ao padrão de como deve ser a vida cristã, os evangelhos declaram que Cristo era cheio do Espírito Santo. Por isso, Walter T. Conner conclui: “Seguir Jesus significa ser controlado pelo divino Espírito como Ele o foi.”²

O clímax da revelação da personalidade e divindade do Espírito Santo ocorre no sermão de despedida que Jesus profere na noite em que foi traído (João, caps. 14-16). Nesses capítulos, encontram-se cinco seções onde tanto a pessoa quanto a obra do Consolador prometido são mencionadas: João 14:15-17 e 26; João 15:26 e 27; João 16:7-11, 12-15.

Ao ser enviado, o Espírito opera uma variedade de funções na vida dos crentes. Em primeiro lugar, traz à lembrança tudo o que Jesus ensinou a Seus discípulos (João 14:26). Depois, associado aos discípulos, o Espírito dá testemunho de Jesus (João 15:26). Além disso, convence o mundo do pecado, da justiça e do juízo (João 16:8-11) e guia os discípulos de Jesus em toda a verdade, revelando o que está por vir³ (cap. 16.13). Nessa obra, o Espírito Santo apenas fala do que ouve, e nada de Si mesmo (João 16:13), e Seu objetivo é glorificar a Cristo (João 16:14).⁴ Nesses poucos versículos, Cristo explica aos discípulos que o Consolador só viria se Ele mesmo Se ausentasse (João 15:26; João 16:7, 8 e 13). Do mesmo modo como Cristo procedeu do Pai (João 8:42; João 16:27), o Espí-

to também vem dEle (João 15:26). O Pai concede o Consolador mediante o pedido de Jesus (João 14:16). Jesus explica também que o mundo não poderá receber o Consolador, pois não O vê nem O conhece (João 14:17),^{5, 6} mas os discípulos O conhceriam, pois habitaria com eles e estaria com eles.

Segundo Leon Morris, nesses capítulos, Jesus ensinou que “o Espírito é a presença divina quando Seus seguidores não contam mais com a presença física [dEle]”⁷

Com os personagens principais em cena, o cenário para a atuação dEles estava montado. No restante do NT, a divindade será revelada como um elemento triuno.

A Triunidade revelada no livro de Atos

Tem se sugerido que o livro *Atos dos Apóstolos* deveria ser rebatizado de “*Atos do Espírito Santo através dos apóstolos*”. Se os quatro evangelhos estão centrados na pessoa de Jesus, o livro de Atos tem como personagem principal o Espírito Santo e Sua missão. Nos capítulos iniciais do livro de Atos, encontramos a manifestação do Deus triuno. O Filho retorna aos Céus (cap. 1) e, logo em seguida, a igreja recebe o Espírito Santo (cap. 2), enviado pelo Pai (caps. 1-4). A Triunidade é anunciada na pregação de Pedro, no dia de Pentecostes.

O que os judeus presenciaram naquele dia foi o cumprimento da promessa de Joel: “*Nos últimos dias, diz Deus, derramarei do Meu Espírito, sobre todos os povos. Os seus filhos e as suas filhas profetizarão, os jovens terão visões, e os velhos terão sonhos. Sobre os Meus servos e as Minhas servas derramarei do Meu Espírito naqueles dias e eles profetizarão*Israelitas, ouçam estas palavras: Jesus de Nazaré foi aprovado por Deus diante de vocês por meio de milagres, maravilhas e sinais que Deus fez entre vocês por intermédio dEle, como vocês mesmos sabem” (Atos 2:32).

Mais à frente, em seu discurso, reafirma o envolvimento da Triunidade no que estava acontecendo naquela manhã: “*Deus ressuscitou este Jesus [Filho], e todos nós somos testemunhas desse fato. Exaltado à direita de Deus, Ele recebeu do Pai o Espírito Santo prometido e derramou o que vocês agora veem e ouvem*” (Atos 2:32 e 33). Essa mesma estrutura será seguida nos versículos 38 e 39: “*Pedro respondeu: Arrepentam-se e cada um*

de vocês seja batizado em nome de Jesus Cristo [Filho] para perdão dos seus pecados, e receberão o dom do Espírito Santo. Pois a promessa é para vocês, para os seus filhos e para todos os que estão longe, para todos quantos o Senhor, o nosso Deus [Pai], chamar.”⁸

No capítulo 5, Lucas conta um incidente envolvendo um casal de cristãos — Ananias e Safira —, que tentou se promover dando uma oferta avarenta. Eles venderam uma propriedade e tiveram uma parte do dinheiro arrecadado para si, enquanto o restante foi doado à igreja. Pedro, dirigido pelo Espírito Santo, percebeu a hipocrisia daquela aparente atitude generosa, e foi duro: “*Ananias, como você permitiu que Satanás enchesse o seu coração, ao ponto de você mentir ao Espírito Santo e guardar para si uma parte do dinheiro que recebeu pela propriedade*” (Atos 5:3). Então, o apóstolo explica que mentir ao Espírito Santo é o mesmo que mentir a Deus: “*Você não mentiu aos homens, mas sim a Deus*” (Atos 5:4). No versículo 9, ele declara que o casal havia tentado ao “Espírito do Senhor”.

Quando Paulo chegou a Éfeso, encontrou um grupo de discípulos de João Batista que não conheciam Jesus. Contudo, o apóstolo usou a seguinte pergunta como padrão para estabelecer o grau da experiência espiritual daquele grupo: “*Vocês receberam o Espírito Santo quando crearam? Eles responderam: Não, nem sequer ouvimos que existe o Espírito Santo*” (Atos 19:2). Essa passagem enfatiza a personalidade do Espírito Santo, como comenta Silva:

“O Espírito Santo existe individualmente (Atos 19:2) e opera (vers.6). O verbo usado para ‘existir’ (vers. 2) é o verbo *ser* (gr. *estin*). A Bíblia deixa claro que o que aqueles discípulos não sabiam sobre Deus era a existência do Espírito Santo.”⁹

A Triunidade nas epístolas

A seguir, será feito um breve levantamento das referências à Triunidade que são expostas nas Epístolas do NT. Podemos perceber que não se trata meramente da citação conjunta de três nomes, mas que cada membro da divindade desempenha um papel no tocante à criação e à obra redentora. Observe como Paulo, na abertura da carta aos Romanos, descreve a obra de cada membro da divindade:

“*Paulo, servo de Cristo Jesus, chamado para ser apóstolo, separado para o evangelho de Deus, o qual foi prometido por Ele [o Pai] de antemão*

*por meio dos Seus profetas nas Escrituras Sagradas, acerca de **Seu Filho**, que, como homem, era descendente de Davi, e que mediante o **Espírito de santidade** foi declarado **Filho de Deus** com poder, pela Sua ressurreição dentre os mortos: **Jesus Cristo, nosso Senhor**” (Romanos 1:1-4). O Espírito Santo é apresentado como agente santificador (Romanos 15:16; 1 Pedro 1:2). Cada membro da divindade é descrito como tendo um papel no plano da salvação.*

Em Romanos 15:30 é dito: “*Recomendo-lhes, irmãos, por nosso Senhor Jesus Cristo e pelo amor do Espírito, que se unam a mim em minha luta, orando a Deus em meu favor*”.

O Espírito Santo levaria os homens a sentirem ternura pelos irmãos que passam por alguma necessidade. Paulo descreve o Espírito de Deus como um ser pessoal, porque nos ama. Não podemos ser amados por uma energia ou uma força impessoal. Além de nos amar, o Espírito é o canal usado por Deus para derramar Seu amor em nós:

“E a esperança não nos decepciona, porque Deus derramou Seu amor em nossos corações, por meio do Espírito Santo que Ele nos concedeu” (Romanos 5:5).

Outra seção trinitariana dos escritos de Paulo pode ser encontrada em sua descrição acerca do modo como a divindade distribui os dons espirituais:

“Há diferentes tipos de dons, mas o Espírito é o mesmo. Há diferentes tipos de ministérios, mas o Senhor [Filho] é o mesmo. Há diferentes formas de atuação, mas é o mesmo Deus [Pai] quem efetua tudo em todos” (1 Coríntios 12:4-6). Nessa passagem, o apóstolo Paulo demonstra que o preparo da igreja para desempenhar sua missão evangélica é obra da Triunidade. O Espírito Santo define os dons que cada membro do corpo deve receber (veja com atenção os versículos 3, 7 e 11). Esse poder de decisão revela que Ele é um ser pessoal.

Outra passagem importante para esse estudo encontra-se em 2 Coríntios 13:14, “A graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vocês.” Essa conclusão da epístola aos Coríntios é conhecida como a “bênção apostólica”. Deus nos ama, e esse amor nos toca pelo que Cristo fez por nós. Essa dádiva se torna real em nossa vida pela obra do Espírito Santo.

A carta aos Efésios é, depois do evangelho de João, o texto do NT que melhor revela a doutrina

da Triunidade de Deus. Em Efésios 2:18, o apóstolo explica:

“Pois por meio dEle [Cristo] tanto nós como vocês temos acesso ao Pai, por um só Espírito.”

O biblista Russel N. Champlin comenta essa afirmação trinitariana:

*“Vemos que o acesso é possibilitado pela missão do Filho, que é realizado ‘no Espírito’, isto é, através do Seu poder, da Sua presença habitadora, de sua obra ministerial, e isto nos conduz ao ‘Pai’. [...] A doutrina da Trindade transparece por toda essa epístola. Os crentes são chamados pelo Pai, são remidos pelo Filho e são incorporados em um só corpo pelo Espírito Santo.”*⁹

Outros versículos que falam da obra da divindade em favor da humanidade

“Há um só corpo e um só Espírito, assim como esperança para a qual vocês foram chamados é uma só; há um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai de todos, que é sobre todos, por meio de todos e em todos” (Efésios 4:4-6).

Em 2 Tessalonicenses 2:13 e 14, Paulo destaca que a salvação é uma obra divina: o Pai elege, o Filho ama a igreja por quem deu Sua vida, e o Espírito Santo santifica:

“Mas nós devemos sempre dar graças a Deus [Pai] por vocês, irmãos amados pelo Senhor [Filho], porque desde o princípio Deus os escolheu para serem salvos mediante a obra santificadora do Espírito e a fé na verdade. Ele os chamou para isso por meio de nosso evangelho, a fim de tomarem posse da glória de nosso Senhor Jesus Cristo.”

Poderíamos aumentar essa lista acrescentando outras passagens que confirmam o pensamento paulino sobre a divindade. Contudo, ele não está sozinho nessa crença. Os demais autores do NT também defendem uma fé trinitariana. O apóstolo João, por exemplo, afirma:

“Amados, se o nosso coração não nos condenar, temos confiança diante de Deus e recebemos dEle tudo o que pedimos, por que obedecemos aos Seus mandamentos e fazemos o que Lhe agrada. E este é o Seu mandamento: Que creiamos no nome de Seu Filho Jesus Cristo e que nos amenos uns os outros, como Ele nos ordenou. Os que obedecem aos Seus mandamentos nEle permanecem, e Ele neles. Do seguinte modo sabemos que Ele permanece em nós: pelo Espírito que nos deu” (1 João 3:21-24).

Quando a pessoa aceita a Cristo, é batizada no Espírito Santo (Gálatas 3:1-5). Esse batismo nos torna novas criaturas e, a partir da morada dEle

no crente, torna-Se guia e instrutor do ser humano. Noutra passagem, João fala dessa promessa:

“Vocês têm uma unção que procede do Santo, e todos vocês têm conhecimento” (1 João 2:20). O versículo 27 complementa: *“Quanto a vocês, a unção que receberam dEle permanece em vocês, e não precisam que alguém os ensine; mas, como a unção dEle recebida, que é verdadeira e não falsa, os ensina acerca de todas as coisas, permanecem nEle como Ele os ensinou.”*

Isso cumpre a promessa que Jesus fez: *“Mas quando o Espírito da verdade vier, Ele os guiará a toda a verdade”* (João 16:13).

O apóstolo Pedro também entendia o Pai, o Filho e o Espírito Santo como sendo Deus. Sua saudação, na primeira epístola, destaca o envolvimento do Deus triuno na eleição dos salvos:

“Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, aos eleitos de Deus [...] escolhidos de acordo com o pré-conhecimento de Deus Pai, pela obra santificadora do Espírito, para a obediência a Jesus Cristo e aspersão do Seu sangue” (1 Pedro 1:1 e 2).

Judas conclui sua pequena epístola com uma clara afirmação trinitariana:

“Edifiquem-se, porém, amados, na santíssima fé que vocês têm, orando no Espírito Santo. Mantenham-se no amor de Deus, enquanto esperam que a misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo os leve para a vida eterna.” (Judas 1:20 e 21).

No Apocalipse

Na introdução do Apocalipse, a saudação foi escrita em forma de doxologia.¹⁰

“João às sete igrejas da província da Ásia: A vocês, graça e paz, da parte dAquele que é, que era e que há de vir, dos sete espíritos que estão diante do Seu trono, e de Jesus Cristo, que é a testemunha fiel, o primogênito dentre os mortos e o soberano dos reis da Terra” (Apocalipse 1:4 e 5).

O título usado para se referir a Deus Pai (*Aquele que é, que era e que há de vir*) nos remete ao nome que Ele usou para Se revelar a Moisés: *“Disse Deus a Moisés: EU SOU O QUE SOU. É isto que você dirá aos israelitas: EU SOU me enviou a vocês”* (Êxodo 3:14). Tanto num caso quanto no outro, os nomes de Deus Pai nos remetem à Sua eternidade e imutabilidade.

O Espírito Santo é chamado de “os sete espíritos” que estão diante do trono (Apocalipse 1:4). Sete, no livro do Apocalipse, significa plenitude, totalidade; portanto, esse nome dado ao Santo Espírito destaca a Sua divindade plena. O profeta

Isaiás também se refere ao Espírito de Deus de sete formas diferentes: *“Um ramo surgirá do tronco de Jessé, e das suas raízes brotará um renovo. (1) O Espírito do Senhor reposará sobre Ele, (2) o Espírito que dá sabedoria e (3) entendimento, (4) o Espírito que traz conselho e (5) poder, o (6) Espírito que dá conhecimento e (7) temor do Senhor”* (Isaías 11:1 e 2). Mais adiante no livro do Apocalipse, esse título será usado para se referir a Ele novamente (veja Apocalipse 3:1; Apocalipse 4:5 e Apocalipse 5:6).

Por fim, o apóstolo João refere-se a Jesus Cristo como sendo a *“Testemunha fiel, o Primogênito dentre os mortos e o Soberano dos reis da Terra”* (Apocalipse 5:5). Ele é a Testemunha fiel porque revelou a glória de Deus (João 1:18; João 14:8 e 9; João 17:4). Ele é o Primogênito dentre os mortos não por ter sido o primeiro a ressuscitar; Moisés já tinha ressuscitado antes dEle e fora recebido na glória (Judas 1:9; Mateus 17:3). Ele é o Primogênito dentre os mortos porque a Sua ressurreição é a mais importante dentre todas as que já aconteceram ou viriam a ocorrer. Sua ressurreição garantiu a vitória sobre a morte (Hebreus 2:14 e 15; Apocalipse 1:18). Por último, Jesus é chamado de *“o Soberano dos reis da Terra”* (Apocalipse 5:5). Na parte final do livro de Apocalipse, Ele aparece montado em um cavalo, como um conquistador celestial, trazendo na sua coxa a seguinte inscrição: *“Rei dos reis e Senhor dos Senhores”* (Apocalipse 19:16). Esse título é uma declaração a favor de Sua divindade (1 Timóteo 6:15 e 16).

Por isso, essa saudação inicial do livro do Apocalipse é chamada de *doxologia*: é uma exaltação ao maravilhoso Deus triuno a quem servimos.

João faz referência à Triunidade novamente nos capítulos 4 e 5, ao descrever a visão do trono de Deus no Céu. Ele é levado pelo Espírito ao Céu, e lá ele vê que *“Aquele que estava assentado [no trono] era de aspecto semelhante a jaspe e sardônio”* (Apocalipse 4:3). Essa descrição de Deus, o Pai, é semelhante àquela feita pelo profeta Daniel: *“Enquanto eu olhava, tronos foram colocados, e um ancião se assentou. Sua veste era branca como a neve; o cabelo era branco como a lã. Seu trono era envolto em fogo, e as rodas do trono estavam em chamas.”* (Daniel 7:9). A cor das chamas que envolviam o trono, conforme Daniel, é semelhante às tonalidades da jaspe e do sardônio, vistas por João.

Em seguida, ao descrever a sala do trono celestial, João vê *“sete lâmpadas de fogo que são os sete espíritos de Deus”*, (Apocalipse 4:5). No capí-

tulo seguinte, o profeta descreve o cordeiro (uma referência a Jesus) como tendo “sete chifres e sete olhos, que são os sete espíritos de Deus enviados a toda a Terra” (Apocalipse 4:6). Essa passagem destaca a íntima relação que há entre a missão do Filho e a do Espírito Santo. Os sete chifres do cordeiro se referem à Sua onipotência, pois chifre é símbolo de poder (Deuteronômio 33:17; Zacarias 1:18-21). O vidente de Patmos diz que o cordeiro tem sete olhos, os quais destacam Sua onisciência. Por fim, João diz que os sete chifres e os sete olhos “são os sete espíritos de Deus enviados a toda a Terra” (vers. 6). Essa passagem nos remete à promessa que Jesus fez aos discípulos quanto à vinda do Conselheiro: “E Eu [Jesus] pedirei ao Pai, e Ele lhes dará outro Conselheiro para estar com vocês para sempre” (João 14:16). “Quando vier o Conselheiro, que Eu enviarei a vocês da parte do Pai, o Espírito da verdade que provém do Pai, Ele testemunhará a Meu respeito” (vers. 26). O Espírito Santo foi enviado ao mundo pelo Pai e pelo Filho (veja também João 16:7).

Fechando a descrição da Divindade, no capítulo seguinte a essa visão, João vê “um Cordeiro, que parecia ter estado morto, em pé, no centro do trono” (vers. 6). No versículo anterior, ele é chamado de “Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi” (por ser sucessor de Davi, tem direito a reinar), vers. 5.

Na visão final de seu livro, o apóstolo vê a Nova Jerusalém, a Cidade Santa que descia dos Céus (Apocalipse 21:2). Então ele faz referência àquele “que estava assentado no trono” (vers. 5), que nos versículos 6 e 7 é identificado como Deus. O Cordeiro aparece na cidade, assentado sobre o trono, em co-regência com o Pai (Apocalipse 21:22 e 23; Apocalipse 22:1). Por fim, do trono fluía “o rio da água da vida”, que será “claro como cristal” (Apocalipse 22:1). O próprio João explica, em seu evangelho, que esse rio é uma representação do Espírito Santo: “No último e mais importante dia da festa, Jesus levantou-se e disse em alta voz: ‘Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva’. Ele estava se referindo ao Espírito, que mais tarde receberiam os que nEle cresssem. Até então o Espírito ainda não tinha sido dado, pois Jesus ainda não fora glorificado” (João 7:37-39). Portanto, no fechamento de Seu livro, João tem um vislumbre da Triunidade na eternidade.¹¹

No capítulo 22 de Apocalipse, tal como na saudação inicial do livro, a Triunidade se reve-

la novamente. Nos versículos 12 e 13, o Pai fala: “Eis que venho em breve! A Minha recompensa está comigo, e Eu retribuirei a cada um de acordo com o que fez. Eu sou o Alfa e o Ômega, o Primeiro e o Último, o Princípio e o Fim.”

No versículo 16 é a vez de o Filho eterno Se apresentar: “Eu, Jesus, enviei o Meu anjo para dar a vocês este testemunho concernente às igrejas. Eu sou a Raiz e o Descendente de Davi, e a resplandecente Estrela da Manhã.” E, por fim, quem Se manifesta é o Espírito Santo: “O Espírito e a noiva dizem: Vem! E todo aquele que ouvir diga: Vem! Quem tiver sede, venha; e quem quiser, beba de graça da água da vida” (versículo 17). Fica claro que no Apocalipse o Pai é descrito como o Absoluto, o Filho como Soberano e Governante do Universo, e o Espírito Santo como apelando aos pecadores. É uma descrição do envolvimento da Divindade no plano da salvação.

Referências

- 1 CONNER, Walter T. *Revelação e Deus*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1973, p. 309.
- 2 *Ibidem*, p. 278.
- 3 Entre outras formas de revelar a verdade, o Espírito Santo dirigiu a formação do cânon do NT —que é outra forma de testemunhar de Cristo.
- 4 *Ibidem*, p. 280.
- 5 KÖSTENBERGER, Andreas J. e SWAIN, Scott R. *Pai, Filho e Espírito: A Trindade e o evangelho de João*. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 129.
- 6 RODOR, Amin A. *O Espírito-paráclitos no quarto evangelho*. Parousia, ano 4, nº 2 (2º semestre de 2005), p. 54.
- 7 Citado por KÖSTENBERGER, em *Pai, Filho e Espírito Santo*, p. 128.
- 8 SILVA, Demóstenes Neves da. *A Trindade e o Espírito Santo*, p. 7.
- 9 CHAMPLIN, Russel N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*, vol. 4, p. 586.
- 10 Fórmula litúrgica que busca glorificar a Deus.
- 11 Para um estudo mais profundo sobre o simbolismo do rio da vida, veja WOODROW Whidden, MOON, Jerry e REEVE, John W.A *Trindade: como entender os mistérios da pessoa de Deus na Bíblia e na história do Cristianismo*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006, pp. 98-102.

4



A Divindade de Cristo revelada na Antiga Aliança

Encontramos lampejos dessa verdade nas páginas do Antigo Testamento

Jesus havia chegado a Cesareia de Filipe, no extremo norte da Palestina, ao pé do Monte Hermon. Em uma conversa íntima com Seus discípulos, Ele lhes pergunta: “*Quem os outros dizem que o Filho do homem é?*” (Mateus 16:13). Eles listam então as várias opiniões correntes entre o povo sobre a Sua identidade. Pelas respostas dadas, podemos perceber que as pessoas tinham um alto conceito de Jesus. Ele era considerado como homem de Deus, pois vinha sendo identificado com vários dos grandes profetas do AT. Mas ver Jesus apenas como um profeta não era o bastante para entendê-lo.

Então Jesus, mostrando como é importante termos uma opinião pessoal sobre Ele, pergunta-lhes: “*E vocês? [...] Quem vocês dizem que Eu sou?*” (Mateus 16:15). Pedro quebra o silêncio que se seguiu respondendo: “*Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo*” (versículo 16).

Se fizermos uma enquete, nos dias de hoje, sobre quem é Jesus, talvez encontraremos tantas respostas quanto o número de pessoas entrevistadas. Alguns, ligados a algum tipo de pensamento esotérico, dirão que Ele foi um Grande Mestre, um Iluminado. Outros, que têm envolvimento com algum partido político socialista, O vejam como algum tipo de revolucionário. Talvez um terceiro diga que Ele foi mártir, um bom homem ou um idealista. Essas ideias podem ou não revelar parte da verdade sobre a pessoa de Jesus. No entanto, todas juntas não levam à compreensão de Sua verdadeira identidade. E para você, quem foi Ele?

Por que essa pergunta é tão importante? A razão é dada pelo próprio Cristo: essa compreensão só pode vir por meio da revelação de Deus (versículo 17). Ela não depende da vontade, pesquisa ou inteligência humana. É um ato da revelação. Paulo afirma que “*quem não tem o Espírito não aceita as coisas que vêm do Espírito de Deus, pois lhe são loucura; e não é capaz de entendê-las, porque elas são discernidas espiritualmente*” (1 Coríntios 2:14). Saber quem Ele é envolve a vida eterna: “*Esta é a vida eterna: que Te conheçam, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste*” (João 17:3).

Compreender a divindade de Cristo faz parte do esforço de tentar conhecê-lo. Segundo Ellen G. White, se não tivermos uma correta compreensão de quem é Jesus, não entenderemos o plano da salvação ou, no mínimo, desenvolveremos alguma heresia a esse respeito: “*Pessoa alguma que alimente este erro [a negação da divindade de Cristo] pode ter exato conceito do caráter ou missão de Cristo, nem do grande plano de Deus para a redenção do homem.*¹”

Todas as heresias partem de uma interpretação errônea da pessoa de Jesus Cristo.

O Parente Resgatador

Jesus Cristo foi Deus andando entre os homens. Para os judeus contemporâneos de Cristo, essa não era uma verdade fácil de ser aceita. Durante séculos, Jeová havia lutado com Seu povo para que abandonassem o politeísmo e reconhecessem a singularidade de Deus. “*Ouça, ó Israel: O Senhor, o nosso Deus, é o único Senhor*” (Deuteronômio 6:4), era o clamor de Deus. Essa luta espiritual durou até a época do cativeiro babilônico. Quando os judeus voltaram do exílio, estavam curados da idolatria. A defesa da religião monoteísta tornou-se uma fé universal entre eles. Mas eles acabaram se tornando vítimas de sua própria obstinação.

Por isso, quando Jesus Se revelou como Deus (João 8:58 e 59; João 10:30-33), os judeus tiveram muita dificuldade de entender essa verdade. Como aquele homem poderia ter a audácia de Se autoproclamar Deus? Jeová era único e estava no Céu, não conversando com eles. Para os ouvidos sensíveis deles, isso soava como blasfêmia.

Mas Deus, ao mesmo tempo em que corrigia os filhos de Israel para que não aceitassem o politeísmo, preparava o caminho para que ficassem sem desculpas por não aceitarem a divindade do Messias. Essa verdade foi revelada aos poucos, como num gradiente, semelhante ao desabrochar de uma flor. A primeira profecia messiânica, dada a Adão e Eva, revelava que o Salvador Se tornaria como um de nós (Gênesis 3:15). Depois, Deus prometeu que o Messias nasceria da família de Sem, da descendência de Abraão (Gênesis 12:2 e 3). Dos filhos de Abraão, apenas o da promessa poderia ser da linhagem do Messias. Sara e Abraão tiveram dificuldades para entender isso. Entre os descendentes de Abraão, Deus escolheu a Jacó; e, dos seus doze filhos homens, Deus indicou Judá. Com a sua descendência se cumpriria a promessa (Gênesis 49:10). Dentre os filhos da tribo de Judá, o Messias deveria nascer da família do rei Davi. Observe como Deus foi aumentando o foco à medida que o tempo passava. Pela lei da probabilidade, ficava cada vez mais fácil identificar o Messias.

O Senhor também seguiu esse processo de revelação progressiva para revelar a identidade divina do Messias que viria. Por isso, ninguém poderia apresentar desculpas para recusar as reivindicações de Jesus, alegando que elas se chocavam com a Palavra de Deus. Um exemplo de como isso seria entendido poderia ser visto

no princípio da Lei Mosaica, que previa o papel do Remidor.

A palavra *redentor*, usada no AT, tem o sentido de “parente resgatador”. O remidor exercia uma importante função social nos tempos bíblicos. A pessoa que exercia essa função tinha que necessariamente possuir algum tipo de laço de sangue com o indivíduo cuja causa tomou para si e cujas necessidades supria, quaisquer que fossem elas. O redentor, ou remidor, podia livrar da escravidão alguém que tinha sido vendido para pagar alguma dívida (Levítico 25:48). Ele podia resgatar a propriedade confiscada através de penhor (Levítico 25:25). Tal como Boaz fez com Rute, o remidor podia cuidar de uma viúva sem filhos (Rute 3:13). A lei mosaica previa que ele poderia vingar o sangue de um parente assassinado matando o homicida (Números 35:19).

Deus Se revelou a Israel como o Redentor de Seu povo.

“*Portanto, dize aos filhos de Israel: Eu sou o Senhor, e vos tirei de baixo das cargas do Egito, e vos livrarei da sua servidão, e vos resgatarei com braço estendido e com grandes manifestações de julgamento*” (Êxodo 6:6).

“*Mas agora, assim diz o Senhor, que te criou, ó Jacó, e que te formou, ó Israel: Não temas, porque Eu te remi; chamei-te pelo teu nome, tu és Meu*” (Isaiás 43:1).

“*Não temas, ó vermezinho de Jacó, povozinho de Israel; Eu te ajudo, diz o Senhor, e o teu Redentor é o santo de Israel*” (Isaiás 41:14).

“*As palavras dos meus lábios e o meditar do meu coração sejam agradáveis na Tua presença, Senhor, rocha minha e redentor meu*” (Salmos 19:14).

Sabendo que o redentor de alguém deveria ser seu parente de sangue, o povo de Deus na antiguidade se questionava: Como Deus poderia ser um “parente resgatador” da humanidade?

Esse mistério só pôde ser compreendido quando ocorreu a encarnação do Verbo divino: “*O Verbo era Deus [...] e o Verbo Se fez carne e habitou entre nós*” (João 1:1 e 14). Mesmo sendo Deus, Ele Se fez homem. Agora poderia ser um Remidor, um redentor do Seu povo. Agora poderia nos chamar de irmãos (Hebreus 2:11).²

A encarnação do Filho de Deus é a resposta. Deus viria habitar no meio do Seu povo, não mais oculto pelas cortinas do Santuário, mas encarnado no filho de Maria. O profeta Zacarias afirmou isso quando escreveu: “*Assim sabereis*

vós que o Senhor dos Exércitos é quem me enviou. Canta e exulta, ó filha de Sião, porque eis venho, e habitarei no meio de ti, diz o Senhor. Naquele dia muitas nações se ajuntarão ao Senhor, e serão o Meu povo; habitarei no meio de ti, e saberás que o Senhor dos Exércitos é quem Me enviou a ti” (Zacarias 2:9-11).

Note como o profeta transmite as palavras de Deus: primeiro, afirma que alguém seria enviado por Jeová. Isso está no versículo 9. Mas, no versículo seguinte é o próprio Jeová quem vem morar entre Seu povo. Logo em seguida, volta a afirmar que alguém seria enviado por Deus para habitar entre o povo. Jeová envia o próprio Jeová. Isso significa que há dois Jeovás? Não. “Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor” (Deuteronônio 6:4). Como podemos entender isso, então? A resposta está na obra de Cristo. Em diversas ocasiões, Ele afirmou que fora enviado por Deus. Ele estava aqui para cumprir a vontade dAquele que O havia enviado: “Disse-lhes Jesus: A minha comida consiste em fazer a vontade dAquele que Me enviou e realizar a Sua obra” (João 4:34). “O Meu juízo é justo, porque não procuro a Minha própria vontade, e sim a dAquele que Me enviou” (João 5:30). Além disso, esse ajuntamento, referido pelo profeta Zacarias no versículo 11, cumpriu-se na obra de Cristo: “Mas também para reunir em um só corpo os filhos de Deus, que andam dispersos” (João 11:52). “Eu, quando for levantado da Terra, atrairei todos a Mim mesmo” (João 12:32). Sómente Ele poderia se cumprir essa profecia. Quem era Jesus, então? Segundo a profecia de Zacarias, Cristo era Jeová andando entre os homens.

Ao assumir nossa natureza humana, Cristo Jesus tornou-Se nosso “go’el”, nosso parente resgatador, nosso redentor. Ele tem o direito legal de pagar nossas dívidas e nos resgatar da escravidão. Com a encarnação, Ele Se tornou nosso irmão mais velho (Hebreus 2:11). Isso não é uma verdade maravilhosa? Deus nos amou de forma tão profunda que Se tornou um de nós, e assim pode nos ajudar em nossas provações e simpatizar com nossa dor (Hebreus 4:14-16). Por isso, João ouviu no Céu:

“A voz de muitos anjos, milhares de milhares e milhões de milhões. Eles rodeavam o trono, bem como os seres viventes e os anciãos, e cantavam em alta voz: Digno é o Cordeiro que foi morto, de receber poder, riqueza, sabedoria, força, honra, glória e louvor! Depois ouvi todas as criaturas existentes no Céu, na Terra, debaixo da terra e no

mar, e tudo o que neles há, que diziam: Àquele que está assentado no trono e ao Cordeiro, sejam o louvor, a honra, a glória e o poder, para todo o sempre!” (Apocalipse 5:9-13).

As profecias messiânicas

Cada fase da obra do Messias, nas profecias do AT, previa que o Salvador por vir seria Deus. Podemos recapitular várias delas para comprovar esse fato. Em primeiro lugar, citaremos a que se refere ao Seu nascimento: “Porque um menino nos nasceu, um filho nos foi dado, e o governo está sobre os Seus ombros. E Ele será chamado Maravilhoso Conselheiro, Deus Poderoso, Pai Eterno, Príncipe da Paz” (Isaías 9:6). Esse versículo revela dois aspectos quanto à natureza do Messias: Ele seria **eterno** e seria **Deus**. Mas aqueles que costumam negar a divindade de Cristo reconhecem que Jesus havia sido chamado de *Deus poderoso*, mas alegam que esse título não se refere ao Deus Todo-Poderoso. Isso só Jeová pode ser. Mas será que o profeta está afirmando que existem dois deuses, um com maior poder do que o outro? Se fosse assim, então teríamos bateísmo nas Escrituras. Veja que, mais na frente, o profeta Isaías escreve: “Antes de Mim nenhum deus se formou, nem haverá algum depois de Mim.” Ou Jesus é o Deus verdadeiro (1 João 5:20) ou é um falso deus, alguém indigno de ser adorado. Não há meio-termo.

Além disso, para Isaías, quem era o Deus Poderoso? Se continuarmos a leitura, no capítulo seguinte a essa profecia, ele afirma: “Naquele dia o remanescente de Israel, os sobreviventes da descendência de Jacó, já não confiarão naquele que os feriu; antes confiarão no Senhor [Jeová], no Santo de Israel, com toda a fidelidade. Um remanescente voltará, sim, o remanescente de Jacó voltará para o **Deus Poderoso**” (Isaías 10:20 e 21). O profeta Jeremias identificou o Deus Poderoso como sendo Jeová. Ele escreveu: “Ó grande e poderoso Deus, cujo nome é o Senhor dos Exércitos” (Jeremias 32:18). Não há dúvidas de como o profeta Isaías entendia essa profecia messiânica: o menino prestes a nascer seria Deus.

Há uma profecia que faz referência à morte do Messias, enquanto ao mesmo tempo indica que Ele era Deus. Em Zacarias 12:12 lemos: “E deram-me sobre a família de Davi e sobre os habitantes de Jerusalém um espírito de ação de graças e de súplicas. Olharão para Mim, Aquele a quem transpassaram, e chorarão por Ele como quem chora a perda de um filho único, e se lamenta-

rão amargamente por Ele como quem lamenta a perda do filho mais velho". Quem está afirmando que seria transpassado? Jeová. Leia com atenção o versículo 1: "Esta é a palavra do Senhor (Jeová) para Israel". O apóstolo João explica que essa profecia se cumpriu na morte de Cristo: "E outra vez diz a Escritura: **Eles verão Aquele a quem transpassaram**" (João 19:37). No Apocalipse, descrevendo o retorno do Messias ressurreto, ele reafirma: "Eis que Ele vem com as nuvens, e todo o olho O verá, até mesmo aqueles que O transpassaram" (Apocalipse 1:7). Quem foram os que O transpassaram? Os que O condenaram à morte. Jesus havia prometido aos Seus algozes que chegaria "o dia em que vereis o Filho do homem assentado à direita do Todo-Poderoso e vindo sobre as nuvens do Céu" (Mateus 26:64).

Em seguida, o profeta Zacarias descreve a segunda vinda de Cristo com essas palavras: "*Então o Senhor, o meu Deus, virá com todos os Seus santos*" (Zacarias 14:5). Quem é esse Deus que virá com os Seus santos? Segundo o NT, é Jesus. "*Quando vier o Filho do Homem na Sua majestade e todos os anjos com Ele, então, Se assentará no trono da Sua glória*" (Mateus 25:31). No Salmo 50, encontramos outra profecia messiânica que fala da segunda vinda como sendo a manifestação de Deus: "*Nosso Deus vem! Certamente não ficará calado! À Sua frente vai um fogo devorador, e, ao Seu redor, uma violenta tempestade. Ele convoca os altos Céus e a Terra, para o julgamento do Seu povo: Ajuntem os que Me são fiéis, que, mediante sacrifício, fizeram aliança comigo. E os Céus proclamam a Sua justiça, pois o próprio Deus é o juiz*" (Salmos 50:3-5). Nessas passagens, a descrição da vinda de Deus é muito semelhante à que o NT faz do retorno de Cristo: "*Se, de fato, é justo para com Deus que Ele dê em paga tribulação aos que vos atribulam e a vós outros, que sois atribulados, alívio juntamente conosco, quando do céu Se manifestar o Senhor Jesus com os anjos do Seu poder em chama de fogo, tomando vingança contra os que não conhecem a Deus e contra os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus. Estes sofrerão penalidade de eterna destruição, banidos da face do Senhor e da glória do Seu poder, quando vier para ser glorificado nos Seus santos e ser admirado em todos os que creram, naquele dia*" (2 Tessalonicenses 1:6-10). A descrição da vinda de Cristo, feita pelo apóstolo Paulo, é idêntica à feita pelo salmista em vários pontos. Eles estão descrevendo o mesmo evento.

Outro aspecto citado pelos profetas em várias ocasiões, é que Deus salvaria o Seu povo. Em Isaías 35:4 está escrito: "Digam aos desanimados de coração: Sejam fortes, não temam! Seu Deus virá, virá com vingança, como divina retribuição virá para salvá-los". Quem viria para salvar o Seu povo? Jeová. Mas alguém pode argumentar que Jesus veio como representante do Pai. Acontece que não há dois salvadores: "Eu, Eu sou o Senhor, e fora de mim não há salvador" (Isaías 43:11). O apóstolo Pedro pregou: "E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos" (Atos 4:12). É o fato de o Messias ser Deus que O torna apto para ser o nosso Salvador: "A divindade de Cristo é a certeza de vida eterna para o crente".³

Ezequiel 44:1 e 2 traz outra profecia messiânica que vale a pena considerarmos: "Depois o homem trouxe-me de volta para a porta externa do santuário, que dava para o lado leste, e ela estava trancada. O Senhor me disse: Esta porta deve permanecer trancada. Não deverá ser aberta; ninguém poderá entrar por ela. Deve permanecer trancada porque o Senhor, o Deus de Israel, entrou por ela." Ela é conhecida como a "Porta Oriental" (Neemias 3:29), chamada hoje de Porta Dourada, era a única porta que dava acesso direto ao pátio do templo. Localiza-se no lado oriental de Jerusalém, e foi lacrada em 1542 por ordem do Sultão Suleiman II, o Magnífico, e permanece fechada até o dia de hoje. Jesus entrou por ela montado em um jumento.⁴ Apenas Ele pode cumprir essa profecia. Quem é o Deus de Israel, então?

Considerações finais

O evangelista João conta que Jesus confessou Sua natureza divina em duas ocasiões. (1) Diante de uma plateia de judeus incrédulos, Ele afirmou: "Antes que Abraão existisse, Eu sou" (João 8:58). Ele remeteu os Seus ouvintes ao encontro de Moisés com Jeová na sarça ardente. Naquele ocasião, o Senhor Se identificou ao Seu servo como "Eu sou" (Êxodo 3:14). João diz que os judeus chegaram a pegar em pedras para O apedrejarem. Em outra ocasião, quando Ele reafirmou Sua divindade com as palavras "Eu e o Pai somos um" (João 10:30), os judeus pegaram em pedras novamente. Por quê? Eles explicaram que "não é por obra boa que Te apedrejamos, e sim por causa da blasfêmia, pois, sendo Tu homem Te fazes Deus a Ti mesmo" (João 10:33 e 32).

Levando em consideração o que afirmavam as profecias messiânicas, essa atitude de rejeição não se justificava. O ungido, o Messias esperado, seria Deus andando entre os homens. Os judeus que rejeitaram as alegações de Jesus também estavam recusando Sua Palavra. Por não crerem no que estava escrito, os judeus foram rejeitados. Qual será então o destino daqueles que, apesar de todas as evidências, rejeitarem esse fato?

JESUS É JEOVÁ

No quadro comparativo abaixo, podemos perceber a perfeita identidade de Cristo com Jeová. A lista poderia se alongar, mas acreditamos que os textos citados serão suficientes para provar o que afirmamos:

Leia	Compare com	
Joel 2:32	Romanos 10:13	Invocar o nome
Isaías 40:13	1 Coríntios 2:16	A mente divina
Salmos 19:14; Isaías 47:4	Colossenses 1:14	Redentor
Jeremias 17:10	Apocalipse 2:18 e 23	Esquadriñador
Salmos 23:1 e Ezequiel 34:15	João 14:14	Bom pastor
Salmos 27:1	João 8:12	a Luz
Isaías 43:3	Lucas 2:11	Salvador
Jeremias 10:10 e Deuteronômio 32:4	João 14:6	A Verdade
Isaías 42:5	João 1:3 e Isaías 44:24	Criador
Isaías 40:3	Mateus 3:1-3	O preparo do caminho

Conclusão: Essas profecias se cumpriram em Cristo e apontam para Sua natureza divina. Jesus era Deus andando entre os homens: veja João 1:1-3 e 14.

Referências

1 WHITE, Ellen G. *O Grande conflito*, p. 524.

2 McDOWELL, Josh e LARSON, Bart. *Jesus – Uma defesa bíblica da Sua divindade*. São Paulo: Hagnos, 1992, pp. 70 e 71.

3 WHITE, Ellen. *O Desejado de Todas as Nações*, p. 530.

4 SILVA, Rodrigo P. *A arqueologia e Jesus*. Engenheiro Coelho, SP: Paradigma, 2005, pp. 243-246.

5



Jesus Cristo, Deus pleno

As Escrituras nos ensinam que nosso Salvador é Deus em toda a amplitude da palavra

Durante os primeiros anos da pregação cristã, não havia a necessidade de explicar quem era Jesus. A mensagem dos apóstolos era de conteúdo simples. Encontramos o resumo dela nas palavras do apóstolo Paulo registradas em 1 Coríntios 15:3 e 4, “Antes de tudo, vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras”.

Enquanto a mensagem cristã estava restrita à comunidade judaica, não eram necessárias maiores explicações, mas à medida que a fé alcançava outros povos, começaram a surgir questionamentos que exigiram uma explicação mais elaborada sobre a pessoa e a missão do Messias. Contudo, as diversas interpretações acabaram abrindo a porta para muitas heresias.

Uma das mais antigas heresias sobre a pessoa de Cristo foi o *docetismo*. Cerinto (85 d.C.), um dos principais defensores dessa ideia, ensinava que a humanidade de Cristo era ilusória, e que Cristo apenas “parecia” ser real. João se opôs firmemente a esse ensino (veja 1 João 1:1-3 e 4:1-3).

Outro erro que surgiu no tempo dos apóstolos foi o chamado *ebionismo*. Esse grupo (os ebionitas) apareceu no fim do primeiro século. Eram legalistas e viam em Jesus apenas um exemplo a ser seguido, mas não a pessoa de Deus. No segundo século depois de Cristo floresceu uma heresia de contornos místicos conhecida como *gnosticismo*. Para eles, o mundo material era mau, e o imaterial, bom. Por isso, para eles era impossível que Deus tivesse criado o mundo e que Jesus tivesse um corpo físico. Uma fagulha divina – ou emanação de Deus – teria criado o mundo. O *modalismo*, surgido no século terceiro depois de Cristo, afirmava que Deus é um só, mas que Se manifesta em três pessoas. Assim como alguém pode ser médico, pai e filho, Deus Se revela de três modos diferentes. O *modalismo* negava a distinção entre as pessoas da divindade. Para eles, o Pai, o Filho e o Espírito Santo eram uma só pessoa.

Contudo, a pior heresia surgiu no quarto século depois de Cristo, pois ameaçou dividir a igreja. Estamos falando do *arianismo*, grupo que negava a plena divindade de Cristo. Ário, que liderou o movimento, era presbítero de Alexandria, no Egito, entre os anos de 256 e 336 d.C. Ele ensinava que o “logos” seria uma emanação ou expressão de Deus, mas que não podia ser identificado com o Deus altíssimo. Para Ário, o Logos — Jesus Cristo — havia sido criado por Deus em algum momento na eternidade e Se tornou o agente ativo da criação. O Concílio de Niceia, realizado em 325 d.C., combateu as ideias arianas e confirmou a fé da igreja, de que Cristo era igual ao Pai e, portanto, era eterno e digno de adoração.

Outras heresias quanto à pessoa de Cristo surgiram ao longo do tempo, sempre revelando uma tendência extrema. Ora a balança pendia para dizer que Jesus não é totalmente humano, ora para negar a plena divindade de Cristo.

Hoje, mais que em qualquer outro tempo na história do cristianismo, a tendência é negar a plena divindade de Cristo. A mídia de divulgação científica popular procura apresentar a Jesus apenas como um revolucionário que foi martirizado pelos seus ideais. Eles rejeitam a confiança no relato dos evangelhos e embarcam na teologia liberal para tentar provar que Jesus nunca afirmou ser Deus e que Seus seguidores é que O divinizaram.

Como se não bastasse o ataque de fora do cristianismo, existem movimentos religiosos que usam a Bíblia com o mesmo objetivo. Em diferentes graus, a divindade de Cristo é questionada por eles. Essa onda atingiu o adventismo na década de 1980 nos Estados Unidos e chegou ao Brasil na década seguinte. Alegando estarem restaurando a fé adventista primitiva, eles afirmavam que os pioneiros da mensagem não criam na absoluta divindade de Cristo. Para eles, crer nisso é estar em harmonia com Babilônia. Contudo, nós não estamos preocupados com o que A ou B ensinam sobre a divindade. Precisamos recorrer às Escrituras para verificar se esses ensinos são verdadeiros ou não.

A nossa norma de fé e prática é a Palavra de Deus e não a opinião tradicional. O que a Bíblia tem a dizer sobre a divindade de Cristo? Era Ele Deus, como Seu Pai, ou um ser criado exaltado a essa condição? Ele é eterno ou foi gerado por Deus? Perdeu Ele, em algum momento do plano da salvação, algum dos Seus atributos? Deixou de ser Deus enquanto esteve aqui na Terra? São essas questões que queremos responder ao longo deste capítulo, à luz da Palavra de Deus.

Os atributos de Deus em Cristo

Neste texto, vamos avaliar duas evidências a favor da plena divindade de Cristo. Em primeiro lugar, a Bíblia ensina que Cristo possui em Si todos os atributos da divindade. Como disse Paulo à igreja em Colossos: “*Pois em Cristo habita corporalmente toda a plenitude da divindade*” (Colossenses 2:9).

A forma como o apóstolo escreveu indica que a plenitude da divindade de Cristo era uma condição permanente, contínua. Ou seja, em nenhum momento Ele deixou de ser Deus.

A palavra *plenitude*, que aparece neste versículo, no texto original tem o sentido de *natureza*, de *essência*. O sentido é que “Ele mesmo era e é o Deus perfeito e absoluto.”¹

De forma didática, os atributos de Deus podem ser classificados em dois grupos: (1) **os comunicáveis** e (2) **os incomunicáveis**. Quando falamos em atributos comunicáveis, nos referimos àquelas qualidades que Deus possui de forma absoluta e que nós compartilhamos de forma relativa. Entre esses, podemos citar o *amor*, a *justiça*, a *misericórdia*, entre outros. A expressão máxima dessas qualidades se encontra em Deus. No homem, feito à Sua imagem e semelhança, esses atributos se revelam de forma parcial.

Atributos incomunicáveis são aqueles que apenas Deus tem, e não são encontrados no homem em nenhum sentido. Eles são cinco: *onipotência*, *onipresença*, *onisciência*, *imutabilidade* e *eternidade*.

Por onipotência, queremos dizer que Deus pode todas as coisas. A frase “nada é impossível para Deus”, é repetida ao longo das Escrituras (Gênesis 18:14; Jó 42:2; Zacarias 8:6; Mateus 19:26; Marcos 10:27; Lucas 1:37; Lucas 18:27). A Bíblia afirma que Jesus também pode fazer todas as coisas: “*E, chegando-Se Jesus, falou-lhes, dizendo: É-Me dado todo o poder no Céu e na Terra*” (Mateus 28:18). “*Mas a nossa cidade está nos céus, donde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, que transformará o nosso corpo abatido, para ser conforme o Seu corpo glorioso, segundo o Seu eficaz poder de sujeitar também a Si todas as coisas*” (Filipenses 3:20 e 21). “*E ao anjo da igreja que está em Filadélfia escreve: Isto diz o que é santo, o que é verdadeiro, o que tem a chave de Davi, o que abre, e ninguém fecha, e fecha, e ninguém abre*” (Apocalipse 3:7). Como ser onipotente, Jesus é o criador e mantenedor de tudo que existe: “*Todas as coisas foram feitas por intermédio dEle, e, sem Ele, nada do que foi feito se fez*” (João 1:3). “*Ele, que é o resplendor da glória e a expressão exata do Seu Ser, sustentando todas as coisas pela palavra do Seu poder*” (Hebreus 1:3).

Quando se diz que Deus é onisciente, está se afirmando que Ele sabe todas as coisas. Jesus também possui essa qualidade divina. Paulo diz que “*nEle estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento*” (Colossenses 2:3, Nova Versão Internacional). Na noite em que Jesus foi traído, Seus discípulos confessaram

ram: “Agora, vemos que sabes todas as coisas e não precisas de que alguém Te pergunte” (João 16:30). E o apóstolo Pedro, quando manteve uma conversa pessoal com o Mestre depois da ressurreição, também confessou isso: “E respondeu-Lhe [Pedro]: Senhor, Tu sabes todas as coisas” (João 21:17). A Bíblia também afirma que Cristo conhecia o coração do homem: “Não precisava que ninguém Lhe desse testemunho a respeito do homem, pois Ele bem sabia o que havia no homem” (João 2:25). Essa é uma clara confissão da divindade de Cristo, pois em 1 Reis 8:39 é dito: “Só Tu [Senhor Deus] conheces o coração do homem”.

Alguém pode perguntar: “Mas por que Ele disse que não sabia nem a hora nem o dia de Sua vinda?” (Mateus 24:36; Marcos 13:32). Diferentes comentaristas da Bíblia dão variadas explicações sobre a declaração de Cristo, o qual, ainda que fosse Deus pleno, disse não saber o dia e a hora de Sua segunda vinda.

Alberto Barnes, conhecido comentarista, assim explicou os textos bíblicos acima citados:

“Este texto tem apresentado sempre sérias dificuldades. Tem-se perguntado: Se Jesus possuía natureza divina, como podia Ele dizer que não sabia o dia e a hora de um evento futuro? Em resposta, tem-se dito que a passagem estava ausente em alguns manuscritos gregos; mas foi encontrada em todos eles, e resta pouca dúvida de que a passagem é genuína. Outros têm afirmado que o verbo traduzido como ‘sabe’ algumas vezes significa ‘tornar conhecido ou revelar’, e que a passagem significa ‘que o dia e a hora ninguém torna conhecido, nem os anjos, nem o Filho, mas o Pai’. É verdade que a palavra tem algumas vezes esse significado, como em 1 Coríntios 2:2.”²

Ellen G. White afirma algo semelhante:

“Mas o dia e hora de Sua vinda não foram revelados. Jesus declarou positivamente a Seus discípulos que Ele próprio não podia dar a conhecer o dia ou a hora de Sua segunda vinda. Houveresse estado na liberdade de revelar isto, que necessidade teria então de os exortar a uma constante vigilância?”³

O dia e a hora da segunda vinda de Cristo serão revelados pelo Pai no final do tempo de angústia, pouco antes do retorno do Salvador:

“A voz de Deus é ouvida no Céu, declarando o dia e a hora da vinda de Jesus, e estabelecendo concerto eterno com Seu povo. Semelhantes a estrondos do mais forte trovão, Suas palavras ecoam pela Terra inteira.”⁴

Ele poderia dizer a Natanael: “Eis um verdadeiro israelita, em quem não há dolo! Perguntou-lhe Natanael: De onde me conheces? Respondeu-lhe Jesus: Antes de Filipe te chamar, Eu te vi, quando estavas debaixo da figueira” (João 1:47 e 48).

Outra qualidade divina revelada por Cristo foi a onipresença. Isso significa que, tal como Deus, Ele está em todas as partes ao mesmo tempo. Ele prometeu aos Seus discípulos que sempre estaria com eles: “Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em Meu nome, ali estou no meio deles” (Mateus 18:20). Ele prometeu presença permanente até o fim da história: “E eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos” (Mateus 28:20). Mas Ele não Se faria presente através do Espírito Santo? Não foi isso que Ele prometeu. Embora o Espírito de Deus permeie todas as coisas, como se lê em Salmos 139, Jesus fez uma promessa pessoal. Ele estaria com Seus discípulos, pois é Deus. “Aquele que desceu é também o mesmo que subiu acima de todos os céus, para encher todas as coisas” (Efésios 4:10).

Mesmo durante Sua estadia na Terra, Ele não perdeu Sua divindade. Na entrevista que manteve com Nicodemos, Jesus ensinou que, ao mesmo tempo em que conversava com aquele mestre em Israel, também estava no Céu: “Ora, ninguém subiu ao Céu senão Aquele que de lá desceu, a saber, o Filho do Homem que está no Céu” (João 3:13). Ellen G. White confirma isso:

“Cristo não podia ter vindo à Terra com a glória que possuía nas cortes celestiais. Seres humanos pecadores não suportariam vê-lo. Ele velou Sua divindade com a roupagem da humanidade, porém, não Se desfez de Sua divindade.”⁵

Outro atributo divino compartilhado pela divindade é a eternidade. A Bíblia ensina que tanto Jesus quanto o Pai (Salmos 90:2) e o Espírito Santo (Hebreus 9:14) sempre existiram e sempre continuarão a existir. Na profecia do nascimento do Messias em Belém, lemos: “E tu, Belém-Efrata, pequena demais para figurar como grupo de milhares de Judá, de ti Me sairá o que há de reinar em Israel, e cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade” (Miqueias 5:2). Segundo o profeta Isaías, Cristo seria o Pai da eternidade (Isaías 9:6), ou seja, a eternidade teria origem nEle. Jesus reafirmou essa verdade quando reivindicou para Si o nome de “Eu sou” (João 8:58). Ele encaminhou a mente dos judeus ao diálogo que Jeová

manteve com Moisés. Naquela ocasião, Deus Se apresentou a Seu servo como o grande “*Eu sou*” (Êxodo 3:14). Para o profeta Isaías, Deus Pai também Se apresentou como o “*Eu sou*”: “*Ainda antes que houvesse dia, Eu sou; e ninguém há que possa fazer escapar das Minhas mãos; operando Eu, quem impedirá?*” (Isaías 43:13, Almeida, Revista e Corrigida, 1995). A expressão “*Eu sou*” remete ao fato de que Deus existiu, existe e sempre existirá.

Contudo, alguém pode dizer que Jesus foi gerado por Deus em algum momento da eternidade, e que, portanto, Jesus era eterno porque Deus, de onde Ele Se formou, é eterno. Porém não é isso o que a Bíblia ensina. Ela diz claramente que deus nenhum se formou antes ou depois do Deus verdadeiro: “*Vós sois as Minhas testemunhas, diz o Senhor, o Meu servo a quem escolhi; para que o saibais, e Me creiais, e entendais que sou Eu mesmo, e que antes de Mim deus nenhum se formou, e depois de Mim nenhum haverá*” (Isaías 43:10). Jesus não passou a existir, mas sempre existiu.

Por último, Cristo é tão imutável quanto Deus. Por imutabilidade queremos dizer que Deus é o mesmo sempre, em todas as eras. Ele não pode ser aperfeiçoado ou ter Sua opinião mudada. Tiago ensinou isso quando disse que em Deus “*não pode existir variação ou sombra de mudança*” (Tiago 1:17). Através do profeta Malaquias, o Senhor disse: “*Porque eu, o Senhor, não mudo*” (Malaquias 3:6). Cristo também não muda: “*Jesus Cristo é o mesmo, ontem, hoje e para sempre*” (Hebreus 13:8). Sobre esse versículo, Esequias Soares comenta:

“Se o Filho passou a existir a partir do dia em que foi ‘criado’, como pode ser Ele o mesmo ontem? Se antes da Sua ‘criação’ Ele não existia, podia ser Ele o mesmo antes de existir? De maneira nenhuma. Em qualquer tempo de eternidade passada, ‘os tempos antes dos séculos’ (Tito 1:2), no passado remotíssimo, que a mente humana não consegue alcançar, Ele ‘era o Verbo’, era o mesmo, o mesmo de hoje e de sempre, pois Ele é imutável.”⁶

Basta remover um dos atributos incomunicáveis para que Jesus deixe de ser Deus. Se Ele não é onipresente, então não pode todas as coisas, pois há a possibilidade de existirem fatos que Ele não saiba. Se Ele não é onisciente, então não pode estar em todos os lugares ao mesmo tempo, e, por extensão, não pode tudo. Um atributo está relacionado com o outro em total dependência.

“E o verbo era Deus”

Outro conjunto de evidências podem ser agrupadas para provar que Jesus era Deus: o fato de que Seus discípulos o chamaram de Deus. Eles conviveram com Ele durante três anos e meio e O conheceram profundamente. Não se deve esquecer que eles eram monoteístas convictos. Contudo, depois de todo o tempo passado com o Mestre, eles só podiam fazer a confissão de fé feita por Tomé: “*Senhor meu e Deus meu!*” (João 20:28). Sobre isso, escreveu Pedro: “*Simão Pedro, servo e apóstolo de Jesus Cristo, aos que conosco obtiveram fé igualmente preciosa na justiça do nosso Deus e Salvador Jesus Cristo*” (2 Pedro 1:1). Paulo também defende a divindade de Cristo quando escreve: “*Aguardando a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus*” (Tito 2:13).

Contudo, quem mais escreveu sobre a divindade do Filho de Deus foi o apóstolo João. Ele abre o seu evangelho com as impactantes palavras: “*No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus*” (João 1:1).

Os primeiros filósofos gregos estavam preocupados com a essência de todas as coisas. Eles queriam saber do que são feitas as coisas, qual é o elemento principal. A isso eles chamavam de princípio (no grego *arché*). Alguns defendiam a ideia de que o princípio de tudo era o fogo, outros diziam que era a água, enquanto outros ainda defendiam ser a terra ou o ar. Havia os que diziam existir um quinto elemento, invisível aos olhos, que eles chamavam de *quintessência*. Existia ainda um grupo afirmando que o princípio de tudo era algo indivisível, que eles chamavam de *átomo*. Eles se dedicavam a longos debates especulativos. Contudo, João declara abertamente que o princípio de tudo é o Verbo, a Palavra (no grego *logos*).

A passagem de João 1:1 pode ser dividida em três partes. Na primeira, João diz que “no princípio era o verbo”. No começo de tudo Ele já existia. Antes de todas as coisas serem criadas, Ele estava com o Pai. O verbo *era* indica que Cristo sempre existiu, pois aponta à Sua eternidade. Ele não Se formou ou veio a existir, mas simplesmente era.

“O conceito de eternidade do Logos é o mesmo que a Bíblia apresenta como um dos atributos incomunicáveis de Deus. ‘O Teu trono está firme desde então; Tu és desde a eternidade’ (Salmos 93:2). Isso significa que Deus é livre de toda a distinção temporal de passado ou futu-

ro, Ele não teve começo e nem terá fim em seu Ser, é de duração infinita no tempo, sem início nem fim. É essa a ideia que o apóstolo transmite ao afirmar: ‘no princípio era o Verbo’⁷

Sobre esse aspecto, comenta E. G. White:

“Cristo é o Filho de Deus, preexistente, existente por Si mesmo. [...] Falando de Sua preeexistência, Cristo conduz a mente através de séculos incontáveis. Afirma-nos que nunca houve tempo em que Ele não estivesse em íntima comunhão com o eterno Deus. Aquele cuja voz os judeus estavam então ouvindo, estivera com Deus como Alguém que vivera sempre com Ele. Ele era igual a Deus, infinito e onipotente. [...] É o Filho eterno, existente por Si mesmo.”⁸

Na segunda afirmação, o apóstolo progride em sua lógica, dizendo que “o Verbo estava com Deus”. O Verbo estava com o Pai na eternidade em um relacionamento perfeito de amor. O estar com Deus, neste caso, indica uma relação “face a face”, íntima, algo próprio de seres iguais. Nessa sentença João distingue o Pai do Filho, negando tanto a antiga heresia *modalista*, que confunde a identidade dos dois, como o *unicismo*, que, para alguns, apenas o Pai é Deus e, em outros casos, que apenas o Filho é Deus.

As duas sentenças anteriores levam à conclusão final: “E o Verbo era Deus.” A ideia nessa passagem é progressiva até chegar a esse clímax. Para apoiar a afirmação de que o Verbo era Deus, João diz logo em seguida que “todas as coisas foram feitas por intermédio dEle, e, sem Ele, nada do que foi feito se fez” (versículo 3). O Verbo é Deus, por isso criou todas as coisas. Para João, Ele não era um “deus menor” prestando obediência a um “Deus maior”. Jesus é Deus em todos os aspectos da palavra. Ele vai confirmar isso em outras partes de seus

escritos. Em 1 João 5:20 ele escreveu: “Também sabemos que o Filho de Deus é vindo e nos tem dado entendimento para reconhecermos o verdadeiro; e estamos no verdadeiro, em seu Filho, Jesus Cristo. Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna.” No começo dessa carta, ele havia dito que o Filho é a vida eterna: “E a vida se manifestou, e nós a temos visto, e dela damos testemunho, e vo-la anunciamos, a vida eterna, a qual estava com o Pai e nos foi manifestada” (1 João 1:2). Portanto, não há dúvida de que, para João, Cristo é Deus.

Conclusão

Precisamos estudar profundamente a divindade de Cristo. É necessário conhecer o que a revelação tem a falar sobre o assunto. Essa doutrina nos dá a certeza de nossa salvação. Deus Se ofereceu para morrer por nós. Seu sacrifício é infinito e Ele pode salvar a todos os que vão a Ele.

“Ainda procurando dar a verdadeira direção à sua fé, Jesus declarou: ‘Eu sou a ressurreição e a vida.’ Em Cristo há vida original, não emprestada, não derivada. ‘Quem tem o Filho tem a vida.’¹ João 5:12. A divindade de Cristo é a certeza de vida eterna para o crente.”⁹

Referências

- 1 RIENECKER, Fritz e ROGERS, Cleon. *Chave linguística do Novo Testamento grego*. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 425.
- 2 Citado por Silva, Davi Paes. *A plenitude da Divindade*. Itaquaquecetuba: Vida Plena, 2018, p. 44.
- 3 WHITE, Ellen G. *O Desejado de Todas as Nações*, p. 632.
- 4 WHITE, Ellen G. *The Review and Herald*, 15 de junho de 1905.
- 5 SOARES, Esequias. *Cristologia – a doutrina de Jesus Cristo*. São Paulo: Hagnos, 2008, pp. 24 e 25.
- 6 *Ibidem*, p. 27.
- 7 WHITE, Ellen G. *Evangelismo*, p. 615.
- 8 WHITE, Ellen G. *O Desejado de Todas as Nações*, p. 530.
- 9 WHITE, Ellen G. *O Desejado de Todas as Nações*, p. 530.

Anotações para estudo:

6



“E o Verbo Se fez carne”

O que as Escrituras Sagradas
ensinam sobre a natureza
humana de Cristo?

Uma das dificuldades de se estudar a questão da natureza humana de Cristo é o fato de que esse ponto teológico não representava uma grande dúvida entre os primeiros discípulos. Não havia dificuldades quanto à Sua natureza divina também. As duas naturezas de Cristo, humana e divina, só serão estudadas quando o cristianismo conquista o mundo pagão, nos séculos seguintes. Como bem lembrou Oscar Cullmann, “a discussão sobre as duas ‘naturezas’ [de Cristo] [...] [é], em última análise, um problema grego e não um problema judaico ou bíblico.”¹

Por isso, o texto bíblico não discute o assunto de forma direta. Todas as conclusões a que podemos chegar quanto a qualquer aspecto da humanidade de Cristo, precisam ser extraídas do texto bíblico, porque nenhum escritor neotestamentário teve a necessidade de provar ou discutir o tema. Isso pode abrir brechas para uma má interpretação do assunto. É preciso explorar a questão em todos os seus aspectos para se chegar à verdade. Quando se despreza isso, podemos ser levados a conclusões equivocadas e talvez até a heresias. Nesse ponto, é preciso “tirar as sandálias dos pés”, porque é terra santa.

Interpretações equivocadas quanto à pessoa de Cristo surgiram mesmo nos dias em que Ele andou entre nós. Havia muito questionamento ao fato de Ele ser o Messias esperado. Mesmo entre aqueles que O aceitaram, surgiram pensamentos equivocados sobre a Sua natureza. Influenciados pela filosofia grega, alguns cristãos começaram a negar a realidade física de Cristo. Levados pelo ensino neoplatônico, que dizia ser má a matéria, e a realidade espiritual boa, esses crentes diziam que era impossível que Deus (o bem) Se manifestasse em carne (que, em si, é má). Portanto, Ele apenas parecia real. Ele era apenas uma alma que se materializou no tempo do Seu batismo e que se desfez antes de ser crucificado. Esse grupo foi denominado pelos seus antagonistas como *docetistas* (do grego *doken*, parecer). O apóstolo João enfrentou essa heresia deixando muito claro que o Cristo que ele conhecia, cria e pregava era real. Na introdução de sua primeira carta, ele afirma:

“O que era desde o princípio, o que temos ouvido, o que temos visto com os nossos próprios olhos, o que contemplamos, e as nossas mãos apalparam, com respeito ao Verbo da vida (e a vida se manifestou, e nós a temos visto, e dela damos testemunho, e vo-la anunciamos, a vida eterna, a qual estava com o Pai e nos foi manifestada), o que temos visto e ouvido anunciamos também a vós outros, para que vós, igualmente, mantenham conosco” (João 1:1-3).

Mais à frente, em sua epístola, ele condena os docetistas, afirmando que aquele ensino era uma heresia que atacava a pessoa de Cristo:

"Amados, não deis crédito a qualquer espírito; antes, provai os espíritos se procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo para. Nisto reconheceis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito que não confessa a Jesus não procede de Deus; pelo contrário, este é o espírito do anticristo, a respeito do qual tendes ouvido que vem e, presentemente, já está no mundo." (João 4:1-3).

Desta passagem, podemos deduzir mais um princípio: ensinar algo contrário à revelação sobre a pessoa de Cristo é o “espírito do anticristo”, ou seja, cair sob a maldição pronunciada por Paulo em Gálatas 1:8 e 9: “Mas, ainda que nós ou mesmo um anjo vindo do céu vos pregue evangelho que vá além do que vos temos pregado, seja anátema. Assim, como já dissemos, e agora repito, se alguém vos prega evangelho que vá além daquele que recebestes, seja anátema.”

Continuando a série de estudos sobre a natureza humana de Cristo neste capítulo, vamos analisar a questão da natureza humana de Jesus conforme o ensino das Escrituras. Em primeiro lugar, vamos definir até que ponto Ele era semelhante a nós. Depois, vamos analisar o que a Bíblia diz sobre o pecado. Por que é preciso fazer isso? Para percebermos que a doutrina da impecabilidade de Cristo só pode ser defendida com honestidade pela posição pré-lapsariana. Serão estudados os textos bíblicos que enfatizam a pureza moral de Cristo para, finalmente, analisarmos as passagens que afirmam ensinar que Cristo assumiu a natureza moral de Adão após a queda. Essa excursão pela Palavra de Deus poderá nos ajudar a definir para que lado da balança as evidências pesam.

Jesus herdou a natureza física de Adão depois da queda

Ao contrário do ensino docético, as Escrituras claramente demonstram que Jesus era humano em todos os aspectos: físico, emocional e espiritual. Ele diferia de nós apenas no fato de que não cometeu pecado. No aspecto físico, Jesus nasceu da mesma forma que as demais pessoas vêm ao mundo (Mateus 1:25; Lucas 2:6), embora Sua concepção tenha sido diferente por ser obra do Espírito Santo (Mateus 1:18; Lucas 1:35). Ele cresceu como qualquer outra criança judia de Sua época. Apesar de não entrar em detalhes sobre Sua infância, as Escrituras resumem o período

do que vai do seu oitavo dia de vida até a reunião em que Se apresenta no santuário, com a idade de 12 anos, dizendo as seguintes palavras: “Crescia o menino e Se fortalecia, enchendo-Se de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre Ele” (Lucas 2:40). Depois dos eventos narrados, Lucas resume a segunda fase de vida de Cristo, que vai até o Seu batismo, da seguinte forma: “E crescia Jesus em sabedoria, estatura e graça, diante de Deus e dos homens” (Lucas 2:52). Lucas enfatiza o desenvolvimento humano de Jesus em três dimensões: mental, física e espiritual.

Ele era semelhante a nós no aspecto físico. Como qualquer um de nós, sentiu fome (Mateus 4:2; Marcos 11:12), sede (João 19:28), sono (Mateus 8:24) e cansaço (João 4:6). Ele foi tocado pelas pessoas, porque era um ser palpável (Lucas 8:44 e 45). E, por fim, morreu (Lucas 23:46), não por ser Deus, porque Deus não pode morrer, mas por ser homem. Jesus também tinha sentimentos humanos, tais como tristeza (Mateus 26:37), alegria (João 15:11), indignação (Marcos 3:5), angústia (Marcos 14:33) e vontade de chorar (João 11:35).

Quanto ao Seu desenvolvimento mental, Cristo aprendeu a ler e escrever como qualquer menino judeu de Seu tempo (João 8:6). Apesar de impressionar as pessoas com Sua sabedoria (Mateus 13:54), Ele não tinha um conhecimento ilimitado. Sobre isso, D. M. Baillie comenta: “O conhecimento de Jesus era essencialmente tão limitado quanto o de um homem [...] mesmo o conhecimento de nosso Senhor, em uma relação ímpar com Deus, veio-Lhe empiricamente, enquanto andava entre os homens.”²

Por último, precisamos destacar a vida devocional de nosso Senhor. Ele frequenta a sinagoga aos sábados regularmente (Lucas 4:16) e era um homem de oração (Lucas 6:12) e, quando Se sentia esgotado, gostava de Se retirar a um lugar solitário para passar algum tempo em comunhão com Deus (Marcos 6:31 e 32). Segundo o escritor de Hebreus, Jesus aprendeu a obedecer por meio dos sofrimentos que passou (Hebreus 5:7-9).³

Por fim, foi tentado como nós: “Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi Ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado” (Hebreus 4:15). Porém, como Ele poderia ser tentado em todos os aspectos humanos, se não tinha tendências pecaminosas? Sobre isso, Donald Guthrie pondera:

“Uma vez que nós somos tentados e pecamos, e Ele é tentado e não peca, como Suas tentações podem ser iguais à nossas? Se Ele não tem a mesma tendência ao pecado que nós temos, não está, por estes mesmos fatos, numa posição privilegiada que imediatamente distingue Sua tentação da nossa? Para uma solução a essa dificuldade, devemos notar que a tentação em si mesmo não é pecaminosa. A ideia diz respeito mais ao ser exposto à prova ou à sedução, isto é claramente possível, e não exige que a pessoa tentada peche. Embora certamente haja um sentido em que o fato de Jesus ter sido exposto à tentação foi diferente da tentação dos homens, porque Ele estava livre da tendência ao pecado, mesmo assim, num outro sentido, Sua própria provação foi, em todos os aspectos, semelhante à nossa. A experiência de Jesus não foi confinada às três tentações no deserto, afetou a totalidade da Sua missão. Basta saber que Ele passou por tentações e pressões que nenhum outro homem já conheceu. O maior neste caso inclui o menor. O que são as minhas tentações, mesmo enfrentando uma tendência que uma pessoa perfeita e divina não experimentou, comparadas com o que Ele suportou? Sua impecabilidade é demonstrada para Seu povo, não tanto como exemplo quanto como inspiração. Nosso Sumo Sacerdote é altamente experiente nas provações da vida humana.”³

Ao contrário de nós, que caímos sob a ação da tentação, Jesus a enfrentou até o fim, sem ceder. Ele sentiu toda a pressão da prova de um modo que o pecador não conhece. Por Ele ter resistido até o fim, conheceu todo o poder da tentação. A bem da verdade, Cristo é o homem perfeito, nossa referência do que Deus queria que a humanidade fosse. Sobre isso, Kelson Oliveira comenta com propriedade:

“Somos tão humanos quanto Jesus? Esta pergunta nos remete a verdade que não temos a humanidade em toda a sua plenitude. Não somos seres humanos genuinamente puros, assim como Jesus o foi. Do ponto de vista bíblico só houve três seres humanos completamente humanos: Adão e Eva (antes da Queda), e Jesus. Todo o restante da humanidade é apenas uma sombra da humanidade original. Nossa humanidade é totalmente conspurcada pelo pecado que tenazmente nos assedia. Somos versões inferiores da versão adâmica original. Dessa maneira Jesus não só é humano como nós, como também é mais humano. É sua humanidade que deve ser padrão para nós e não o inverso.”⁴

O que é pecado?

O problema da natureza de Cristo durante Sua encarnação pode ser melhor definido quando entendermos o conceito bíblico de pecado. A posição pós-lapsariana, que apregoa ter Cristo herdado a natureza humana moral de Adão depois da queda, revela uma tendência de se ter uma compreensão limitada da natureza do mal no coração humano. Em geral, as pessoas que ensinam que Jesus tinha tendências para pecar veem o pecado como uma questão de comportamento. Ele é entendido mais como ações erradas do que com algo que corrompe a nossa natureza íntima. Esse grupo costuma dividir o pecado em dois tipos: pecado consciente e pecado inconsciente, ou pecado voluntário e involuntário. Por que isso acontece? Quando se entende que o pecado está mais relacionado com ações externas do que com o coração, temos a falsa impressão de que temos controle sobre ele. Afinal, basta parar de fazer algumas coisas e começar a fazer outras. Se o crente consegue mudar suas ações, ele pode imaginar que pode vencer o pecado. E aquilo que ele não consegue mudar, tal como os sentimentos malignos, ele classifica como pecado involuntário que, segundo essa teologia, não é responsabilidade do homem.

Em 1 João 3:4, temos a definição clássica de pecado: “Pecado é transgressão da lei”. Contudo, ela não entra no âmago da questão. Se ficarmos apenas nessa definição, o pecado seria apenas uma questão de comportamento. Contudo, quando Jesus proferiu o sermão da montanha, Ele demonstrou que o pecado está mais relacionado com o que somos do que com o que fazemos: “Vocês ouviram o que foi dito: *Não adulterarás. Mas eu lhes digo: Qualquer que olhar para uma mulher para deseja-la, já cometeu adultério com ela no seu coração*” (Mateus 5:27 e 28). Para alguns pensadores cristãos, o passarinho pode passar por nossa cabeça, mas não podemos deixar que ele crie ninho. Será que eles querem dizer que se o pensamento não é alimentado, não constitui pecado? À luz do ensino de Jesus, o voo do passarinho já é pecado. Não é necessário consumar o ato para pecarmos. A intenção já é pecado.

“Não podemos impedir que os pássaros voem sobre as nossas cabeças, mas podemos impedir que eles façam ninhos sobre elas. Assim também não podemos nos livrar de sermos tentados, mas podemos lutar para não cairmos em tentações” (Martinho Lutero).

Seria interessante explicar melhor a citação para que os críticos não ofusquem essa brilhante colocação.

Caberia uma explicação sobre os pensamentos pós-lapsariano e pré-lapsariano em relação à natureza moral e física de Cristo. Onde Sua natureza moral era pré-lapsariana e Sua natureza física, pós-lapsariana? Jesus foi afetado pelo pecado, mas jamais infectado por ele. Seria interessante falar sobre fraquezas inocentes e tendências pecaminosas.

A irmã White afirma que “nossa única definição de pecado é a que é dada na Palavra de Deus; é: ‘quebrantamento da lei’; é o efeito de um princípio em conflito com a grande lei do amor, que é o fundamento do governo divino.”⁵

Segundo a inspiração, o pecado é um princípio que atua de dentro para fora, e que contamina tudo o que o homem faz, pensa ou é. Nessa questão, o que somos é mais importante do que aquilo que fazemos. Podemos mudar nossas ações, mas não temos o poder de mudar nossa natureza pecaminosa.

O conceito bíblico de pecado vai além do comportamento ou atitude. Segundo o apóstolo Tiago, “quem sabe que deve fazer o bem e não o faz, comete pecado” (Tiago 4:17). Portanto, é possível pecar por omissão. Não basta fazer coisas erradas para pecar; ao nos recusarmos a fazer o bem, estamos pecando. Podemos pecar de forma ativa e de forma passiva. Jesus tocou nessa questão quando disse que “aquele que não está comigo, está contra Mim; e aquele que comigo não ajunta, espalha” (Mateus 12:30).

Tudo o que somos e fazemos é contaminado pelo pecado; e, apenas na glória, quando nosso corpo será transformado, é que o pecado será completamente erradicado da nossa natureza. Enquanto estivermos desse lado da eternidade, estaremos em aberta luta contra a nossa natureza pecaminosa, e em nenhum momento podermos imaginar que a temos vencido.

“Enquanto reinar Satanás, teremos de subjugar o próprio eu e vencer os pecados que nos assaltam; enquanto durar a vida não haverá ocasião de repouso, nenhum ponto a que possamos atingir e dizer: ‘Alcancei tudo completamente’. A santificação é o resultado de uma obediência que dura a vida toda.”⁶

A natureza pecaminosa do homem contamina até mesmo as boas ações do crente. O profeta Isaías afirma que “somos como o impuro — todos

nós! Todos os nossos atos de justiça são como trapo imundo” (Isaías 64:6). Ele não diz que nossas injustiças, mas sim, nossas justiças, são imundas diante de um Deus santo. Por isso, Elifaz exalta a santidade de Deus, dizendo: “Fique sabendo que Deus não considera nem os próprios anjos inocentes e puros! Perto da santidade de Deus, até o Céu é impuro!” (Jó 15:15, Bíblia Viva). Ellen G. White confirma esse pensamento com as seguintes palavras:

“Os cultos, as orações, o louvor, a penitente confissão do pecado, sobem dos crentes fiéis, qual incenso ao santuário celestial, mas *passando através dos corruptos canais da humanidade, ficam tão maculados que, a menos que sejam purificados por sangue, jamais podem ser de valor perante Deus*. Não ascendem em imaculada pureza, e a menos que o Intercessor, que está à mão direita de Deus, apresente e purifique tudo por Sua justiça, não será aceitável a Deus.”⁷

Entender a verdadeira natureza do pecado, e o modo como corrompe a natureza moral da humanidade, é o primeiro passo para definir qual é a posição bíblica sobre a natureza humana de Cristo.

Jesus herdou a natureza moral de Adão antes da queda

Jesus foi em tudo feito semelhante a nós, menos em ter tendências pecaminosas. Ellen White enfatiza que Cristo “é um irmão em nossas fraquezas, mas *não em possuir idênticas paixões*. Sen-
do sem pecado, Sua natureza recuava do mal.”⁸

O pecado, em Cristo, atuava de fora para dentro, e não de dentro para fora. Apesar de Sua natureza física ser pecaminosa, Sua natureza moral estava isenta de pecado. Ele era o segundo Adão. Veio ao mundo não para provar que você ou eu podemos viver sem pecar, mas para demonstrar que Adão, tal como Deus o criara, não precisava ter pecado.

“Vindo a este mundo em forma humana, para viver como um homem entre os homens, Cristo assumiu as desvantagens da natureza humana para ser submetido à prova. Em Sua humanidade, participava da natureza divina. Em Sua encarnação, o título ‘Filho de Deus’ ganhou um novo sentido.”⁹

“Como membro da família humana, era mortal; porém, como Deus, era a Fonte de Vida para o Mundo. Ele poderia resistir sempre aos avanços da morte em Sua pessoa divina, e recusado colocar-Se sob seu domínio; porém, estava dis-

posto a dar voluntariamente Sua Vida, de modo que pudesse dar vida e trazer luz à imortalidade. [...] Que humilhação foi esta! Assombrou aos anjos. A língua jamais poderá descrever, a imaginação não pode captar. O Verbo Eterno consentiu em fazer-Se carne! Deus Se fez homem.”¹⁰

“Cristo veio à Terra, tomado sobre Si a humanidade e constituindo-Se representante do homem, para mostrar, no conflito com Satanás, que o homem, tal como Deus o criou, unido ao Pai e ao Filho, poderia obedecer a todo reclamo divino.”¹¹

Se Jesus tinha as tendências pecaminosas que herdamos dos nossos pais, podemos incorrer no erro de atribuir a Ele um coração tão corrupto como o nosso. Ele é nosso modelo, nosso exemplo. É um alvo que buscamos atingir durante uma vida toda, mas que continuaremos tentando alcançar por toda a eternidade.

“Cristo é nosso modelo, o perfeito e santo exemplo que nos foi dado para que o seguíssemos. Jamais poderemos igualar o Modelo; podemos, porém, imitá-LO e assemelhar-nos a Ele de acordo com nossa capacidade.”¹²

“Ninguém, senão Jesus, é perfeito.”¹³

Vamos dar um passo além neste estudo. As Escrituras afirmam claramente a pureza moral de Jesus durante os dias de Sua encarnação. Para o apóstolo Pedro, que conviveu durante três anos e meio com o Mestre, Jesus Cristo nunca cometeu pecado: “Ele não cometeu pecado algum” (1 Pedro 2:22). Nessa passagem, além de confessar a impecabilidade de Cristo, o apóstolo está ressaltando quão injusto foi o Seu sofrimento, pois não havia nenhum motivo para sofrer o que impuseram a Ele.¹⁴

João, o apóstolo do amor, que também conheceu Jesus profundamente, ensinava que Ele “não conheceu pecado” (1 João 3:5). O sentido do pensamento joanino é melhor exposto pela Bíblia Viva, que parafraseou esse versículo com as seguintes palavras: “nEle não há pecado, nenhum desvio da vontade de Deus, em nenhuma ocasião e de nenhuma maneira”. Para John Stott, “a impecabilidade de Cristo não pertence nem à sua preexistência, nem aos dias da Sua carne, nem à sua condição celestial, mas à Sua natureza essencial e eterna”¹⁵.

Da mesma forma que João, Paulo afirma que Jesus é “Aquele que não conheceu pecado” (2 Coríntios 5:21). No sentido bíblico, “conhecer” envolve mais do que dissecar algum ponto de

teologia com raciocínio lógico. Só se conhece aquilo com que nos relacionamos com as coisas que experimentamos e vivenciamos. É preciso sondar algo com profundidade; é necessário compreender todos os seus aspectos. Portanto, quando ele diz que Cristo não conheceu pecado, está afirmando que Ele não teve nenhum contato, em nenhum aspecto, com o mal, mesmo em Seu íntimo.

Apenas de Cristo é dito que era puro desde o Seu nascimento: “Respondeu-lhe o anjo: Descerá sobre ti o Espírito Santo, e o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra; por isso, também o ente santo que há de nascer será chamado Filho de Deus” (Lucas 1:35).

Por fim, vamos analisar Hebreus 7:26, que diz: “Com efeito, nos convinha um sumo sacerdote como este, santo, inculpável, sem mácula, separado dos pecadores e feito mais alto do que os céus”.

Aqui são mencionadas três qualidades pessoais de Cristo, como nosso Sumo Sacerdote perfeito. Essas características estão interligadas entre si: *santo*, *inculpável* e *sem mácula*. A primeira qualidade se refere à santidade pessoal, que significa cumprir perfeitamente toda a vontade de Deus. O caráter de tal pessoa não pode ser acusado de erro ou de impunidade. As outras duas qualidades se referem ao impacto do caráter de Cristo sobre as outras pessoas. Ninguém pode acusá-LO de apostasia moral ou de corrupção. A palavra *inculpável* (*akakos*) significa “inocente” no sentido de não ter dolo, ao passo que a palavra *sem mácula* (*amiantos*) significa “incontaminado”.

“As três palavras se combinam entre si para oferecer um quadro completo da pureza de nosso Sumo Sacerdote. Ele não apenas é inherentemente puro, como também permanece puro em todos os Seus contatos com homens pecaminosos.”¹⁶

Carne de pecado

Por último, vamos estudar algumas passagens citadas pelos defensores do pensamento pós-lapsariano em seu intuito de defender essa posição. Um texto bíblico muito citado para isso é Romanos 8:3, “Porquanto o que fora impossível à lei, no que estava enferma pela carne, isso fez Deus enviando o seu próprio Filho em semelhança de carne pecaminosa e no tocante ao pecado; e, com efeito, condenou Deus, na carne, o pecado”. A expressão “carne pecaminosa” pode se referir às nossas tendências pecaminosas?

Paulo está falando aqui da aparência humana que Cristo herdou de nós quando Se fez homem. O apóstolo fala da forma visível, ou seja, que Ele tinha um corpo real e tangível semelhante ao nosso. Em Colossenses 1:22, o apóstolo fala que Ele “vos reconciliou no corpo da Sua carne [de Cristo], mediante a Sua morte”. Sobre este versículo, Dale Moody esclarece:

“A carne do pecado significa que o Filho de Deus veio para habitar na mesma carne fraca em que o pecado veio habitar. O Filho derrotou o pecado em seu covil! Isso não significa que a carne de Jesus era pecadora, como poderiam ser interpretadas certas traduções [...] Isto contradiria o que Paulo disse a respeito da impecabilidade de Jesus (2 Coríntios 5:21).”¹⁷

Paulo está dizendo que Cristo assumiu nossa condição humana e não as nossas tendências para pecar. Na introdução à epístola aos Romanos, Paulo faz referência a esse fato, dizendo: “*Com respeito a Seu Filho, o qual, segundo a carne, veio da descendência de Davi*” (Romanos 1:3). Nem sempre a palavra grega *sarkós*, traduzida aqui por “carne”, tem o sentido de “tendências pecaminosas”. Conforme o contexto, ela pode significar carne no sentido literal (Lucas 24:39), corpo (Marcos 10:8; Atos 2:26) ou mesmo pessoa (Marcos 10:8; Lucas 3:6). No caso de Romanos 1:3, segundo o *Léxico do NT Grego/Português* de Gingrich e Danker (São Paulo: Vida Nova, 1984), o sentido é de “descendência terrena”. Por isso, a Nova Tradução na Linguagem de Hoje verteu essa passagem da seguinte forma: “*Ela fala a respeito do Filho de Deus, o nosso Senhor Jesus Cristo, o qual, como ser humano, foi descendente do rei Davi*”.

Por fim, vamos analisar Hebreus 2:14 e 17:

“*Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue, destes também Ele [Cristo], igualmente, participou, para que, por Sua morte, destruisse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo, [...] Por isso mesmo, convinha que, em todas as coisas, Se tornasse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote nas coisas referentes a Deus e para fazer propiciação pelos pecados do povo.*”

O autor dessa passagem parece defender que Cristo Se tornou semelhante aos demais homens na participação comum da carne e do sangue, o que sugere uma condição pós-lapsariana, ou seja, que Cristo tinha tendências pecaminosas. Comentando sobre a necessidade de Cristo ter

Se tornado homem, A. M. Stibbs escreveu:

“Cristo pode (versículos 17 e 18) socorrê-los [a seus irmãos] plenamente desse modo, somente se entrasse de modo completo, na qualidade de homem autêntico, em sua experiência ou provação humano. O que necessitavam eram de alguém que pudesse corrigir suas relações com Deus (versículo 17) e ajudá-los a triunfar sobre as contínuas tentações da vida (versículo 18).”¹⁷

Para ajudar o pecador, Jesus precisou Se tornar semelhante a ele. Donald A. Hagner explica que isso não se deve tomar no sentido literal, porque Jesus nunca pecou. No capítulo 4:15, o autor de Hebreus explica o que queria dizer que Cristo é semelhante a nós: “*Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi Ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado*”.¹⁸

Referências

- 1 CULLMANN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2008, p. 21.
- 2 BAILLIE, Donald M. *Deus estava em Cristo – ensaio sobre a encarnação e a expiação*. Rio de Janeiro: JUERP, 1983.
- 3 OLIVEIRA, Kelson Mota T. *Cristologia: a Pessoa e a Obra de Nossa Senhor Jesus Cristo*. Parte IV — A Humanidade de Jesus. Sola Scripturas. Disponível em: <http://solascriptura-tt.org/Cristologia/Cristologia-HumanidadeJesus-Kelson.htm> Acesso em: 10 jul 2016.
- 4 GUTHRIE, Donald. *Hebreus* – introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1991, p.116.
- 5 WHITE, Ellen G. *O grande conflito*, p. 493.
- 6 WHITE, Ellen G. *Parábolas de Jesus*, pp. 560 e 561.
- 7 WHITE, Ellen G. *Mensagens escolhidas*, vol. 1, p. 344.
- 8 WHITE, Ellen G. *Testemunhos seletos*, vol. 1, p. 220.
- 9 WHITE, Ellen. *The Signs of the Times*, 2 de agosto de 1905.
- 10 WHITE, Ellen. *The Review and Herald*, 5 de julho de 1887.
- 11 WHITE, Ellen G. *Mensagens escolhidas*, vol. 1, p. 253.
- 12 WHITE, Ellen G. *Para conhecê-LO*, p. 265.
- 13 *Ibidem*, p. 136.
- 14 MUELLER, Énio R. *I Pedro* – introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1991, p. 166.
- 15 STOTT, John R. W. *I, II, e III Jodo* – introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1991, p. 106.
- 16 GUTHRIE, Donald. *Ibidem*, p. 158.
- 17 ALLEN Clifton J. (Ed. Geral). *Comentário bíblico Broadman: Novo Testamento*, volume 10, p. 252.
- 18 DAVISON, F. (Ed.) *O novo comentário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 1553.

7



O Espírito Santo

A doutrina sobre o Espírito Santo é um dos pontos teológicos mais negligenciados pelos cristãos

Entre os membros da divindade, com certeza o menos conhecido, estudado e pesquisado é o Espírito Santo. Isso aconteceu com a igreja cristã ao longo da sua história. Há mais de um século, Ellen G. White levantou esse questionamento:

“Por que não temos fome nem sede do dom do Espírito, visto como é este o meio pelo qual haveremos de receber poder? Por que não falamos sobre Ele, não oramos por Ele e não pregamos a Seu respeito?”¹

Depois de todo esse tempo, a situação continua a mesma. Pouco se fala do Espírito Santo na igreja atual. Você sabe qual é o resultado dessa falha? A própria Mensageira do Senhor responde, com outra pergunta: “Por que, então, se acha a igreja tão fraca e abatida?”² O fato de se conhecer tão pouco sobre o Espírito Santo explica por que vemos tão pouco do Seu poder entre nós.

Além de ser fonte de fragilidade espiritual, a falta de conhecimento acerca da pessoa do Espírito Santo e Sua obra deixa aberta uma porta para a entrada de heresias entre o povo de Deus. Por quê? Imagine se alguém se levantasse na Escola Sabatina para questionar a doutrina do sábado. É possível que até as crianças apresentassem algum texto bíblico em defesa dessa doutrina. Isso acontece porque a doutrina do sábado é bem conhecida entre nós. Agora, quando o assunto é menos conhecido e estudado, temos um ponto frágil do muro doutrinário da igreja que pode se tornar um alvo mais fácil para ataques do inimigo. Por desconhecer o tema, a pessoa é pega de surpresa, e dúvidas podem surgir. Contudo, chegou o tempo para corrigirmos essa falha. Ao fazer isso, além de protegermos os crentes do erro doutrinário, levaremos os cristãos a uma experiência mais profunda com a divindade, elevando nossa vida cristã a outra dimensão.

O debate sobre o Espírito Santo

Ao longo da história do cristianismo, a pessoa de Jesus Cristo esteve presente nos grandes debates teológicos. O Espírito Santo ocupou uma posição secundária nesses confrontos. A primeira grande heresia quanto à obra da terceira pessoa da divindade, foi liderada por Montano, líder da igreja Frígia, província da Ásia Menor, atual Turquia. Ele viveu na segunda metade do século segundo, e angariou um grupo de simpatizantes que viviam em comunidades. Eles rejeitavam a autoridade dos bispos porque alegavam ser dirigidos pelo Espírito Santo. Seus cultos eram marcados pelo frenesi e o êxtase. Apesar da perseguição que sofreram pelas forças do império romano, o movimento permaneceu até o século sétimo.

Durante as discussões cristológicas do concílio de Niceia, no quarto século, o tema do Espírito Santo foi deixado de lado. O Credo de Niceia, votado no encontro, definiu o que a igreja pensava sobre a pessoa de Cristo, mas terminava de forma simples, dizendo apenas: “Cremos no Espírito Santo.”³

O assunto foi discutido apenas cinquenta anos depois, no Concílio de Constantinopla, em 381 d.C. Por isso, o credo resultante passou a ser conhecido como Credo Niceno-Constan-tinoplano. Observe que o tema da Trindade não foi discutido em Niceia. A preocupação era outra.

Depois desse tempo, apenas no século 20 é que o Espírito Santo vai ficar mais uma vez debaixo dos holofotes. Foi quando nasceu o movimento pentecostal moderno, com sua ênfase no batismo do Espírito Santo e o falar em línguas.

No meio adventista sempre se falou da Chuva Serôdia e do batismo com o Espírito Santo. Contudo, como vimos na introdução, pouca atenção foi dada tanto à pessoa quanto à obra do Espírito de Deus. Na década de 1980, leigos adventistas começaram a questionar a doutrina da Triunidade ensinada pela igreja. O foco de seus ataques se concentrou na terceira pessoa da divindade. Esse debate encontrou eco em nosso país na década seguinte e, desde então, pequenos grupos têm atacado nosso ensino sobre a pessoa do Espírito Santo.

Esses grupos dissidentes têm como centro de sua pregação atacar a doutrina bíblica da Triunidade. Entretanto, concentraram sua atenção no Espírito Santo porque é o tema sobre o qual os crentes menos têm conhecimento. Se eles tentarem atacar abertamente a divindade do Filho, serão rejeitados imediatamente, por isso preferem questionar pontos menos conhecidos.

Em todo esse debate, em nenhum momento a divindade do Espírito Santo tem sido questionada. Afinal, Ele é o Espírito Santo de Deus. As principais questões do debate sobre esse assunto podem ser resumidas a dois pontos específicos: O Espírito Santo é um ser pessoal? Se sim, a Bíblia afirma que Ele é um ser distinto do Pai e do Filho? Se dermos uma clara resposta bíblica a esses dois pontos, o problema estará resolvido.

Ele é um ser pessoal?

Em primeiro lugar, precisamos entender se as Escrituras ensinam que o Espírito Santo é um ser pessoal. Os adventistas unicistas dizem que Ele é o Espírito do Pai ou do Filho e que não

é uma pessoa. Quando são apresentados versículos bíblicos que demonstram características pessoais relacionadas com Ele, costuma-se alegar que são personificações. Portanto, não deveriam ser considerados como literais, mas apenas como recursos literários. Eles tentam despersonalizar o Espírito Santo com este argumento:

Existem casos em que elementos imateriais são personificados nas Escrituras. Está escrito que “*O amor é paciente, é benigno; o amor não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensoberbece*” (1 Coríntios 13:4). Se tomado ao pé da letra, esse versículo ensina que o amor é uma pessoa. Se não tivermos esse cuidado, podemos afirmar que anjos ou os demais membros da divindade também não são seres pessoais. Como podemos saber se uma passagem está descrevendo algo ou alguém usando uma figura de linguagem no lugar de um ser real?

A Wikipédia explica que

“Personificação pode ser descrita como uma figura de linguagem em que um objeto inanimado é personificado, ao atribuir características humanas e qualidades para isso. Em outras palavras, sempre que as emoções, desejos, sensações, gestos físicos e de fala *são apresentados no contexto de coisas não-vivas*, a personificação é dito ter ocorrido.”⁴

O contexto onde ocorre a referência vai definir se ela se trata de personificação ou de um ser pessoal. Louis Berkhof lembra que personificações “são raras nos escritos em prosa do Novo Testamento, e podem ser reconhecidas com facilidade”.⁵

Jesus não tratou do Espírito Santo como uma personificação quando chamou ao Espírito Santo de “outro Consolador”. Ele não disse consolo ou consolação, mas Consolador, uma pessoa e não uma personificação.

A Bíblia ensina que o Espírito Santo tem vontade própria. Esta capacidade de escolher Ele manifesta quando dá a cada membro do corpo de Cristo dons espirituais: “*Mas um só e o mesmo Espírito realiza todas estas coisas, distribuindo-as, como Lhe apraz, a cada um, individualmente*” (1 Coríntios 12:11). Em Romanos 8:26 e 27 está escrito: “*E da mesma maneira também o Espírito ajuda as nossas fraquezas; porque não sabemos o que havemos de pedir como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis. E aquele que examina os corações sabe qual é a intenção do Espírito; e é Ele que segundo Deus intercede pelos santos*” (Almeida, Revista e Corrigida, 1995).

Podemos aprender três verdades sobre a pessoa do Espírito Santo neste versículo. Primeiro, Paulo diz que o Espírito tem intenção, ou seja, capacidade de planejar e decidir. Depois, o escritor ensina que Ele intercede pelos santos com “*gemidos inexprimíveis*” (versículo 26). Segundo a Chave linguística,⁶ a expressão original significa “*suspiros que substituem palavras*”. Por fim, aprendemos neste texto que, tal como o Filho, o Espírito Santo intercede por nós. A diferença é que Cristo faz isso no Santuário Celestial, enquanto o Espírito faz essa obra no coração do crente.

O Espírito sofre quando nos envolvemos com o pecado, por isso o apóstolo Paulo apela: “*E não entristeçais o Espírito de Deus*” (Efésios 4:30). As Escrituras ensinam também que Ele nos ama: “*Rogo-vos, pois, irmãos, por nosso Senhor Jesus Cristo e também pelo amor do Espírito, que luteis juntamente comigo nas orações a Deus a meu favor*” (Romanos 15:30). Apenas um ser pessoal pode cultivar tal sentimento. Essa passagem é em essência trinitariana, pois nela o apóstolo cita Cristo e o Pai, além do Espírito Santo. Por nos amar, o Espírito deseja ter comunhão conosco: “*Se por estarmos em Cristo, nós temos alguma motivação, alguma exortação de amor, alguma comunhão no Espírito, alguma profunda afeição e compaixão*” (Filipenses 2:1, Nova Versão Internacional).

Podemos perceber Sua personalidade por Suas obras em favor da humanidade. Ele ensinaria os discípulos em todas as coisas e os faria lembrar tudo o que Jesus havia dito (João 14:26). Ele testemunharia de Cristo (João 15:26) e O glorificaria (João 16:14). Todas essas ações indicam capacidade de avaliar, pensar e decidir.

Existem outras evidências que indicam que o Espírito Santo é um ser pessoal. As Escrituras afirmam que Ele possui atributos divinos. O Espírito Santo é onisciente. Ele conhece todos os mistérios de Deus, até os mais íntimos: “*Mas Deus no-lo revelou pelo Espírito; porque o Espírito a todas as coisas perscruta, até mesmo as profundezas de Deus. Porque qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o seu próprio espírito, que nele está? Assim, também as coisas de Deus, ninguém as conhece, senão o Espírito de Deus*” (1 Coríntios 2:10 e 11). No versículo 12, Paulo diz que “*o Espírito [foi] mandado por Deus*” (Nova Tradução na Linguagem de Hoje), remetendo os seus leitores para a promessa feita por Cristo: “*o Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em Meu*

nome” (João 14:26). O Espírito Santo conhece a Deus, mas é distinto dEle, uma vez que foi enviado por Ele. Podemos fazer um paralelo com Cristo, que também conhece a Deus (João 7:29) e foi enviado por Ele (João 4:34). Se não confundimos a pessoa do Pai com a do Filho, como podemos fazer isso com a do Espírito Santo? Tanto o Pai (Daniel 2:20-22) e o Filho (João 16:30; João 21:17; Colossenses 2:3), que também são oniscientes, assim o Espírito Santo sabe todas as coisas.

Sobre este versículo, Ellen G. White tece o seguinte comentário:

“O Espírito Santo tem personalidade, do contrário não poderia testificar ao nosso espírito e com nosso espírito que somos filhos de Deus. Deve ser também uma pessoa divina, do contrário não poderia perscrutar os segredos que jazem ocultos na mente de Deus. ‘Por que qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o espírito do homem, que nele está? Assim também ninguém sabe as coisas de Deus, senão o Espírito de Deus’ (1 Coríntios 2:11).”⁷

Existem outros atributos compartilhados pelos membros da divindade. Em primeiro lugar, podemos citar a onipresença. O salmista afirma que não podemos encontrar um lugar onde o Espírito Santo não esteja: “*Para onde me ausentarei do Teu Espírito? Para onde fugirei da Tua face?*” (Salmos 139:7). O Céu não pode conter a Deus (2 Crônicas 2:6), e Cristo também está em todos os lugares (Efésios 4:10; Mateus 18:20).

As Escrituras nos ensinam que Deus pode todas as coisas. Esse atributo é conhecido como onipotência. Nenhum dos propósitos dEle pode ser impedido: “*Bem sei que tudo podes, e nenhum dos Teus planos pode ser frustrado*” (Jó 42:2). Ao longo da Bíblia, é repetida a verdade de que “*nada é impossível para Deus*” (veja Mateus 19:26; Lucas 1:37; Lucas 18:28). Assim como Deus pode todas as coisas (Deuteronômio 3:24; Isaías 10:26), o Filho (Filipenses 3:21) e o Espírito (Romanos 15:13; Salmos 104:30; Salmos 139) também podem.

Por fim, apenas Deus é eterno. Esse atributo é compartilhado pelo Pai (Salmos 90:1 e 2), o Filho (João 1:1) e o Espírito Santo (Hebreus 9:14).

Outra prova da personalidade do Espírito Santo é o uso do pronome pessoal para se referir a Ele. Existem três formas de usar o pronome demonstrativo em grego: *ekeinos* (ele) *ekeine* (ela) e *ekeino* (neutro, em geral, usado para coisas). Jesus Se refere ao Espírito Santo como *ekeinos*, porque O reconhecia como um

ser pessoal. Cristo referiu-Se ao Consolador desta forma: “Quando Ele [ekeinos] vier” (João 16:8); “Ele [ekeinos] vos guiará” (versículo 13); “Ele [ekeinos] Me glorificará” (versículo 14).

O próprio Espírito Santo usa o pronome pessoal para Se referir a Si mesmo: “Enquanto meditava Pedro acerca da visão, disse-lhe o Espírito: Estão aí dois homens que te procuraram; levanta-te, pois, desce e vai com eles, nada duvidando; porque Eu [ego, em grego] os enviei” (Atos 10:19 e 20). No chamando de Paulo e Barnabé acontece a mesma coisa: “E, servindo eles ao Senhor e jejuando, disse o Espírito Santo: Separai-Me, agora, Barnabé e Saulo para a obra a que os tenho chamado” (Atos 13:2). “Separem para Mim”, preferiu verter a Nova Tradução na Linguagem de Hoje. O Espírito afirma que a igreja deveria separar para Ele os dois missionários que havia escolhido.

A origem da confusão

Todo o debate sobre a natureza de Cristo tem origem na confusão que se faz entre as Suas duas naturezas. Textos que se referem à Sua natureza humana são usados para negar Sua divindade. Se o estudante da Bíblia mantivesse diante de si esse contexto, todo o debate seria resolvido. Com respeito à natureza do Espírito Santo, também não é diferente. Só que a confusão que se costuma fazer está em não se perceber a diferença entre a dádiva e o Doador Divino. Quando notamos essa diferenciação, resolvemos o mal-entendido que se faz na interpretação de muitas passagens bíblicas que aparentemente negam a personalidade do Espírito Santo.

Segundo Winkie A. Prantney,⁸ existe um grupo de textos bíblicos que fala da obra do Espírito Santo, enquanto outro fala da própria pessoa. A distinção não aparece no texto que o estudante tem em português, mas apenas no original grego. Quando a expressão grega *pneuma hagion* (Espírito Santo) não é acompanhada do artigo definido grego *ho* (em português “o”), deveria ser sempre traduzido no sentido de “atitude divina”, “dádiva”, “poder” ou “força de Deus”. Essa forma é usada 52 vezes no NT e deve ser aplicado à dádiva e não ao doador.

Existe uma segunda forma usada no texto original em grego. Quando o texto grego usa o artigo definido que em português corresponde ao nosso “o”, sempre fala sobre a pessoa divina em si. Nesse caso o artigo aparece duas vezes: uma diante da palavra grega *pneuma* e outra diante da palavra *hagion*. Assim, uma tradução

literal da expressão *to pneuma to hagion* seria “o Espírito, o Santo”. Neste caso, o texto bíblico estaria falando do Doador.

O uso de dois artigos quando o texto bíblico se refere ao Espírito Santo é o argumento definitivo para provar a personalidade do Espírito Santo. Veja as referências a Ele nos textos abaixo:

“Mas quem falar contra o Espírito Santo [tou pneumatos tou hágion, ou seja, o Espírito, o Santo] não será perdoado” (Mateus 12:32).

“Mas o Conselheiro, o Espírito Santo [to pneuma to hágion, ou seja, o Espírito, o Santo], que o Pai enviará em Meu nome” (João 14:26).

“Enquanto adoravam o Senhor e jejuavam, disse o Espírito Santo [to pneuma to hágion, ou seja, o Espírito, o Santo]” (Atos 13:2).

A Bíblia pode se referir a Ele chamando-o apenas “o Espírito” [to pneuma] (como em Atos 8:29; Atos 10:19), ou simplesmente, “o Santo” [tou hágion] (1 João 2:20). Em ambos os casos, o texto bíblico está tratando o Espírito Santo como um ser pessoal.

A distinção entre a dádiva e o doador pode ser percebida em Atos 2:4, onde se lê: “Todos ficaram cheios do Espírito Santo [dádiva] e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito [Doador] os capacitava.”

Ele é um ser distinto do Pai e do Filho

Essas são apenas algumas evidências bíblicas de que o Espírito Santo é um ser pessoal. Agora, os dissidentes podem dizer que isso é legítimo porque Ele é o Espírito do Pai e do Filho. Será que as Escrituras ensinam que Ele é distinto das demais pessoas da divindade?

Os grupos dissidentes afirmam que o Espírito Santo é o Espírito do Pai e o Espírito do Filho. Será que existem dois “Espíritos Santos” então? Segundo o apóstolo, não: “há um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação” (Efésios 4:4). Lembrando que o contexto desta passagem é trinitário, pois no versículo 5 Paula ensina que há “um só Senhor” (expressão usada para se referir ao Filho) e no versículo 6 fala do Pai, como sendo “um só Deus”.

As Escrituras ensinam claramente que o Espírito Santo é um ser distinto do Filho. Em Mateus 12:32, Jesus ensina essa verdade: “E, se qualquer disser alguma palavra contra o Filho do Homem, ser-lhe-á perdoado, mas, se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado, nem neste século nem no futuro.” Pecar contra o Filho não é a mesma coisa que pecar

contra o Espírito Santo; por isso, os dois não são a mesma pessoa.

Jesus prometeu que, quando voltasse ao Pai, enviaria o Espírito Santo: “*E Eu [Cristo] rogarei ao Pai, e Ele vos dará outro Consolador [o Espírito Santo, segundo o versículo 16], para que fique convosco para sempre*” (João 14:16). A palavra grega para “outro” usada nessas passagens, tem o sentido de algo que é da mesma natureza, mas diferente, distinto (veja como a palavra é usada em 1 Coríntios 9:27 e Mateus 13:5).

Jesus disse: “*Convém-vos que eu vá, porque, se Eu não for, o Consolador não virá para vós outros; se, porém, Eu for, Eu vo-lo enviarei*” (João 16:7 e 8). A vinda do Espírito Santo estava condicionada à ida de Cristo ao Céu. Se um não fosse, o outro não viria. Eles não podem ser a mesma pessoa, da mesma forma que a pessoa que vai não é a mesma que vem.

O Espírito Santo também é um ser distinto do Pai. Podemos notar isso no batismo de Cristo. O relato bíblico diz que “*batizado Jesus, saiu logo da água, e eis que Se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba, vindo sobre Ele. E eis uma voz dos céus, que dizia: Este é o Meu Filho amado, em quem Me comprazo*” (Mateus 3:16 e 17). “*O Espírito Santo desceu sobre Ele [Cristo] em forma corpórea como pomba; e ouviu-se uma voz do céu: Tu és o Meu Filho amado, em Ti me comprazo*” (Lucas 3:22). Em ambos os relatos, o Pai está no Céu e declara a filiação divina de Jesus, que está sendo batizado, e o Espírito Santo Se manifesta na forma de uma pomba.

Outra prova de que as três pessoas da divindade são seres pessoais distintos, encontra-se em Hebreus 10:28-31: “*Quem desobedece à lei de Moisés é condenado sem dó à morte, se for julgado culpado depois de ouvido o testemunho de duas pessoas, pelo menos. Então, o que será que vai acontecer com os que desprezam o Filho de Deus e consideram como coisa sem valor o sangue da aliança de Deus, que os purificou? E o que acontecerá com quem insulta o Espírito do Deus, que o ama? Imaginem como será pior ainda o castigo que essa pessoa vai merecer! Pois sabemos quem foi que disse: ‘Eu Me vingarei, Eu acertarei contas com eles.’ E quem também disse: ‘O Senhor julgará o Seu povo.’ Que coisa terrível é cair nas mãos do Deus vivo.*”

O argumento do escritor é claro. Ele lembra que no tempo do AT era preciso a palavra de duas ou três testemunhas para alguém ser condenado. Então, em seguida, aplica esse princípio à experiência cristã, ao falar da condição daqueles que vivem em pecado. Ele cita a palavra de três testemunhas que podem nos condenar: o Filho de Deus, depois o Espírito de Deus (que é distinto do Filho de Deus), e por fim o Deus vivo, usado para se referir ao Pai. Pela palavra dessas três testemunhas celestes, o cristão rebelde é condenado. Segundo essa passagem, esses três seres são pessoas distintas.

Se o Espírito Santo é um ser pessoal e distinto dentro da triunidade divina, por que então, em algumas passagens, Ele é chamado de Espírito do Pai (Mateus 10:20) ou Espírito do Filho (Gálatas 4:6)? O problema começa com o nosso conceito de personalidade, que é totalmente estranho aos escritores bíblicos. Quando falamos em pessoa, pensamos em personalidades distintas e separadas. No pensamento semítico,⁹ as pessoas não são assim tão separadas e distintas. Para os povos do mundo antigo, cada homem vive em seus filhos ao ponto de serem chamados pelo seu nome. Israel não é só o nome do patriarca, mas é também da nação que surgiu dos seus descendentes e que passaram a ser conhecidos pelo seu nome. No pensamento bíblico, um homem pode receber um pouco do espírito de outro homem e assim tornar-se, de certa forma, o outro. Ao longo da história, alguém pode reaparecer como outra pessoa, que, mesmo não sendo idêntica, de certo modo se identifica com ela. Podemos citar como exemplo o profeta Elias. Em certo sentido, Eliseu foi uma continuação do ministério do seu mentor. Ele pediu para receber uma porção dobrada do seu espírito (2 Reis 2:9). Ele estava fazendo referência à lei da primogenitura. Receber a porção dobrada significa que ele era o herdeiro legítimo do profeta e poderia ser considerado seu sucessor. Por isso, a Bíblia diz que “*o espírito de Elias repousa sobre Eliseu*” (vers. 15). A mesma coisa vai acontecer com João Batista, séculos depois. Por fazer uma obra muito semelhante à do profeta Elias, o anjo Gabriel disse: “*E irá adiante do Senhor no espírito e poder de Elias*” (Lucas 1:17).¹⁰ Chamar o Espírito Santo de Espírito do Filho ou Espírito do Pai, a Bíblia não está negando Sua identidade, mas apenas afirmando que Ele continuaria a obra dos demais membros da divindade em favor da salvação da humanidade.

Considerações finais

Existem outros pontos que podem ser trazidos à tona para aprofundarmos a discussão sobre a pessoa do Espírito Santo. Contudo, aquilo

que apresentamos até aqui solucionam os dois pontos principais desta polêmica. Vemos que, segundo a Bíblia, o Espírito de Deus é tanto um ser pessoal como distinto do Pai e do Filho. Entretanto, não queremos dizer com isso que existem três deuses. A Bíblia é clara em dizer que existe apenas um Deus verdadeiro. Esse é o Deus revelado pela Palavra de Deus. Tentar fugir daquilo que está escrito é correr o risco de cometer um erro que pode comprometer a nossa salvação. Para evitar isso é que o Espírito Santo foi enviado à Terra. Segundo as Escrituras, Ele é “o Espírito da Verdade”; por isso, “Ele vos guiará a toda a verdade” (João 16:13).

Referências

- 1 WHITE, Ellen G. *Testemunhos seletos*, vol. 3, p. 212.

2 *Ibidem*, p. 213.

3 Bettenson, Henry S. *Documentos da igreja cristã*. São Paulo: ASTE, 1967, p. 55.

4 <http://pt.wikipedia.org/wiki/Personifica%C3%A7%C3%A3o> Acesso em: 04/03/2019.

5 BERKHOF, Louis. *Teologia sistemática*. Campinas, SP: Luz para o caminho, 1990, p. 97.

6 RIENCKER, Fritz e ROGERS, Cleon. *Chave linguística do Novo Testamento Grego*. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 271.

7 WHITE, Ellen G. *Evangelismo*, p. 617.

8 PRATNEY, Winkie A. *A natureza e o caráter de Deus*. São Paulo: Vida, 2004, pp. 494 e 495.

9 Relativo ou pertencente aos semitas. Relativo ao ramo da família camito-semítica de línguas, que se estende do Noroeste da África até o Sudeste da Ásia [Inclui o hebraico, o aramaico, o assírio, o árabe, o maltês, o amárico, o tigrínio, e algumas línguas antigas e já extintas, como o acádio, o amorita, o fenício, o moabita].

10 RICHARDSON, Alan. *Introdução à Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: ASTE, 1961, pp. 105, 106.

Anotações para estudo:

8



Os dons do Espírito Santo

"A maior causa de nossa fraqueza espiritual como povo é a falta de fé real nos dons espirituais." — Ellen G. White.¹

Dons espirituais são um tema negligenciado pelas igrejas cristãs em geral, para o prejuízo da saúde espiritual das comunidades religiosas. Nesse capítulo vamos entender o que são os dons e conheceremos aqueles que são citados no texto bíblico. Finalmente, mostraremos como você pode descobrir o(s) seu(s) dom(ns). Esse tema poderá mudar a sua forma de viver a vida cristã. Que Deus abençoe a todos neste estudo!

O que são dons espirituais?

- “Certas capacidades, concedidas pela graça e poder de Deus, que habilitam pessoas para serviços específicos e correspondentes.”
- “A capacidade que qualifica uma pessoa para um ministério.”

Essas são definições publicadas por John Stott. Outra definição, dada por um estudioso, sobre o fenômeno de crescimento da igreja, é a seguinte:

- “É uma habilidade especial que o Espírito Santo dá a cada membro do Corpo de Cristo – de acordo com a graça de Deus – para ser usada na edificação da Igreja.”²

Para Ellen G. White, o dom espiritual é “uma capacitação para o serviço de Deus.”³

Para entendermos melhor o que é um dom espiritual, precisamos identificar suas principais características:

1. **É dado a todos os crentes:** “Todas essas coisas, porém, são realizadas pelo mesmo e único Espírito, e Ele as distribui individualmente, a cada um, como quer” (1 Coríntios 12:7).

2. **É dado conforme a vontade de Deus:** “Todas essas coisas, porém, são realizadas pelo mesmo e único Espírito, e Ele as distribui individualmente, a cada um, **como quer**” (1 Coríntios 12:7). “Deus também deu testemunho dela [da salvação] por meio de sinais, maravilhas, diversos milagres e dons do Espírito Santo **distribuídos de acordo com a Sua vontade**.” (Hebreus 2:4) Isso significa que não

somos nós que escolhemos os dons que queremos ter ou manifestar, mas é um ato da soberania de Deus na nossa vida. Ele dá a quem quer, quando quer, como quer e na porção que quer.

3. Tem como objetivo servir os outros: “Cada um exerce o dom que recebeu para servir os outros, administrando fielmente a graça de Deus em suas múltiplas formas” (1 Pedro 4:10). Uma das maneiras de se conhecer essa graça de Deus é o uso abnegado dos dons com que fomos capacitados pelo Senhor para servirmos ao próximo.

4. Estão distribuídos de forma única em cada crente. “São todos apóstolos? São todos profetas? São todos mestres? Têm todos o dom de realizar milagres? Têm todos dons de curar? Falam todos em línguas? Todos interpretam?” (1 Coríntios 12:29 e 30). A resposta natural a essas perguntas é **não**. Cada pessoa tem uma combinação única de dons espirituais dada por Deus.

5. Existe diferença entre dons e funções universais dos cristãos. Existem dons que podem ser confundidos com atividades que todos os crentes devem executar. Por exemplo, o apóstolo Pedro fala da hospitalidade do ponto de vista dos dons espirituais (1 Pedro 4:9-11). Por sua vez, existe o mandamento bíblico de sermos hospitaleiros (Hebreus 13:2). É claro que, quem tem o dom, vai exercer essa função com mais eficiência, mas nós, como cristãos, devemos obedecer à ordem bíblica.

6. Existe diferença entre dom espiritual e habilidade natural. É preciso fazer uma distin-

ção entre *dom espiritual* e *habilidade natural*, também chamada de *talento inato*. Enquanto o dom é dado quando nos convertemos, o talento é recebido por ocasião do nascimento. Nossos dons devem ser usados para a expansão do reino de Deus, enquanto nossas habilidades natas são úteis para o nosso sustento e satisfação. Cantar é dom ou talento? Veja o quadro abaixo para entender as diferenças fundamentais entre um e outro:

Dons de ofício ou de apoio

Os dons conhecidos e descritos na Bíblia podem ser divididos em três grandes grupos distintos: *Dons de ofício ou apoio*, *dons de serviço* e *dons de sinais*. Vamos aprender sobre o primeiro grande grupo — os dons de ofício.

Eles exercem a liderança da obra de Deus e capacitam os outros membros do corpo de Cristo a exercerem seus ministérios com eficiência.

Definição sobre os Dons de Ofício ou Apoio

Referem-se a indivíduos dotados e chamados por Deus para desempenhar papel determinado no estabelecimento, desenvolvimento e superintendência da igreja. São citados em Efésios 4:11 e 12, “E Ele designou alguns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres, com o fim de preparar os santos para obra do ministério, para que o corpo de Cristo seja edificado.”

Essa passagem bíblica aponta quatro dons de ofício. São eles:

O de apóstolo — Os apóstolos foram fundamentais para o estabelecimento da igreja de Cristo na Terra. Eles divulgaram pela voz e pela escrita, os ensinos que aprenderam do

	Habilidades naturais	Dons espirituais
Quem os tem?	Todos	Crente
Quem os dá?	Deus	Deus
Para que existem?	Para a vida comum	Para a vida na igreja
Quando os recebemos?	Quando nascemos na carne	Quando nascemos no Espírito

Grande Mestre. Paulo descreve essa obra na seguinte passagem: “Portanto, vocês já não são estrangeiros nem forasteiros, mas concidadãos dos santos e membros da família de Deus, edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, tendo Jesus Cristo como pedra angular, no qual todo o edifício é ajustado e cresce para tornar-se um santuário santo no Senhor. NEle vocês também estão sendo edificados juntos, para se tornarem morada de Deus por Seu Espírito” (Efésios 2:19-22).

Nesta passagem, Paulo afirma que a fé cristã está fundamentada na palavra dos apóstolos (NT) e dos profetas (AT). Isso significa que a base da fé da igreja é a Bíblia. Ele diz, também, que crescemos como um templo vivo para que o Espírito Santo de Deus habite nós. Somos habitação de Deus.

O dom de apóstolo se manifesta na capacidade, com base na autoridade espiritual, de ser reconhecido como líder espiritual. Um exemplo que podemos citar de alguém que manifestou o dom de apóstolo foi Martinho Lutero, pai da Reforma do século 16. Qualquer pessoa que, em maior ou menor grau, tenha esse tipo de influência sobre a igreja, está exercendo esse dom.

Outras atividades exercidas por pessoas que possuem esse dom é fundar igrejas, missões e abrir novas frentes de trabalho evangelístico. Ele é responsável por planejar a longo prazo, nas ações do reino de Deus.

No sentido exato da palavra, esse dom não existe mais, mas ainda é manifestado naqueles que Deus usa na expansão da Sua obra, de maneira notável, abrindo novos campos missionários e supervisionando porções maiores do corpo de Cristo.

Dom de profeta — Outro dom de apoio citado por Paulo é o dom de profeta. Em geral, as pessoas relacionam esse dom com a capacidade de predizer o futuro. Se bem que isso seja parte integrante do ministério de muitos profetas, nem todos exerceram esse tipo de atividade. Na maioria dos casos, eram porta-vozes da vontade de Deus e exerciam seu ministério pregando a Palavra do Senhor. Por isso, Paulo diz que quem “profetiza o faz para edificação, encorajamento e consolação dos homens” (1 Coríntios 14:3). Nesse sentido, o dom de profeta se manifesta na pregação da Palavra.

Enquanto o apóstolo faz uma declaração autorizada de todo o corpo da verdade concernente a Jesus Cristo, o profeta interpreta essa

palavra autorizada e explica a verdade de tal maneira que ela se torna clara e cheia de vida. O profeta é diferente do mestre, porque tende a falar dos grandes princípios das Escrituras e da realidade de forma geral, deixando o esclarecimento de áreas mais específicas ao mestre.

Esse dom é a capacidade de falar a palavra de Deus com autoridade aos outros. Pedro se refere a esse dom com as seguintes palavras: “Se alguém fala, faça-o como quem transmite a palavra de Deus” (1 Pedro 4:11). A Bíblia Viva verte com mais clareza esse versículo: “Você é chamado para pregar? Então pregue como se o próprio Deus estivesse falando através de você.”

A pessoa que manifesta esse dom, consegue impactar a igreja com uma pregação precisa e poderosa. Em geral, depois do culto as pessoas comentam: “Eu já havia lido essa passagem bíblica tantas vezes, mas nunca tinha visto as coisas do modo como o pregador as expôs hoje no culto.”

Dom de evangelista — A obra do evangelista está ligada à atuação do pastor-professor. Ele tem o poder de atingir os que não são cristãos. Ele faz o corpo crescer. Quem tem o dom de pastor-mestre, que veremos a seguir, deve se associar a um evangelista para realizar uma obra que se autocomplementa e se torna eficaz.

Espera-se que todo cristão deva evangelizar, mas nem todos têm o dom de evangelista. Embora qualquer cristão possa testemunhar a favor de Cristo, quem tem o dom de evangelista sabe explicar o evangelho de forma clara e eficaz. Esse dom pode ser exercido de forma pública ou particular, como fez Filipe com o Eunuco.

Dom de pastor-mestre — Quem possui esse dom deve cuidar do rebanho. Isso quer dizer que a pessoa não foi posta como chefe da igreja, mas é o exemplo do rebanho. Sua autoridade provém da força de sua espiritualidade. Pedro descreve muito bem as principais características de quem possui esse dom:

“Portanto, apego aos presbíteros que há entre vocês, e o faço na qualidade de presbítero como eles e testemunha dos sofrimentos de Cristo, como alguém que participará da glória a ser revelada: pastoreiem o rebanho de Deus que está aos seus cuidados. Olhem por ele, não por obrigação, mas de livre vontade, como Deus quer. Não façam isso por ganância, mas com o desejo de servir. Não ajam como dominadores dos que lhes foram confiados, mas como exemplos para

o rebanho. Quando Se manifestar o Supremo Pastor, vocês receberão a imperecível coroa da glória” (1 Pedro 5:1-6).

A autoridade do pastor-mestre não é intrínseca a seu cargo. Ela deve ser conquistada. Jesus ensinou isso com as seguintes palavras: “*Vocês sabem que aqueles que são considerados governantes das nações as dominam, e as pessoas importantes exercem poder sobre elas. Não será assim entre vocês. Ao contrário, quem quiser tornar-se importante entre vocês deverá ser servo; e quem quiser ser o primeiro deverá ser escravo de todos*” (Marcos 10:42 e 43).

Treinamento

A função desses dons de apoio é treinar, motivar e servir de suporte às pessoas no trabalho do seu próprio ministério. A obra de expandir o reino de Deus deve ser feita pelos santos. Paulo explica isso com muita propriedade:

“Com o fim de preparar os santos para obra do ministério, para que o corpo de Cristo seja edificado” (Efésios 4:12).

Quem deve fazer a obra de expandir o reino de Deus na Terra são os membros e não seus líderes. Eles foram chamados por Deus para capacitar os demais a cumprirem essa missão.

E qual é o instrumento usado pelos dons de apoio para treinar o Corpo de Cristo? É Palavra de Deus:

“Agora, eu os entrego a Deus e à palavra da Sua graça, que pode edificá-los e dar-lhes herança entre todos os que são santificados” (Atos 20:32).

“Para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra” (2 Timóteo 3:17).

Dons de serviço

Esse grupo de dons é aquele que faz a roda girar, que move as engrenagens do motor da igreja. São os dons silenciosos que impactam o mundo pelo resultado de seu ministério. É a esse tipo de dom que Paulo se refere como tendo que realizar a Obra de Deus. Analisemos cada um deles:

Dons de sabedoria e conhecimento — “*Pelo Espírito, a um é dada a palavra de sabedoria; a outro, pelo mesmo Espírito, a palavra de conhecimento*” (1 Coríntios 12:8).

A sabedoria é a capacidade de reconhecer, como resultado da investigação, os fatos importantes das Escrituras. O dom se manifesta

quando a pessoa tem a capacidade de aplicar essas conclusões a uma situação específica. É a sabedoria que põe o conhecimento para funcionar. No AT, esse dom foi manifestado pelo rei Salomão. Na igreja de hoje, ele se manifesta na pessoa que consegue encontrar a solução para um problema baseada nos princípios da Bíblia, mesmo que não haja uma clara passagem que se aplique àquela situação específica.

Dom de discernimento de espírito — “*Pelo Espírito [...] a outro, discernimento de espíritos*” (1 Coríntios 12:8 e 10). O dom de discernir os espíritos é útil para proteger o rebanho dos ataques dos falsos profetas e dos falsos irmãos. João adverte os cristãos a que tenham sensibilidade espiritual para identificar essa ameaça:

“Amados, não creiam em qualquer espírito, mas examinem os espíritos para ver se eles procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo” (1 João 4:1).

O dom de discernimento de espíritos é a capacidade de perceber a diferença entre o espírito de erro e o da verdade, como fez Pedro, que condenou a avareza e mesquinha de Ananias e Safira (Atos 5:3 e 4). O perigo que corre a pessoa que manifesta esse dom é o de se colocar em posição de julgar os outros (Mateus 7:1).

Dom de socorro — “*Assim, na igreja, Deus estabeleceu [...] os que têm dom de prestar ajuda [socorro, Almeida, Revista e Atualizada]*” (1 Coríntios 12:28). Também chamado de *dom de serviço*: “*Se o seu dom é servir, sirva*” (Romanos 12:7). É ajudar quando necessário, mas para a edificação e encorajamento espiritual.

É o ministério de apoio a outros ministérios. Em Romanos, encontramos uma referência a uma serva de Deus que exercia esse dom com muita dedicação:

“Recomendo-lhes nossa irmã Febe, serva da igreja em Cencreia. Peço que a recebam no Senhor, de maneira digna dos santos, e lhe prestem a ajuda de que venha a necessitar; pois tem sido de grande auxílio para muita gente, inclusive para mim [Paulo]” (Romanos 16:1 e 2).

Quem possui esse dom, costuma ajudar outro membro do corpo de Cristo a cumprir o seu ministério, servindo como suporte logístico.

Dom de administração — “*Assim, na igreja, Deus estabeleceu [...] os que têm dom de administração*” (1 Coríntios 12:28). A versão Almeida, Revista e Atualizada, usa a palavra “governos”.

O dom de administração também pode ser chamado de dom de liderança, o qual se manifesta em pessoas que têm a habilidade de planejar a longo e curto prazo, criando meios para o cumprimento de projetos e para alcançar seus objetivos. Paulo aconselha: Se seu dom “é exercer liderança, que a exerce com zelo” (Romanos 12:8).

Dom de ensinar — Paulo fala do dom de ensinar com as seguintes palavras: “[...] o que ensina, esmere-se no fazê-lo” (Romanos 12:7) É a habilidade espiritual de tornar compreensível os ensinos da Palavra de Deus. Segundo Peter Wagner, esse dom se manifesta em 40% dos cristãos de uma comunidade evangélica.

Observe que Paulo diz que a pessoa deve se esmerar em ensinar, indicando que o dom pode ser aperfeiçoado. Isso é verdade para os outros dons também. Quando descobrimos que temos algum dom devemos ler sobre ele, procurar livros e vídeos que podem nos ajudar a melhorar aquilo que recebemos de Deus. Devemos procurar outros cristãos que tenham esse dom para aprender a desenvolvê-lo.

Dom de exortar — “Ou o que exorta, faça-o com dedicação” (Romanos 12:8, Almeida, Revista e Atualizada). A Nova Versão Internacional das Escrituras (NVI) chama esse dom de “dar ânimo”. A palavra grega, no original, é *parakeleo*, e tem diversos significados, que vão desde “pedir” e “suplicar” até “incentivar”, “confortar” e “consolar”. Portanto, é o dom de encorajar os outros e apresentar-lhes desafios. Poderia ser chamado de dom de aconselhar.

Dom de contribuir — “Se é contribuir, que contribua generosamente” (Romanos 12:8). Aqui, o apóstolo se refere ao uso de dinheiro e bens, pois diz que quem tem o dom deve contribuir com generosidade. Existem pessoas no reino de Deus que foram habilitadas a doarem seus recursos para ajudar a expandir a causa de Cristo. Esse dom não é dado apenas para ricos, pois mesmo pessoas com poucos recursos podem exercê-lo. Não se doa apenas dinheiro e bens, mas outros recursos não financeiros, como tempo, dedicação, empenho etc.

Dom de misericórdia — “Se é mostrar misericórdia, que o faça com alegria” (Romanos 12:8 u.p.) Diferente do dom de socorro, pois se dirige aos indignos, aos desamparados e pessoas com graves dificuldades.

Dom de martírio — “Ainda que [...] entregue o meu corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso valerá” (1 Coríntios 13:3). Nessa passagem, Paulo faz referência a vários dons: de línguas, profecia, conhecimento, fé, contribuição e, finalmente, o dom de martírio. É a capacidade de dar a vida pelo evangelho. É o tipo de dom que a pessoa só pode exercer uma só vez, mas seu cumprimento implica milhares devidos ao testemunho de fé.

Dom da hospitalidade — “Sede, mutuamente, hospitaleiros, sem murmuração” (1 Pedro 4:9). No contexto, o apóstolo faz referência ao dom de pregar (profecia), servir (versículo 11). Portanto, existem cidadãos do reino de Deus que têm a habilidade de receber seus irmãos em casa com tanta dedicação que parece estar hospedando anjos.

Outros dons

Além dos que já foram citados, que aparecem em listas tradicionais do NT, podemos acrescentar outros:

Dom do celibato — “Alguns são eunucos porque nasceram assim; outros foram feitos assim pelos homens; outros ainda se fizeram eunucos por causa do Reino dos Céus” (Mateus 19:12). Existem pessoas que são habilitadas por Deus a viverem sozinhas para poderem se dedicar integralmente à pregação do evangelho e se ocupar com as coisas do reino de Deus.

Dom da criatividade artística — O dom da criatividade artística é a capacidade especial que Deus concede a alguns membros do corpo de Cristo, que os prepara para investirem sua habilidade artística de forma tal que, por meio disso, a igreja é edificada.

“Disse então o Senhor a Moisés: Eu escolhi Bezaliel, filho de Uri, filho de Hur, da tribo de Judá, e o enchi do Espírito de Deus, dando-lhe destreza, habilidade e plena capacidade artística” (Êxodo 31:1-3).

Dom da vida simples — “Ainda que eu dê aos pobres tudo o que possuo” (1 Coríntios 13:3 p.p.). Pessoas que vão ser missionárias em outros países devem possuir esse dom, pois assim vão enfrentar com mais facilidade as dificuldades no novo campo de trabalho.

Dom de oração — Se bem que todo crente deva se dedicar à oração, existem pessoas que fazem disso um ministério. A Bíblia cita o caso de Epafras: “Saúda-vos Epafras, que é dentre vós, servo de Cristo Jesus, o qual se esforça sobremaneira, continuamente, por vós nas orações, para que vos conserveis perfeitos e plenamente convictos em toda a vontade de Deus. E dele dou testemunho de que muito se preocupa por vós, pelos de Laodiceia e pelos de Hierápolis” (Colossenses 4:12 e 13).

Também podemos chamar esse dom de intercessão.

Dons de sinais

O último grupo de dons que vamos estudar é o de sinais.

Dom da fé — “A outro, fé, pelo mesmo Espírito” (1 Coríntios 12:9). Paulo se refere ao dom da fé quando está descrevendo a importância do amor no serviço cristão: “E tenha uma fé capaz de mover montanhas” (1 Coríntios 13:3). O dom da fé é a capacidade de ver as coisas como Deus as vê. É ver as coisas que precisam ser feitas e crer que Deus as fará, mesmo que isso pareça impossível.

“Mesmo diante de grandes riscos, eles não vacilam quando estão convencidos de que um determinado projeto é da vontade de Deus. Pessoas com esse dom muitas vezes são visionários que introduzem um novo sistema.”⁴

Dom de curas — “A outro, dons de curar” (1 Coríntios 12:9). Refere-se à cura em todos os sentidos, pois Jesus curava tanto o corpo como a alma e o espírito: “E o povo Lhe trouxe todos os que estavam padecendo vários males e tormentos: endemoninhados, epiléticos e paralíticos; e Ele os curou” (Mateus 4:24).

Por que esse é um dom raro? É que foi útil para confirmar a palavra dos apóstolos: “Como escaparemos, se negligenciarmos tão grande salvação? Essa salvação, primeiramente anunciada pelo Senhor, foi-nos confirmada pelos que a ouviram. Deus também da testemunho dela por meio de sinais, maravilhas, diversos milagres e dons do Espírito Santo distribuídos de acordo com a sua vontade” (Hebreus 2:3 e 4).

Houve três períodos de intensos milagres na história bíblica:

- 1) O período do Êxodo;

- 2) O período de Elias e Eliseu, e
- 3) O período de Cristo e dos apóstolos.

Cada período marcou uma nova revelação de Deus para a humanidade.

Por isso, é importante considerarmos: No fim de seu ministério, Paulo não pôde curar Timóteo, que sofria do estômago (1 Timóteo 5:23) e Trófimo (“Mas deixei Trófimo doente em Mileto”. 2 Timóteo 4:20).

Dom de milagres — “A outro, poder de operar milagres” (1 Coríntios 12:10). É a capacidade de atalhar os processos da natureza mediante uma atividade sobrenatural. Não se esqueça de que o Senhor espera que andemos por fé e não por vista.

Dom de variedade de línguas — “A outro, variedade de línguas; e ainda a outro, interpretação de línguas” (1 Coríntios 12:10). Pelo que sabemos sobre esse dom,

- 1) Ele se refere a línguas conhecidas;
- 2) Era dado para o louvor e agradecimento dirigido a Deus (1 Coríntios 14:2);
- 3) Deveria ser usado publicamente;
- 4) Era sinal para os descrentes (1 Coríntios 14:21 e 22).

Dom de interpretação de línguas — “O dom de interpretação de línguas é uma capacidade especial que Deus dá a alguns membros do corpo de Cristo, que os capacita a interpretar as mensagens que Ele dá a outros em línguas, de uma forma compreensível.”⁵

Existem apenas esses dons? É claro que não. Em nenhum lugar das Escrituras houve uma preocupação de apresentar uma lista total de dons espirituais. Devemos deixar espaço para que o Espírito Santo trabalhe oferecendo a oportunidade de surgirem novos dons de acordo com a necessidade de expansão do reino de Deus.

Como descobrir seu dom espiritual

Para ajudá-lo nessa descoberta espiritual, apresentaremos a você algumas sugestões que podem ser úteis.

Condições fundamentais para descobrir seu dom

1. Você deve ser um crente — Apenas aqueles que passaram pela experiência da conversão

podem possuir dons espirituais. Por isso, examine seu coração e descubra se você já aceitou a Cristo como seu salvador pessoal.

2. *Você deve conhecer os dons espirituais* — Caso tenha dúvidas, releia o material acima para ter certeza sobre a natureza dos dons espirituais.

3. *Você deve estar disposto a se esforçar* — Não basta ter um dom. Você precisa desenvolvê-lo através do estudo e da prática.

4. *Você deve orar* — Apegue-se à promessa de Deus: “*E, se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e não o lança em rosto; e ser-lhe-á dada*” (Tiago 1:5). Christian A. Schwarz lembra que “ao falar com Deus sobre os dons espirituais, esteja aberto para o fato de que Ele não quer apenas confirmar aquilo que você já sabe. Somente com essa atitude é possível fazer novas descobertas espirituais.”⁶

Passo 1: Explore as possibilidades

1. *Estude a Bíblia* — A Palavra de Deus é o meio de nos equiparmos para toda boa obra (2 Timóteo 3:16 e 17).

2. *Leia exaustivamente* — Pesquise sobre o tema. Aprofunde seu conhecimento sobre dons. Não se acomode.

3. *Procure conhecer pessoas que possuam dons espirituais* — Elas podem lhe dar esclarecimento sobre como colocar em prática o dom que você possui. A experiência de outros cristãos maduros pode enriquecer a sua vida e o seu ministério.

4. *Faça dos dons um tema de seus diálogos* — Ao falar sobre dons com outros cristãos, pode haver uma frutífera troca de experiências. Sua visão sobre dons só tende a ganhar com isso.

Passo 2: Experimente o maior número possível de dons

Ray Stedman ressalta que “descobrimos os nossos dons espirituais da mesma maneira que descobrimos os nossos talentos naturais”. Isso significa que só saberemos se temos o dom do canto, cantando. Só saberemos que podemos pregar se pregarmos. Você pode ter sido agraciado com vários dons, mas se não os usar, não ficará sabendo se os têm.

Passo 3: Examine seus sentimentos

Sobre isso, escreveu Ray Stedman: “De alguma maneira, tem-se entrincheirado profundamente, em certos círculos cristãos, a noção que fazer aquilo que Deus quer de nós é sempre desagradável; e que os crentes sempre devem escolher entre fazer o que querem fazer e serem felizes, ou então fazerem o que Deus quer que eles façam para se sentirem completamente miseráveis.”

Segundo C. Schwarz, “realizar uma tarefa que traz alegria é algo quase suspeito aos olhos de muitos cristãos. [...] Foi Deus quem fez as cosias de tal forma que usar os nossos dons espirituais nos traz satisfação. Por quê? Eu creio que é porque Deus nos conhece muito bem e sabe que iremos realizar com muito mais dedicação e esmero uma tarefa que nos dá satisfação.”⁷

Passo 4: Avalie sua eficiência

Peter Wagner lembra que “Se você estiver experimentando um dom, e coerentemente descobrir que aquilo que deveria estar acontecendo não acontece, então é provável que você tenha descoberto um outro dos dons espirituais que Deus [não] lhe tem dado.”

Para C. Schwarz, “dons espirituais foram dados para que cheguemos a resultados bem concretos. Por isso, a autoavaliação em relação aos dons é um passo que não pode ser ignorado no processo de descoberta dos dons.”⁸

Passo 5: Espere confirmação da parte do corpo de Cristo

“Se você julga que possui um dom espiritual e está procurando exercê-lo, mas ninguém em sua igreja pensa assim, então o mais provável é que você esteja enganado”, segundo Peter Wagner.

Referências

1 WHITE, Ellen G. *The Review and herald*, 14 de agosto de 1868.

2 Christian A. Schwarz. *O teste dos dons*. Curitiba: Esperança, 1998, p. 102.

3 WHITE, Ellen G. *Olhando para o alto*, p. 280.

4 SCHWARZ, C. *O teste dos dons*, p. 102.

5 *Idem*.

6 *Ibidem*, p. 28.

7 *Ibidem*, p. 31.

8 *Ibidem*, p. 34.

9

O Deus triuno nos ama

A doutrina da Triunidade revela um Deus que está interessado em nosso bem-estar eterno

Deus nos ama e fez tudo pela nossa salvação. Seria apropriado dizer que o Deus triuno está mais interessado em nosso destino eterno que nós mesmos. Deus Pai deu o que tinha de melhor para nos redimir — Seu amado Filho. O Filho renunciou à glória do Céu e Se fez homem para morrer pelos nossos pecados. Hoje, está no santuário celestial intercedendo em nosso favor. Por fim, o Espírito Santo, em um extremo ato de desprendimento, veio habitar no crente. Ele leva as pessoas aos pés do Salvador e não busca glória para Si. Sua obra e prazer é glorificar o Pai e o Filho. A esse respeito, sobre a pessoa do Espírito Santo, o apóstolo João afirma: “[...] Ele não falará de si mesmo [...]” (João 16:13).

Em Romanos 15:30, o apóstolo retoma a questão da dinâmica que envolve a divindade na salvação da humanidade:

“Recomendo-lhes, irmãos, por nosso Senhor Jesus Cristo e pelo amor do Espírito, que se unam a mim em minha luta, orando a Deus em meu favor.”

Paulo fez um apelo aos romanos para que orassem por ele. Na viagem que planejava realizar para Jerusalém, o apóstolo não estaria livre de perigos que colocariam em risco sua vida. Como já havia feito no início da carta aos Romanos, Paulo aponta para Cristo como nosso mediador novamente (veja Romanos 5:12; 7:25). Neste versículo, Cristo é apresentado como a ponte que une o Céu à Terra.

Na continuação desta passagem, ele diz que o Espírito Santo nos ama. Sempre faz referência ao amor do Pai (João 3:16), que deu Seu Filho por todos os pecadores. Fala-se muito do amor de Cristo (1 João 3:16). Contudo, não se deve esquecer que o próprio Espírito Santo também nos ama. A divindade ama o pecador ao ponto do sacrifício. O Espírito Santo não só nos ama como também nos enche do amor da divindade por nós.

“Ora, a esperança não confunde, porque o amor de Deus é derramado em nosso coração pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado” (Romanos 5:5).

Na parte final da oração, Paulo se dirige a Deus, o Pai. O apelo expresso neste versículo tem por base o Deus Triuno. A revelação do amor da Triunidade pelos pecadores permeia todo o NT. Vamos estudar este ponto com o coração aberto para perceber a beleza dessa verdade.

A Triunidade revelada no ministério de Cristo

A doutrina da Triunidade só pode ser entendida em sua plenitude pela manifestação do Ver-

bo divino, a encarnação de Jesus Cristo. Os três poderes celestiais estão envolvidos no plano da salvação em todas as suas fases. Quando Jesus nasceu, o texto bíblico afirmou que a divindade estava ativa no processo. “*Perguntou Maria ao anjo: Como acontecerá isso, se sou virgem? O anjo respondeu: O Espírito Santo virá sobre você, e o poder do Altíssimo a cobrirá com a Sua sombra. Assim, Aquele que há de nascer será chamado santo, Filho de Deus*” (Lucas 1:34 e 35). Quando o anjo afirma à jovem que ela seria mãe do Messias, uma pergunta sai de sua boca de forma espontânea: Como pode acontecer isso? O Messias prometido viria ao mundo como resultado da ação criadora do Espírito Santo de Deus.

Na encarnação de Cristo, Ele não foi concebido, mas sim criado pela ação do Espírito Santo. Sobre isso, comenta Tolbert: “O Espírito de Deus é ativo em trazer à existência uma nova criação, uma nova humanidade ou um novo Adão [...] em quem se corporificará o novo Israel. O que acontece, portanto, é criação em vez de concepção, como realmente se entende.”¹

O anjo usa uma expressão familiar ao leitor do AT para descrever essa ação criadora de Deus. Segundo ele, o Espírito Santo encobriria Maria “com a Sua sombra”. Essa terminologia transporta nossa mente à experiência de Israel no deserto, onde se diz que “*a nuvem cobriu a tenda da congregação, e a glória do Senhor encheu o tabernáculo*” (Êxodo 40:34). Da mesma forma que ocorreu com o tabernáculo no deserto, Maria foi coberta pelo Espírito Santo e preenchida pela glória de Deus.

Neste ponto, o anjo afirma que Aquele que dela nasceria seria chamado “santo”, “Filho de Deus”. Ele não o chama mais de filho de Davi (como fez no versículo 32) mas, de forma mais apropriada, de Filho de Deus. Tolbert destaca que “o título *Filho de Deus* marca Jesus como diferente de todos os outros homens, pois atribui a Ele um relacionamento com a divindade que nenhum outro ser humano reivindica.”²

Em que sentido essa expressão é diferente quando aplicada a Cristo? Primeiro, porque Jesus não Se tornou filho de Deus por causa da encarnação. Ele é, no dizer de Ellen G. White, o “Filho eterno”.³ O termo “Filho de Deus”, quando aplicado a Cristo, não deve ser entendido no sentido de Ele derivar do Pai. A ênfase é sobre o fato de que Ele tinha a mesma natureza de Seu Pai.

Outra ocasião em que há a manifestação do Deus Triuno na vida e ministério de Cristo, foi

por ocasião de Seu batismo. O relato bíblico descreve com detalhes o que aconteceu:

“*Batizado Jesus, saiu logo da água, e eis que se Lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descedendo como pomba, vindo sobre Ele. E eis uma voz dos Céus, que dizia: Este é o Meu Filho amado, em quem Me comprazo*” (Mateus 3:16 e 17). O Filho recebe o batismo, o Espírito Santo Se manifesta como uma pomba e o Pai proclama a filiação de Jesus. Essa passagem claramente destaca a distinção de pessoas que existe entre os membros da divindade. Aqui o Pai, que está no Céu, não é o Filho, que está sendo batizado, e nem o Espírito Santo que está ungindo a Jesus. Nesse evento, cada membro da divindade exerce um papel diferente do outro. Nessa ocasião há a manifestação distinta de cada uma das três personalidades.

Alguns alegam que a pomba do batismo sempre foi um emblema da pessoa de Cristo; por isso, ela representaria o próprio Cristo que estava sendo batizado. Essa leitura da passagem é perniciosa e não tem apoio no próprio texto. Se fosse verdade, então Cristo teria ungido a Si mesmo. As palavras de Pedro, na casa de Cornélio, não teriam sentido: “*Como Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo*” (Atos 10:38). Elas teriam que ser entendidas assim: “Como Deus ungiu a Jesus de Nazaré pela mão do próprio Jesus de Nazaré”. Além disso, não é a primeira vez que um mesmo símbolo foi aplicado a personagens diferentes. Jesus é chamado “o Leão” (Apocalipse 5:5), e a mesma imagem é aplicada a Satanás (1 Pedro 5:8).

Outros alegam que o Espírito Santo é, na verdade, a glória de Deus, e citam o que escreveu E. G. White ao descrever a mesma cena:

“*Diretamente do trono são enviados os raios de Sua glória. Abrem-se os céus, e sobre a cabeça do Salvador desce a forma de uma pomba da mais pura luz*”⁴

Contudo, logo em seguida, a escritora explica que “O Espírito Santo repousou sobre Ele”.⁵ Mais à frente, na mesma obra, a autora diz que o Espírito Santo é a “terceira pessoa da Divindade”.⁶ Enquanto Mateus fala do Espírito de Deus (Mateus 3:16), Marcos e João o chamam apenas por “o Espírito” (Marcos 1:10; João 1:32) e Lucas se refere a Ele como sendo “o Espírito Santo” (Lucas 3:22). São termos diferentes para se referir à mesma pessoa.

Na noite em que Jesus foi traído, Ele aproveitou a ocasião para aprofundar o entendimento dos discípulos sobre a relação entre a divinda-

de e Sua missão redentora. Na ocasião, o Mestre fez uma clara exposição do papel e da atividade do Espírito Santo. Jesus explicou aos discípulos: “*E Eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco*” (João 14:16). Agora que Ele estava Se despedindo, o Senhor Jesus consola os Seus discípulos com duas promessas. Em primeiro lugar, de que voltará em breve para buscá-los a fim de estarem para sempre juntos (João 14:1-3). A segunda promessa é a do envio de outro Consolador, o Espírito Santo. Consolador é a tradução do termo grego *Paráclito*. Essa palavra não tem correspondente em nosso idioma. Literalmente, ela se refere a alguém *chamado para estar ao lado de outra pessoa*. Ela era usada para descrever um amigo que estava pronto a apoiar alguém que estivesse enfrentando dificuldades. Essa palavra é aplicada também a Jesus, em 1 João 2:1: “*Filhinhos meus, estas coisas vos escrevo para que não pequeis. Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado (Paráclito) junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo*”. Portanto, se Jesus é o primeiro *Paráclito*, que está junto a Deus, o Espírito Santo é o segundo, que está em nós (João 14:17). Enquanto esteve na Terra, Cristo permaneceu ao lado de Seus discípulos, orientando, confortando e preparando-os para o cumprimento de sua missão. Agora que Ele retornaria ao Céu, deixaria alguém para estar ao lado de Seus seguidores. Dali para frente, esse relacionamento seria mais íntimo e profundo, pois o Espírito Santo habitaria neles e não apenas ao lado deles, como Cristo fizera.

Existem duas palavras gregas que podem ser vertidas por “outro”: *állos* e *héteros*. Enquanto o primeiro termo é usado para se referir a duas coisas que, quando comparadas, são da mesma natureza ou espécie. A outra palavra é usada para comparar duas coisas de natureza diferente. Quando Jesus Se refere ao Espírito Santo, usa *állos*; ou seja, o *Paráclito* seria alguém da mesma natureza, alguém tão divino quanto Ele.

Nos capítulos 14 a 16 do evangelho de João, percebe-se claramente o envolvimento dos três poderes celestiais na salvação da humanidade. Os três são da mesma natureza, mas são pessoas distintas. O Pai envia o Filho, que após voltar ao Céu, envia o Espírito Santo.

A Triunidade e a missão da Igreja

A doutrina da Triunidade é revelada também na missão que a igreja recebeu de levar a mensa-

gem de salvação ao mundo perdido. Nesse sentido, ela seria colaboradora de Deus na execução do plano da salvação. Por isso, Jesus faz referência à divindade na comissão que transmitiu aos Seus discípulos: “*Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século*” (Mateus 28:19 e 20). Eles deveriam pregar e batizar em nome da Triunidade. Quando Jesus falou que deviam batizar “em nome” da Triunidade, está fazendo uso de uma expressão idiomática. Fazer algo “em nome” de alguém significava fazer debaixo da autoridade dessa pessoa. Em Atos 4:7, os líderes religiosos de Israel perguntaram aos discípulos: “*Com que poder ou em nome de quem vocês fizeram isso?*”. Eles queriam saber com que autoridade João e Pedro curavam. Nessa passagem, autoridade e nome são termos intercambiáveis. Batizar em nome da divindade é fazer algo sob a autoridade dela. Os cristãos poderiam avançar no cumprimento de sua missão porque sabiam estar fazendo algo sob a autoridade da divindade. A passagem de Mateus 28:19 é um poderoso testemunho a favor da doutrina da Triunidade, uma vez que torna igual a autoridade de cada membro da divindade.

Para realizar esse projeto divino, Paulo afirma que Deus capacitou os crentes com dons espirituais. “*Ora, os dons são diversos, mas o Espírito é o mesmo. E também há diversidade nos serviços, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade nas realizações, mas o mesmo Deus é quem opera tudo em todos*” (1 Coríntios 12:4-6). Contudo, cada membro da divindade tem um papel distinto na habilitação dos cristãos. Paulo faz referência ao Espírito Santo como o Espírito; ao Filho, chama de Senhor, e ao Pai, Deus. Esses são os termos técnicos preferidos no NT para se referir a cada membro da divindade.

Segundo Paulo, o Espírito Santo é responsável pela distribuição dos dons espirituais. No versículo 11 desse capítulo, ele explica: “*Mas um só e o mesmo Espírito realiza todas estas coisas, distribuindo-as, como lhe apraz, a cada um, individualmente.*” O Espírito de Deus exerce Sua autoridade e vontade para definir o dom que cada cristão recebe. Essa capacidade de escolher revela que Ele é um ser pessoal.

Em seguida, o apóstolo afirma que os ministérios, ou seja, o campo de atuação é definido pelo

Senhor Jesus. A Nova Tradução na Linguagem de Hojeverte o versículo 5 da seguinte forma: “*Existem maneiras diferentes de servir, mas o Senhor que servimos é o mesmo.*” O Espírito deu a Paulo e Pedro o mesmo dom, o de pastor. Mas o campo de atuação de cada um é diferente. Enquanto Cristo definiu que Pedro deveria pregar aos judeus, a Paulo Ele ordenou ir aos gentios. É o mesmo dom, mas as áreas de influência são diferentes. Definir isso é o papel de Cristo.

Por último, Paulo ensina que o resultado de nosso trabalho fiel é dado por Deus. Um pouco antes, tinha explicado que ele mesmo havia plantado e Apolo tinha regado, mas que o crescimento vinha de Deus (1 Coríntios 3:6). Quem define o impacto de nosso ministério é Deus, o Pai. A distribuição de funções na capacitação da igreja indica a distinção de pessoas e o mesmo nível de autoridade entre os membros da divindade.

A Triunidade e o plano da salvação

Na saudação do apóstolo Pedro, em sua primeira epístola, pode-se observar a divindade empenhada na salvação do homem: “*Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, aos eleitos que são forasteiros da Dispersão no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia, eleitos, segundo a presciênciade Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e a aspersão do sangue de Jesus Cristo, graça e paz vos sejam multiplicadas*

” (1 Pedro 1:1 e 2). O apóstolo recorre a presciênciade Deus Pai para confortar os cristãos. Essa capacidade de saber de tudo antes que aconteça, está relacionada com a eleição divina. Em Cristo, Deus nos predestinou para a salvação. Na abertura da carta de Paulo aos Efésios, o apóstolo cita isso como uma das bênçãos que recebemos de Deus. Ele “*nos predestinou para Ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de Sua vontade*”. Isso significa que o homem não precisa aceitar a salvação tão graciosamente oferecida pelo Céu? A pessoa tem a liberdade de escolher se quer ou não ser salva. Aqueles a quem Pedro chama de eleitos no versículo 2, afirma que são chamados no versículo 15: “*pelo contrário, segundo é santo aquele que vos chamou, tornai-vos santos também vós mesmos em todo o vosso procedimento*”. A doutrina da predestinação bíblica está ligada ao chamado divino, que pode ou não ser aceito pelo homem.

Pedro continua dizendo que somos eleitos por Deus, e o Espírito Santo desperta em nós o desejo de atender a esse chamado. É o início da

caminhada cristã, a santificação. A obra de santificar o homem é do Espírito Santo. Em Tito 3:5, o apóstolo afirma que “*Ele [Deus] nos salvou mediante o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo*”. O Espírito faz o homem nascer de novo (João 3:3-6) e grava em seu coração a Lei de Deus (Hebreus 10:15 e 16). Por nos amar (Romanos 15:30), o Espírito derrama o amor de Deus em nosso coração (Romanos 5:5).

Por fim, o apóstolo Pedro aponta para a obra de Cristo na cruz. Ele diz que somos salvos pelo sangue aspergido por Cristo. É possível perceber a progressão no pensamento do escritor inspirado. Deus nos elege, o Espírito no alcança e aceitamos a Cristo, que morreu por nós. Em poucas palavras, Pedro descreve o empenho do Deus Triuno em salvar a humanidade. Por esse motivo, Ellen G. White comentou: “A Divindade moveu-Se de compaixão pela raça, e o Pai, o Filho e o Espírito Santo deram-Se a Si mesmos ao estabelecerem o plano da redenção.”⁷

Se Pedro enfatiza a justificação do crente como obra da Triunidade, o apóstolo Paulo, no capítulo 8 de Romanos, destaca a participação da divindade no processo de santificação. No capítulo 7 da mesma carta, Paulo descreve a luta do cristão contra sua natureza carnal. Contudo, ele começa o capítulo 8 com uma nota de esperança: “*Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus*” (Romanos 8:1). A palavra *condenação*, usada nessa passagem, não indica nossa justificação, quando Deus nos declara justos, mas aponta para o fato que se pode dominar a natureza pecaminosa, desde que se viva no Espírito. “*Onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade*” (2 Coríntios 3:17). No versículo seguinte, o autor contrasta a inclinação natural para o mal, chamada por Paulo de “*lei do pecado e da morte*”, com o domínio do Espírito Santo. Ele chama essa dimensão espiritual de “*lei do Espírito da vida*”. A ação do Espírito de Deus no crente não é mecânica, mas viva. Nos demais versículos, ele continua contrastando a vida de quem deseja ser dominado pelo pecado com a de quem é controlado pelo Espírito. No versículo 9, Paulo explica que a vida no Espírito é a comunhão com a Triunidade: “*Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se, de fato, o Espírito de Deus habita em vós. E, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dEle.*” Ele primeiro cita o Espírito Santo, depois faz referência ao Pai e, por fim, a Cristo. Essas palavras apontam a um trinitarianismo “em

que a habitação do Espírito é a presença de Deus em Cristo.”⁸

Alguns usam essa passagem para tentar provar que o Espírito de Cristo é o Espírito Santo. Eles se esquecem de que o texto cita também o Espírito de Deus em uma clara referência ao Pai. Portanto, se alguém tentar confundir as pessoas do Espírito Santo com Cristo, baseado nesta passagem, terá que fazer o mesmo com o Pai, o que levaria à conclusão equivocada de que Jesus e o Pai são a mesma pessoa. Na verdade, Paulo está ensinando que os três membros da divindade estão operando na vida do cristão para gerar nele uma vida vitoriosa contra o pecado. Em seguida, mostra que o Deus Triuno deseja ter comunhão com o crente e estabelecer uma relação de intimidade com ele. Leia com atenção as seguintes palavras: “Porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus [Pai] são filhos de Deus. Pois vocês não receberam um espírito que os escravize para novamente temerem, mas receberam o espírito que os adota como filho, por meio do qual clamamos: ‘Aba, Pai’. O próprio Espírito [Santo] testemunha ao nosso espírito que somos filhos de Deus. Se somos filhos, então somos herdeiros de Deus e coerdeiros com Cristo [Filho], se de fato participamos dos Seus sofrimentos, para que também participemos da Sua glória” (Romanos 8:14-17).

A confiança nos membros da divindade protege os crentes do perigo de abandonarem a fé cristã. Nos versículos 20 e 21 da epístola de Judas, o apóstolo escreveu: “Edifiquem-se, porém, amados, na santíssima fé que vocês têm, orando no Espírito Santo. Mantenham-se no amor de Deus, enquanto esperam que a misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo os leve para a vida eterna.”

Judas muda o foco da sua atenção nesta altura da carta. Até agora, está falando dos falsos mestres. Nesse ponto, Judas inicia um trecho de instrução que visava proteger os crentes da influência desses falsos ensinadores. Eles deviam ter uma fé fundamentada no profundo conhecimento da “santíssima fé”, a mesma que ele denominou anteriormente de “a fé que uma vez por todas foi entregue aos santos” (versículo 3). Para isso, os crentes precisavam orar no Espírito Santo. Segundo o comentarista bíblico Michael Green, “a batalha contra os falsos ensinos, pois, não é ganha por argumentos”.⁹ O cristão é dirigido pelo Espírito Santo quando mantém comunhão com Ele através da oração. Judas avança em seu argumento, dizendo que somos protegidos do erro quando permanecemos na esfera do amor de Deus Pai. Por fim, argumenta que a promessa da vinda de Cristo também nos protege da apostasia. A visão da eternidade fortalece o cristão a vencer as dificuldades desta vida. Nessa passagem, Judas cita as três virtudes cristãs (a fé, o amor e a esperança) e as relaciona com cada membro da Triunidade: o Espírito Santo, o Pai e o Filho. Em síntese, o Deus Triuno defende Seus filhos contra o erro.

Referências

- 1 CONNER, Walter T. *Revelação e Deus*, p. 278.
- 2 Comentário bíblico Broadman, vol. 9, Lucas-João, p. 38.
- 3 WHITE, Ellen G. *The Review and Herald*, 8 de agosto de 1878.
- 4 *O Desejado de Todas as Nações*, p. 112.
- 5 *Idem*.
- 6 *Ibidem*, p. 671.
- 7 *Conselhos sobre saúde*, p. 222.
- 8 MODDY, Dale. *Comentário bíblico Broadman, Romanos*, vol. 10. Rio de Janeiro: JUERP, 1984, p. 243.
- 9 GREEN, Michael. *Il Pedro e Judas – introdução e comentário*. São Paulo, Vida Nova e Mundo Cristão, 1988, p. 176.

Anotações para estudo:



Conclusão — E agora, que faremos?

Os semitas têm uma forma de ver o conhecimento, diferente dos gregos. Na visão do primeiro grupo, enquanto a ciência deve ser algo prático, tendo uma função, o segundo grupo aprecia o saber pelo simples prazer de conhecer, mesmo que aquilo não tenha nenhuma utilidade.

A cultura ocidental foi calcada no pensamento grego, e nossa forma de estudar é muito conteudista. Na escola, aprendemos um monte de coisas que não vão servir para nada. Isso é culpa dos gregos. Estamos tão acostumados a essa forma de pensar, que levamos isso para outras áreas da nossa vida. Assim, nos aprofundamos nos estudos religiosos apenas pelo prazer que o conhecimento proporciona, e continuamos cometendo os mesmos erros que já devíamos ter abandonado há muito tempo. Por outro lado, para o povo de Israel, o conhecimento é fundamental à felicidade, mas se não levar a uma vida piedosa, não terá utilidade nenhuma.

Essa pequena introdução foi escrita por causa do material que você acaba de ler. Com certeza, muitas coisas que você estudou são novas, enquanto outras, nem tanto. Não há como estudar os assuntos do ENAR deste ano sem ser tocado pela profundidade dos temas propostos. Cremos que seu conhecimento teológico aumentou. Mas se tudo o que você estudou não tocou seu coração, então será um conhecimento inútil.

Deus nos convida a crer no Evangelho, mas não nos faz construir o edifício da fé no ar. Os alicerces devem estar firmados sobre a rocha da verdade. Os fundamentos devem estar baseados na Palavra de Deus. Tal conhecimento é poderoso, mas para ter efeito permanente, é preciso que alcance o coração. Você pode saber toda a teoria da verdade, e mesmo assim acabar perdido eternamente. Acredito que não exista algo mais triste do que uma pessoa dedicar a vida ao aprendizado e ensino da verdade e depois se perder. Quantos pregadores assumem o púlpito para falar e não têm uma experiência real com Jesus Cristo! Quantos dão estudos bíblicos e levam muitas pessoas ao batismo, mas não sabem o que significa amar a Deus!

Após estudar sobre a divindade, é impossível você não ter percebido o quanto Deus o ama. Contudo, Ele ama tanto você que respeita seu direito de escolha. Ele lhe oferece a salvação gratuitamente, através de Jesus Cristo, mas não força a entrada. O Espírito Santo trabalha como o vento, de forma discreta e permanente, mas sem fazer barulho. O Pai olha todos os dias para a estrada que o filho pródigo tomou para viver longe de casa, mas espera que ele volte com os seus próprios pés. Quanto tempo você vai resistir a esse apelo? Jesus deseja entrar na sua vida e morar em seu coração. O Espírito Santo deseja derramar o amor de Deus em seu viver. O Pai deseja ter um relacionamento profundo com você. Atenderá você ao apelo do Deus Triuno?

Anotações para estudo:



EXAME NACIONAL REFORMISTA-2019



APOSTILA DE ESTUDOS

Quem é Deus?

O Deus dos nossos pais

A Triunidade de Deus no Novo Testamento

A Divindade de Cristo revelada na Antiga Aliança

Jesus Cristo, Deus pleno

“E o Verbo se Fez carne”

O Espírito Santo

Os dons do Espírito Santo

O Deus triuno nos ama

Conclusão — E agora, que faremos?



DEPARTAMENTOS DE JOVENS DAS
UNIÕES NORTE E SUL BRASILEIRAS

JOVENS
JUNISUL



Chegou a hora de você testar todos os seus conhecimentos bíblicos!